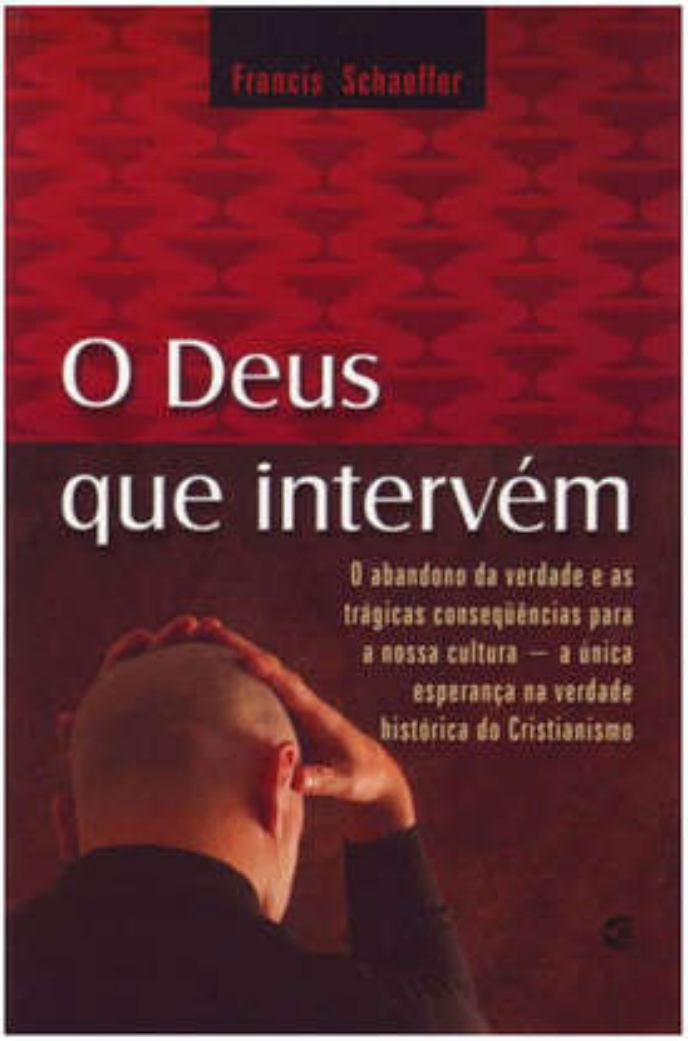

Francis Schaeffer
O Deus
que intervém
O abandono da verdade e as
trágicas conseqüências para
a nossa cultura — a única
esperança na verdade
histórica do Cristianismo

O DEUS QUE INTERVÉM

O Deus que Intervém © 2002, Editora Cultura Cristã.
© /968, Francis A. Schaeffer. Originalmente publicado em inglês com o título *The God Who is There* pela Hodder and Stoughton Limited; 38 Euston Road, London, WI 3BH England.
Todos os direitos são reservados.

1ª edição — 2002 3.000 exemplares

Tradução
Gabrielle Gregersen

Revisão
David de Araújo
Arlinda Madalena Tones

Editoração
Ailton de Assis Dutra

Capa
Expressão Exata

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra *(Presidente),* Alex Barbosa Vieira,
Aproniano Wilson de Macedo, Fernando Hamilton Costa,
Mauro Meister, Ricardo Agreste e Sebastião Bueno Olinto.

EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Junior, 382/394 - Cambuci
01540-040 - São Paulo - SP - Brasil
C.Postal 15.136 - São Paulo - SP - 01599-970
Fone (O'li) 270-7099 - Fax (0"11) 279-1255
www.cep.org.br - cep@cep,org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Mana

Sumário

Prefácio ã Trilogia 7

Prefácio de J.I. Packer 11

Prefácio do Autor 17

Seção Um
O CLIMA INTELECTUAL E CULTURAL DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO 20

Capítulo 1:
A linha divisória é fixada 21

Capítulo 2:
O primeiro degrau na linha do desespero: a filosofia 33

Capítulo 3:
O segundo degrau: a arte 51

Capítulo 4:
O terceiro e o quarto degraus: a música e a cultura geral 63

Capítulo 5:
O fator unificador dos degraus do desespero 73

Seção Dois
A RELAÇÃO DA NOVA TEOLOGIA COMO CLIMA INTELECTUAL

Capítulo 1:
O quinto degrau: a teologia 83

Capítulo 2:
O misticismo moderno: desespero para além do desespero 89

Capítulo 3:
O misticismo moderno em ação: arte e linguagem 101

Capítulo 4:
O misticismo moderno em ação: música e literatura 111

Capítulo 5:
A próxima fase da teologia moderna 123

Seção Três
COMO O CRISTIANISMO HISTÓRICO DIFERE DA NOVA TEOLOGIA

Capítulo 1:
Personalidade ou barulheira infernal 137

Capítulo 2:
Fatos e conhecimentos verificáveis 145

Capítulo 3:
O dilema do homem 157

Capítulo 4:
A resposta de Deus ao dilema do homem 165

Capítulo 5:
Como saber se *é* verdade? 171

Seção Quatro
FALANDO DO CRISTIANISMO HISTÓRICO AO SÉCULO 20

Capítulo I:
Descobrindo o ponto de tensão 183

Capítulo 2:
Do ponto de tensão até o evangelho 193
Capítulo 3:
Aplicando o evangelho 201

Seção Cinco
A PRÉ-EVANGELIZAÇÃO NÃO É UMA OPÇÃO FÁCIL
Capítulo 1:
Testemunhando a fé cristã para a nossa geração 211
Capítulo 2:
A importância da verdade 217

Seção Seis
A VIDA PESSOAL E COLETIVA EM MEIO AO SÉCULO 20
Capítulo 1:
Demonstrando o caráter de Deus 227
Capítulo 2:
Lei, mas não somente lei 237

Apêndice A:
A questão da apologética 245
Apêndice B:
O problema da igreja de classe média na segunda metade do século 20 263
Apêndice C:
A prática da verdade 271

Glossário 277
Notas 283
Índice remissivo 293

Prefácio à Trilogia

Esta trilogia reúne os livros fundamentais de Francis Schaeffer em volumes separados. Schaeffer encarava esses três livros como essenciais para o entendimento de qualquer outra coisa que ele já havia escrito (vinte e três livros ao todo), e é aqui que ele lança o fundamento de toda a sua obra. Decidimos reeditar esses três livros devido ao sentido contínuo e relevância do pensamento de Francis Schaeffer. Na verdade, a maior parte dos seus escritos não nos parece menos atual hoje do que na época em que foram publicados pela primeira vez muitos anos atrás.

O que há de exclusivo na contribuição de Francis Schaeffer é a sua compreensão da desesperadora carência que o homem moderno tem da verdade, beleza e sentido da vida. Isto fica particularmente evidenciado no seu ministério do L'Abri, na Suíça, que foi fundado por Francis e Edith Schaeffer e se concentrava amplamente naquele lar. Milhares de pessoas vinham até o L'Abri: profissionais de todos os tipos e de todas as partes do mundo. Como Edith Schaeffer escreveu em seu livro *L'Abri:*

Em vez de estudar livros e mais livros em uma torre de marfim isolada da vida e desenvolver teorias alienadas do pensamento e das lutas do ser humano (Frands Schaeffer conversou durante muitos anos) com homens e mulheres bem em meio às lutas daquelas pessoas. Ele estabeleceu diálogo com existencialistas, positivistas lógicos, hindus, budistas, protestantes e católicos liberais, judeus reformados e ateus, muçulmanos, membros de seitas do ocultismo e pessoas de uma ampla variedade de religiões e filosofias, bem como ateus de uma grande variedade de tipos. Ele conversou com os mais brilhantes professores, os mais brilhantes estudantes, os mais brilhantes evadidos. Conversou com beatniks, hippies, dependentes de drogas, homossexuais e pessoas com distúrbios psicológicos. Conversou com africanos, indianos, chineses, coreanos, japoneses, sul-americanos, pessoas das ilhas de todos os mares, da Austrália e Nova Zelândia e de todos os países europeus bem corno dos Estados Unidos e do Canadá. Conversou com pessoas de cores políticas bem distintas. Ele dialogou com médicos, advogados, cientistas, artistas, escritores, engenheiros, pesquisadores de vários campos do saber, filósofos, homens de negócios,jornalistas e atores, pessoas famosas e camponeses.

Com tudo isso, Deus lhe deu uma formação que é privilégio de poucos. As respostas foram encontradas, não em decorrência de alguma pesquisa acadêmica (embora ele costumasse ler livros e mais livros para se manter atualizado), mas a partir desses diálogos vivos. Ele respondia a questões verdadeiras com respostas cuidadosamente elaboradas e que eram, de fato, as respostas verdadeiras. Ele fica entusiasmado toda vez que se dirige a mim, freqüentemente dizendo: "Esta é a resposta certa, Edith! Ela se encaixa. É verdade mesmo, e porque é verdade, ela se encaixa com a realidade."

Foi a partir desse encontro com pessoas de verdade, com necessidades verdadeiras, que Francis Schaeffer escreveu os livros que compõe a sua trilogia. Podemos dizer, de forma sumária, que eles se relacionam um ao outro do seguinte modo:

O Deus que Intervém (no original, *The God Who Is There)* foi escrito em primeiro

lugar e lança os fundamentos, estabelece a terminologia e propõe a tese básica. Neste livro, Francis Schaeffer mostra como foi que o pensamento moderno abandonou a idéia de verdade, com trágicas conseqüências para todas as áreas da cultura—desde a filosofia, até a arte, música, teologia e na sociedade como um todo. A única esperança, argumenta Schaeffer, está em confrontar a nossa cultura com a verdade histórica do Cristianismo — apresentada com paixão e sem concessões, e vivida de forma completa, em todas as áreas da vida individual e comunitária.

A *Morte da Razão* (no original, *Escape From Reason)* complementa o primeiro livro desenvolvendo esses princípios no campo filosófico da natureza e da graça. Além disso, A *Morte da Razão* tem uma contribuição significativa, no sentido de mostrar como a cultura moderna nasceu e se expandiu a partir de raízes corrompidas, vindas desde o final da Idade Média.

O Deus que se Revela (no original, *He Is There and He h Not Silent)* foi o último a ser escrito nessa trilogia. Como o autor explicou em suas próprias palavras, "Esse livro trata de uma das questões mais fundamentais de todas: como é que podemos vir a saber e como podemos saber que sabemos. Se a nossa epistemologia não estiver correta, todo o resto acabará igualmente comprometido." Assim, Schaeffer pondera que o pensamento moderno está fundamentalmente errado em suas posições quanto a como sabemos e o que sabemos. Contrastando com o silêncio e desespero do homem moderno, Schaeffer mostra que podemos de fato conhecer o Deus que existe porque ele se revela.

Não seria exagero afirmar que esses três livros produziram um impacto profundo em toda uma geração de cristãos nas últimas décadas. Reeditando essas obras agora é nossa esperança que a aguçada percepção de Francis Schaeffer ajudará outras gerações em busca da verdade, beleza e significado da vida.

Prefácio de Packer

Francis A. Schaeffer O Homem e sua Visão

Ele era fisicamente baixo, de fronte proeminente, sobrancelha abundante e cavanhaque. Suas pernas americanas viviam confortavelmente metidas em bermudas dos Alpes, sua cabeça se enterrava nos ombros e o seu rosto carregava um ar de brilhante abstração. Nada especial nele, imaginaria alguém; sem dúvida, um homem sério e resoluto, quem sabe um tanto excêntrico, mas dificilmente alguém o consideraria especial, por tais motivos.

Cativante, contudo, era o que ele dizia. Tinha firmeza, uma visão que convencia; delicadeza, uma força que convencia; clareza simples, habilidade mental que convencia; e compaixão, um honesto e bom coração que convencia. Não havia qualquer sina] de espírito enganoso, nenhuma parcialidade redutora, nenhuma forma de manipulação, só a pura capacidade de persuasão do profeta

que se apressa em compartilhar com os outros o que ele está vendo.

Quem foi Francis Schaeffer? Schaeffer foi um homem que tinha o hábito da leitura e reflexão, que vivia no presente, aprendia com o passado e voltava os olhos para o futuro, e que tinha o dom incomum de comunicar idéias, sem cair no academicismo. O seu estilo de comunicação não era o de um acadêmico meticuloso, que se empenha pela abordagem completa e pela objetividade imparcial. Ele era muito mais um pensador imparcial que pintava a sua visão da verdade eterna com linhas grossas e fortes contrastes.

Os acadêmicos nunca se cansaram de censurar Schaeffer por esta sua forma de comunicação. Mas é um fato que muitos jovens pensadores e artistas, em seu agravado ódio de todas as correntes da moda em seus campos profissionais, consideravam as análises de Schaeffer unia tábua de salvação para voltar à sanidade mental, sem a qual eles literalmente não conseguiam continuar vivendo. Schaeffer assumia-se como um evangelista, chamado para dizer a verdade com intransigente urgência a pessoas reais que estavam com problemas de verdade, que tinham as suas vidas destruídas pelo relativismo, irracionalismo, fragmentação e niilismo da cultura de hoje. Assim, eu consideraria o mais correto chamá-lo de pastor-profeta, um visionário baseado na Bíblia que, à luz da sua visão, saiu à procura de um mundo carente e passou a pastorear as ovelhas do Senhor.

O que conferia a Schaeffer a sua importância? Para entendermos isso melhor, seria útil esboçarmos as percepções essenciais que deram forma à sua visão e obra.

Em primeiro lugar, Schaeffer tinha uma viva percepção da natureza integral da realidade criada, da vida humana, do pensamento das pessoas e da verdade revelada por Deus. Ele tinha facilidade para compreender primeiros princípios, sistemas e totalidades, e jamais discutia assuntos de forma isolada ou abandonava algum ponto de vista, sem antes explorá-lo e testar as suas implicações como tentativa de explicação da realidade e da vida como um todo. Ele considerava análises fundamentais deste tipo muito esclarecedoras, pois, como ele mesmo costumava frisar, não há essencialmente grande quantidade de visões de mundo e nós todos temos a necessidade de perceber o quanto os nossos pensamentos fortuitos, que tantas vezes permanecem apenas no nível superficial, estão, de fato, assumindo como evidente. Assim, a identificação de pressupostos era um elemento essencial ao método que Schaeffer adotava para abordar toda e qualquer opinião sobre qualquer assunto. Ele sempre apresentava a religião cristã pautada pelos pressupostos do próprio Cristianismo e de uma forma teologicamente sistemática, como sendo as boas novas reveladas pelo nosso Criador, que é racional e sagrado e se tornou o nosso Redentor gracioso e misericordioso, no espaço e tempo.

Em segundo lugar, Schaeffer percebia a primazia da razão em cada constituição individual e o potencial das idéias na mente humana. Ele via que as "idéias têm pernas," de modo que o nosso modo de pensar determina o que nós somos. Assim, a primeira tarefa na evangelização, seja no Ocidente moderno ou em qualquer outro lugar, é de persuadir a outra pessoa de que ela deve abraçar a visão cristã da realidade. E o primeiro passo para tanto é de convencê-la da *inviabilidade* de *todas* as outras visões, incluindo qualquer outra forma de não-

> Cristianismo implícita no seu próprio pensamento. Isto significa tratá-la, não como algum "intelectual", mas como um ser humano que sem dúvida ela é. Remeter-se à sua mentalidade dessa forma, nada mais é do que mostrar respeito por ela, como ser humano, feito para a verdade porque feito à imagem de Deus.

Em terceiro lugar, Schaeffer percebia que a mente ocidental encontra-se à deriva num mar de relativismo e irracionalismo. Ele via que a noção de verdade, entendida como algo que implica na exclusão das inverdades, e dos valores, entendidos como algo que envolve a exclusão dos antivalores, extinguiu-se, tanto no pensamento sofisticado quanto no popular. No seu lugar instalou-se a idéia de síntese contínua — a noção de que provavel mente não haja distinção real entre o certo e o errado ou a verdade e a inverdade e que toda antítese provavelmente acabará sendo absorvida por um "pan-tudismo" sem critérios.

Para fazer as pessoas se darem conta de como elas têm sido vítimas desta forma de pensar ao longo da vida, Schaeffer costumava introduzir os seus temas com uma análise histórica, mostrando como foi que o pensamento ocidental a este respeito alcançou o seu atual estado de delírio. O objetivo das análises era resgatar a noção de que há uma antítese absoluta entre verdade e erro, bem e mal, beleza e a feiúra obscena, e assim, remobiliar as nossas mentes destruídas e assaltadas, de maneira que torna outra vez possível para nós o pensamento significativo sobre a vida, a morte, a personalidade e Deus.

Em quarto lugar, Schaeffer percebeu a importância de identificar — em todas as discussões apologéticas e evangelísticas e todo o ensinamento sobre o que implica ser um cristão — isto que ele chamou de antítese e ponto de tensão. A antítese é entre verdade e inverdade, o certo e o errado, o bem e o mal, o que tem sentido e o que é absurdo, sistemas de valores cristãos e não-cristãos, absolutismo cristão e relativismo secular. Ele decidiu que, em cada tópico que tratasse, abordaria as escolhas "ou isso ou aquilo" que deveriam ser feitas na esfera dos princípios primeiros e mostraria que as alternativas bíblico-cristãs para a vida pessoal e comunitária são as únicas que possuem consistência racional ao mesmo tempo em que são suficientemente humanas. Desta forma ele buscava resgatar mentes des-norteadas e desnorteantes, em relação às opções ontológicas que se apresentam ao indivíduo, e em relação às alternativas éticas disponíveis no mundo ocidental contemporâneo.

Em quinto lugar, Schaeffer percebeu a necessidade de se viver a verdade tanto quanto de refletirmos nela — para assim provar ao mundo, por meio do modo de vida transformado dos crentes, que o "Deus infinito-pessoal é uma realidade na nossa geração."

O L'Abri, que se situa em Huémoz, na Suíça e as suas filiais, espalhadas por todo o mundo, foi fruto desta convicção. Cada L'Abri é um centro de estudos, uma missão de resgate, uma grande família, uma clínica, um lar de recuperação, um monastério e uma igreja loca], tudo de uma vez: um ambiente em que os visitantes aprendem a serem cristãos e a serem humanos, sendo parte de uma comunidade que crê em Deus, o Criador e o serve por meio de Cristo, o

Redentor.

Schaeffer reconhecia que a credibilidade do Cristianismo exige que a verdade não seja meramente defendida, mas também praticada; não só discutida, mas também vivida. A consciência de que a verdade de Deus estava se realizando no L'Abri alimentava a sua ousadia ao pleitear que a mesma verdade fosse praticada em outros lugares.

Que importância terá Schaeffer para a causa cristã, a longo prazo? Aguardemos para ver. A lei da fama humana certamente tratará Schaeffer do mesmo modo como fez a outros, esquecendo-se dele temporariamente, agora que ele morreu, e permitindo-nos ver a sua real estatura só daqui a mais dez ou vinte anos. Meu palpite é que os seus esboços verbais e visuais, que me parecem simples, porém brilhantes, sobreviverão a tudo o mais, mas eu posso estar enganado. O que é certo para mim, entretanto, é que eu não estaria totalmente errado em homenagear Francis Schaeffer, o pequeno pastor presbiteriano que viu bem mais do que procurou e sofreu com isso mais amorosamente do que nós, como um dos verdadeiramente grandes cristãos do meu tempo.

J.I. Packer

Fevereiro de 1990

Prefácio do Autor

Com a nova publicação de *The God Who Is There* e *Escape From. Reason* em um só volume', vimo-nos em face de um dilema. Eu havia escrito O *The God Who Is There* primeiro. Então, antes da sua publicação, eu dei uma série de palestras em Swanwick, Inglaterra, que eu chamei de "Escape From Reason". Mal imaginava eu, na época, que as palestras seriam publicadas, de modo que eu acabei aproveitando, até certo ponto, o mesmo material de *The God Who Is There.* Ao final dessas palestras, a F3ritish InterVarsity me pediu permissão para publicar as palestras em forma de livro. Eu o fiz e fiquei contente com o seu uso tão amplo. Embora escrito mais tarde, *Escape From Reason* foi lançado antes de *The God Who Is Títere.*

Quando acabamos juntando tudo num só volume ficamos divididos, entre dois caminhos. Editar os dois, um após o outro, acabaria gerando alguma duplicidade. E, se excluíssemos o *Escape From Reason,* enquanto um corpo, muitos leitores poderiam sentir

como se tivessem perdido um velho amigo que já lhes foi de grande ajuda.

Primeiro eu procurei então fazer uma combinação dos dois, mas acabou ficando claro que isso não daria certo. O problema não estava em juntá-los em corpo articulado; essa parte era fácil. O problema estava no conteúdo mesmo, que incluía fatos bem diferentes e nuances que se perderiam, em meio aos assuntos comuns, tratados em ambos os livros. Ambos os livros são igualmente necessários, para se entender como viemos parar onde estamos hoje.

Escape From Reason foi originalmente apresentado em forma de palestras. Dado o grupo ao qual eu estava ministrando, em cada palestra eu dei urna ênfase especial ao sentido que o pensamento moderno tem para o pensamento cristão. De modo que eu voltava a tocar neste tema em diferentes momentos e não em uma seção, como no caso de *The God Who R There,* que foi planejado e escrito já em forma de livro.

Se eu fosse dar estas palestras novamente, faria o mesmo, pois grande parte do pensamento cristão de hoje continua a ignorar a sua própria impregnação pelas formas de pensamento predominantes nos meios atuais. Quando ministrei as palestras pela primeira vez, o problema e a confusão sempre vieram da parte de profissionais da área das ciências. Hoje, eles me são colocados pelo lado teológico; no entanto, as dúvidas e questionamentos são precisamente os mesmos, só que ainda mais destrutivos. Portanto, é tão importante hoje, como foi nos anos 60 enfatizar a nossa urgente necessidade de entender o sistema moderno de pensamento como um todo, reconhecendo nele a dicotomia e o desesperado "salto no escuro". Se quisermos verdadeiramente desafiar o homem moderno, não devemos alimentar essa dicotomia; precisamos ter as Escrituras falando a verdade, tanto sobre o próprio Deus quanto sobre o mundo real da História e do cosmos.

Francis Schaeffer, 1982

Seção Um

O CLIMA INTELECTUAL E CULTURAL DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO 20

...Senhor..
todas as coisas tu criaste,
sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas. (Apocalipse 4.11)

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem,à imagemde Deus o criou; homem e mulher os criou.
(Génesis 1.27)

Mas agora, assim diz o SENHOR,
que te criou, á Jacó,
e que te formou, b Israel:
Não temas, porque eu te remi;
chamei-te pelo teu nome, tu és meu.

Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti.
Porque eu sou o SENHOR teu Deus,
o Santo de Israel, o teu Salvador
(horas 43.1-3)

O Universo não estava prenhe com a vida, nem a biosfera com o homem. Nosso número veio em um jogo de Monte Carlo. (Jacques Monod)

O que queremos dizer com "to man qua man" é bom livramento. R.E Slcinner)

Capítulo 1

A LINHA DIVISÓRIA É FIXADA

Antes do abismo

O atual abismo entre as gerações ocasionou-se quase que totalmente de uma alteração do conceito de verdade.

Por onde quer que você olhe hoje em dia, é o novo conceito que domina. O consenso ao nosso redor é praticamente unânime, não importa, se olhamos para as artes, literatura ou simplesmente lemos os jornais e revistas tais como *Time, Life, Newsweek, The Listener* ou *The Observer.* Podemos sentir por todos os lados as impressões desta nova metodologia— e por "metodologia" estamos querendo dizer o modo pelo qual nos aproximamos da verdade e do conhecimento. É como ficar sufocado num nevoeiro particularmente forte em Londres. E, da mesma forma que não podemos conter o nevoeiro com paredes e portas, assim também esse consenso se instaura à nossa volta, até que o quarto em que moramos não esteja mais livre dessa poluição, e ainda assim dificilmente nos daremos conta que isso aconteceu.

O trágico de nossa presente situação é que homens e mulheres estão sendo profundamente afetados por esta nova forma de encarar a verdade e nem sequer pararam para analisar a mudança que estava acontecendo. Os jovens nos lares cristãos são educados de acordo com o velho paradigma da verdade. E então, passam a estar sujeitos à estrutura moderna. Com o tempo, ficam confusos por não conseguir compreender as alternativas que lhe estão sendo apresentadas. A confusão transforma-se em revolta e, antes que eles se dêem conta, estão completamente rendidos. Infelizmente, isto não vale apenas para pessoas jovens, mas também para muitos pastores, educadores, evangelistas e também missionários cristãos.

Assim, esta mudança no conceito de como alcançamos o conhecimento e a verdade é, a meu ver, um problema crucial, se observarmos o Cristianismo de hoje.

Quem morasse na Europa por volta de 1890 ou nos Estados Unidos da América pouco antes de 1935 não teria que perder tanto tempo, na prática, refletindo sobre os seus próprios pressupostos (estas datas são arbitrárias, pois a mudança chegou, na Europa ao menos,

de forma bastante gradual. Nos Estados Unidos da América, os anos decisivos da mudança foram de 1913 até 1940, e ao longo desses relativamente poucos anos todo o modo de pensar passou por uma revolução. O ano de 1913 foi um dos mais importantes nos Estados Unidos, não porque se tratava do ano anterior à Primeira Guerra Mundial, mas por outra razão altamente significativa, como veremos mais adiante).

Antes destas datas, todos trabalhavam com base nos mesmos pressupostos que, na prática, pareciam estar de acordo com os pressupostos do próprio Cristianismo. Isto *é* verdade, tanto no campo da epistemologia quanto no da metodologia. *Epistemologia* é a teoria acerca de como produzimos conhecimento, ou de como podemos ter certeza de que o que pensamos que sabemos do mundo a nossa volta é correto. *Metodologia* é a forma como atacamos a questão da verdade e do conhecimento.

> Pode ser argumentado que os não-cristãos não tinham razões para agir com base nos pressupostos pelos quais agiam. É verdade. Estavam sendo românticos em aceitar respostas otimistas, sem base suficiente. No entanto, eles continuavam pensando e agindo como se tais pressupostos fossem verdadeiros.

E quais eram estes pressupostos? O pressuposto básico diz que há de fato coisas como absolutos. Eles aceitavam a possibilidade de um absoluto no campo de Ser (ou *conhecimento),* e no campo da *moral.* Por isso, porque eles aceitavam a possibilidade de absolutos, embora as pessoas possam ter discordado do que fossem estes absolutos, ainda assim eles podiam raciocinar juntos, a partir da base clássica da *antítese.* Eles tinham por certo que, se há alguma coisa verdadeira, o oposto tem de ser falso. Quando se trata de moral, se algo *é* verdade, o contrário é falso. Esta pequena fórmula, "A" é "A" e "Se você tem A, ele não é não-A", é o primeiro passo da lógica clássica. Quando compreendemos as extensões de isto não mais ter apoio nos damos conta da nossa condição atual.

Absolutos implicam antítese. O não-cristão romanticamente persiste agindo sobre esta base, sem motivos suficientes, com uma base inadequada para agir desta maneira. Assim, ainda seria possível discutir o que seria certo e errado, o que seria verdade e falso. Poderíamos dizer a urna não-cristã para "ser uma boa menina" e, ainda que não seguisse o nosso conselho, pelo menos teria noção do que estávamos falando. Agora, se fôssemos dizer a mesma coisa a uma garota realmente moderna dos dias de hoje, ela o consideraria um conselho "absurdo". O olhar desentendido que provavelmente receberíamos em resposta não significaria uma rejeição aos nossos padrões, mas que a mensagem não faz absolutamente sentido algum para ela.

A mudança de paradigmas foi tremenda. Há trinta ou mais anos você podia dizer coisas do tipo "Isto é verdade" ou "Aquilo é certo", e estaria falando numa linguagem compreensível a todos. As pessoas podiam ou não estar sendo coerentes com as suas crenças, mas todos estariam conversando uns com os ou tros, pressupondo que a idéia da antítese é correta. Assim, no evangelismo, em assuntos espirituais e na educação cristã, você poderia começar com a certeza de que sua platéia o entenderia.

A apologética pressuposicional teria impedido o declínio'

Sem dúvida, foi lamentável o fato de que os nossos "pensadores" cristãos, antes que a mudança se instalasse e que o despenhadeiro fosse estabelecido, não tenham ensinado e pregado com base em uma clara compreensão das pressuposições. Tivessem eles agido assim, não teriam sido tomados de surpresa e poderiam ter ajudado os jovens a enfrentar suas dificuldades. Mas a maior ironia em tudo isso é o fato de que, mesmo agora, anos

depois de a mudança se completar, muitos cristãos ainda não sabem o que está acontecendo. E isso se deve ao simples fato de que continuam não sendo instruídos acerca da importância de pensar em termos de pressuposições, especialmente no que diz respeito à verdade.

As correntes do pensamento secular e da teologia liberal tomaram conta da Igreja, porque os líderes não entendem a importância de um falso grupo de pressuposições. Muitas vezes batalharam em território errado e, assim, ao invés de se colocarem à frente, ao mesmo tempo na defesa e na comunicação, ficavam para trás rastejando de forma patética. Esta é a fraqueza real que, mesmo hoje em dia, é difícil de se corrigir entre os evangélicos.

O uso da apologética clássica era eficaz antes dessa mudança apenas porque os não-cristãos agiam, superficialmente ao menos, a partir dos mesmos pressupostos que os cristãos, ainda que com uma base inadequada para tanto. Por outro lado, na apologética clássica as pressuposições raramente eram analisadas, discutidas ou levadas em conta.

Assim, caso alguém se levantasse para pregar o Evangelho, dizendo "Creiam nisto, é verdade", os ouvintes provavelmente diriam "bem, se é mesmo assim, o contrário é falso". A pressuposição da antítese estava impregnada por toda a estrutura mental do homem. Não se esqueça de que o Cristianismo histórico tem sua base de sustentação na antítese. Sem ela, o Cristianismo histórico perderia todo o seu sentido.

A Linha do Desespero

Poderíamos, então, traçar a seguinte linha do tempo:

EUROPA ANTES DE 1800 E E.U.A ANTES DE 1935

LINHA DO DESESPF,R0

EUROPA DEPOIS DE 1890 E E.U.A DEPOIS DE 1935

Observe que denomino essa linha de Linha do Desespero. Acima desta linha, encontramos seres humanos convivendo com seus absolutos românticos (ainda que sem base lógica suficiente). Do lado de cá, tudo mudou. O homem passou a pensar de forma diferente a respeito da verdade.

Para compreender melhor esta Linha do Desespero, imagine-a não como uma linha horizontal simples, mas como:

LINHA no Dr:si:sei:ao

FILOSOFIA

ARTE

I MÚSICA

C U L T U R A
GERAL

TEOLOGIA

Cada um dos degraus representa um certo período de tempo. O mais alto representa o mais antigo, o mais baixo, o mais recente. Foi nessa ordem que a mudança na concepção de verdade afetou a vida dos homens.

A mudança expandiu-se gradualmente e de três diferentes maneiras. As pessoas não acordaram um belo dia para constatar que ela havia revolucionado tudo de unia só vez.

Antes de qualquer coisa, a mudança alastrou-se geograficamente. As idéias surgiram na Alemanha e avançaram para o exterior. Afetaram primeiramente a Europa Continental, para depois cruzarem o Canal da Mancha em direção à Inglaterra e, em seguida, o Atlântico em direção aos Estados Unidos. Em segundo lugar, ela alastrou-se pela sociedade, do verdadeiro intelectual para aquele um pouco mais culto, chegando aos trabalhadores e, por último, atingindo também a alta classe média. Em terceiro lugar, ela alastrou-se como representado no esquema acima, de uma disciplina para outra, começando com os filósofos e acabando nos meios teológicos. A teologia tem sido a última por muito tempo. *É* particularmente curioso notar, ao estudar todo esse histórico cultural, que tantos tenham embarcado nesta última moda teológica saudando-a como algo novo. *Mas, de fato, o que a nova teologia está dizendo já foi dito muito antes em cada urna das outras disciplinas.*

É importante entender a natureza fundamental desta linha. Se os cristãos tentarem falar com as pessoas como se elas estivessem colocadas acima da linha, quando na verdade elas estão do lado de cá, estaremos dando golpes no ar. Isto se aplica tanto a caminhoneiros quanto a intelectuais. O mesmo é também válido para o conceito de espiritualidade. Do lado de cá da linha, a "espiritualidade" torna-se o contrário da espiritualidade cristã.

Unidade e fragmentação do Racionalismo

Há uma unidade real no pensamento não-cristão, da mesma forma como há diferenças dentro desta unidade. A transição para baixo da Linha do Desespero é uma das diferença da unidade do pensamento não-cristão. O fator unificador pode ser chamado de Racionalismo ou, se preferir, de Humanismo, apesar de que, se usarmos este último termo, é importante termos o cuidado de distinguir o significado que ele assume neste contexto daquele sentido mais limitado que a palavra *humanismo* adquire em livros como *The Humanist Frame2,* organizado por Sir Julian Huxley. Este último tipo de humanismo tornou-se um termo técnico, no sentido mais amplo da expressão *termo técnico.* O humanismo, em seu sentido mais amplo, mais inclusivo, é o sistema pelo qual homens e mulheres, partindo absolutamente de si mesmos, procuram racionalmente construir a partir de si mesmos, tendo exclusivamente o Homem como ponto de integração, para encontrar todo conhecimento, significado e valor. Por outro lado, é preciso esclarecer ainda que a palavra *racionalismo,* que quer dizer o mesmo que humanismo, no seu sentido mais amplo, não pode ser confundida com a palavra *racional. Racional* significa que as coisas que nos rodeiam não são contrárias à razão. Ou, em outras palavras, a busca do homem pela racionalidade é inteiramente válida. Deste modo, a posição judaico-cristã pode ser considerada racional, embora seja precisamente a antítese do racionalismo.

Então, o racionalismo ou humanismo representa a unidade do pensamento não-cristão. Contudo, se os cristãos pretendem estar em condição de entender e conversar com as pessoas de sua geração, devem levar em consideração a forma como o racionalismo está se manifestando hoje. Num sentido, ele sempre se manifestou da mesma forma – pessoas tentando construir exclusivamente a partir de si mesmas. Em outro sentido, ele está se transformando constantemente, enfatizando aspectos variados, com os quais um cristão deve estar familiarizado caso não esteja se equipando para servir a uma geração que já não mais existe.

A Linha do Desespero indica uma mudança gigantesca dos nossos tempos, dentro da unidade do racionalismo. Acima da linha, as pessoas eram racionalistas otimistas. Acreditavam que poderiam, a partir de si mesmas, traçar um sistema capaz de abranger todos os pensamentos da vida e a própria vida, sem ter que partir da lógica da antítese. Pensavam que o homem finito fosse capaz de, por si mesmo, racionalmente, encontrar uma

unidade na diversidade total–alguma explicação adequada para toda a realidade. É aí que a filosofia se encontrava antes de nossa geração. A única divergência real entre esses otimistas racionais referia-se ao tipo de sistema a ser projetado. Uma pessoa traçaria um círculo, dizendo: "É possível viver dentro deste círculo". O próximo cruzaria suas fronteiras para traçar um círculo diferente. E o outro viria logo para ultrapassar o círculo anterior, traçando o seu próprio – e assim por diante, *ad infinitum*. Portanto, quando você começa a estudar a filosofia, resgatando a *história* da filosofia, quando tiver reconstituído todos esses círculos, cada um dos quais havia sido destruído pelo seguinte, é bem possível que você se sinta como caindo num abismo!

Contudo, essa tentativa de tecer um humanismo otimista padronizado acabou se esgotando. Os filósofos chegaram à conclusão de que não encontrariam um campo racional unificado capaz de conter todo o pensamento e dentro do qual pudessem viver. Foi como se, de repente, o racionalista se desse conta de que estava preso num enorme quarto redondo, sem portas ou janelas – nada, a não ser total escuridão. E, saindo do centro do quarto, fosse intuindo o seu caminho até uma das paredes, começando a sua busca por uma saída. Ele daria muitas voltas, até que a terrível verdade explodisse dentro dele – que não há saída, nenhuma saída! *No final, os filósofos se deram conta da dura verdade de que não poderiam encontrar esse campo unificado do conhecimento racional e assim, deixando de lado a metodologia clássica da contradição, resolveram alterar o conceito de verdade. E assim nascia o homem moderno.*

Foi assim que o homem moderno passou para baixo da Linha do Desespero. Ele foi levado a isso contra sua vontade. Continuava racionalista, mas havia mudado. Será que nós, os cristãos, seríamos capazes de compreender esta mudança ocorrida no mundo contemporâneo? Se não entendemos, então provavelmente estaremos falando para nós mesmos.

A tendência para uma cultura unificada

A importância de se entender o abismo ao qual o pensamento humano levou o homem não tem valor exclusivamente intelectual, mas também espiritual. O cristão deve, certamente, resistir ao espírito deste mundo. Mas, quando dizemos isso, entenda-se bem que o espírito da época nem sempre assume a mesma forma. O cristão deve, portanto, resistir ao espírito do mundo, *na forma que estiver se manifestando em sua própria geração*. Se não o fizer, não estará resistindo ao espírito do mundo de forma alguma. Isso é especialmente válido para nossa geração, já que as forças que estão se levantando contra nós são de uma natureza total. É a nossa geração de cristãos que, mais do que qualquer outra, deveria reagir a estas palavras de Maninho Lutero:

> Se eu professar com a voz mais alta e com a mais clara exposição cada pormenor da verdade de Deus, exceto precisamente aquele pequeno ponto ao qual o mundo e o demônio estão naquele momento atacando, eu não estou confessando Cristo, ainda que ousadamente eu possa estar professando a Cristo. Onde a batalha trava-se, ali a lealdade do soldado é provada, e estar em outro campo de batalha que não deste é apenas deserção e desgraça, se ele foge deste ponto.

Seria falso dizer que há uma cultura totalmente uniforme. Não é assim. Por outro lado, quando estudamos a arte e a literatura do passado, e todas as coisas que nos ajudam a entender a cultura, observamos que há sempre uma tendência a seguir certa corrente, em direção a um todo monolítico e uniforme.

É possível demonstrar, através do estudo da arqueologia, como certa idéia foi desenvolvida em algum lugar e então, através de um período de centenas de anos, se

estendeu por amplas áreas. Poderíamos citar como exemplo a cultura Indo-Européia, cuja penetração pode ser levantada a partir do espalhar de determinadas palavras.

No passado distante, demorava tanto tempo até que os conceitos culturais se expandissem que, quando eles atingiam outras áreas, muitas vezes já haviam mudado em seus lugares de origem. Mas, hoje, o mundo é pequeno, e é muito provável haver uma cultura monolítica se expandindo rapidamente, influenciando grande parte da humanidade. Barreiras artificiais, como a Cortina de Feno, não podem impedir o fluxo destas idéias. À medida que o mundo tem encolhido, tornando-se grande parte pós-cristão, ambos os lados da Cortina de Feno seguiram a mesma metodologia e a mesma forma de pensar monolítica — ou seja, a falta de absolutos e antíteses, culminando no relativismo pragmático.

Nas nossas formas modernas de educação especializada existe uma forte tendência a perder o todo nas partes, e neste sentido podemos dizer que nossa geração produz poucas pessoas realmente educadas. *Educação verdadeira* significa pensamento pela associação de várias disciplinas, e não apenas ser altamente qualificado em um determinado campo, como um técnico deve ser. Suponho que nenhuma disciplina tendeu a pensar de forma mais fragmentada do que a teologia ortodoxa ou evangélica de hoje.

Os que se mantém na corrente do Cristianismo histórico têm sido especialmente morosos em entender os relacionamentos entre os vários campos do pensamento. Quando o apóstolo nos avisou para "manter-nos Ia nós mesmos] incontaminados deste mundo', ele não estava falando de alguma abstração. Se o cristão deve aplicar este princípio a si mesmo, deve entender o que deverá confrontá-lo de forma antagônica, em seu próprio momento histórico. Do contrário, ele se tornará uma simples peça inútil de museu—não um soldado vivo no combate pelo Senhor Jesus.

O cristão ortodoxo pagou um preço muito alto, tanto na defesa quanto na comunicação do evangelho, pela sua falha em pensar e agir como uma pessoa educada entendendo a uniformidade da sua própria cultura, ao mesmo tempo em que em guerra contra ela.

Capítulo 2

O PRIMEIRO DEGRAU NA LINHA DO DESESPERO: A FILOSOFIA

Hegel, a porta de entrada

Foi o filósofo alemão Hegel (1770-1831) que se (ornou o homem a abrir as portas para a Linha do Desespero. Antes de scu tempo, a verdade era concebida com base na antítese — não por qualquer razão adequada, mas porque o homem romanticamente agia de acordo com ela.

Este livro não pretende ser exaustivo no tratamento do curso da história que vai do Renascimento até Hegel. Em *Escape From Reason* há um resumo mais completo do progresso, desde Tomás de Aquino, passando pelo Renascimento, até o nascimento da ciência moderna, incluindo Immanuel Kant. Kant é da maior relevância, e omiti-lo seria deixar de fora uma das peças-chave no desenvolvimento do pensamento moderno.

A verdade, no sentido de antítese, está relacionada com a idéia de causa e efeito. Causa e efeito produzem uma reação em cadeia que se continua em uma linha reta horizontal. Com Hegel, isto mudou.

Temos de entender a importância do tempo. O que Hegel ensinava chegou no momento certo da História para que seu pensamento produzisse o efeito máximo.

Imagine Hegel sentado certo dia na taverna local, rodeado de seus amigos, conversando acerca de assuntos filosóficos do dia. De repente ele coloca o seu caneco de cerveja na mesa e diz "Tive uma idéia inovadora. De agora em diante, vamos pensar da seguinte maneira: ao invés de pensarmos em termos de causa e efeito, o que temos, na realidade, é uma tese e, opondo-se a ela, uma antítese, sendo que a resposta ao relacionamento das duas não é um movimento horizontal de causa e efeito, mas uma síntese". Agora, suponha ainda que um empresário alemão cabeça-dura estivesse ali por perto e ouvisse sua observação. Ele poderia ter pensado "que coisa absurda e pouco prática!". Mas não poderia estar mais longe da realidade. Porque, não importa se o próprio Regei ou aqueles que o estivessem escutando pensaram que esta seria realmente uma idéia absurda: quando Hegel propôs esta idéia, ele mudou o mundo.

Nunca mais o mundo seria o mesmo. Entre outras coisas, o conceito de pensamento dialético baseava-se nesta idéia, e ela foi e continua sendo crucial para o marxismo. Na nossa era, a síntese hegeliana predomina em todo o mundo.

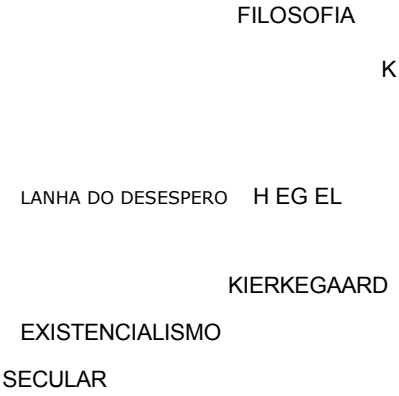
Se entendermos bem o desenvolvimento da filosofia ou da moral, ou do pensamento político daquele dia até hoje, saberemos que Hegel e a síntese venceram. Em outras palavras, Hegel removeu a linha reta do pensamento anterior, substituindo-a por um triângulo. Ao invés da antítese, na forma de abordagem do homem moderno à verdade, temos uma síntese. Hegel não o colocou de forma assim tão simples. Seu pensamento e escritos são complexos, mas a conclusão é que todas as posições possíveis são relativizadas, e levam ao conceito de que a verdade deve ser buscada em termos de síntese e não de antítese.

Mas note, Hegel foi apenas uma porta para a Linha do Desespero. Ele mesmo nunca se

colocou abaixo dela. Um bom exemplo disso pode ser encontrado em seus escritos, os quais o classificam como idealista, por ter tentado resolver o problema da unidade com sua linguagem religiosa. Ele pensava que, na prática, a síntese poderia ser acessada pela razão. Mas isso não se provou possível e, assim, o próximo pensador que estaremos comentando encontra-se abaixo da Linha do Desespero.

Kierkegaard, o primeiro homem abaixo da Linha

O dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855) é freqüentemente citado como o pai de todo pensamento moderno. E ele é. Ele é o pai do pensamento existencial moderno, tanto no mundo secular quanto no teológico. Nosso diagrama agora está assim:



Como pode Kierkegaard tão apropriadamente ser considerado pai de ambas? Que proposta foi essa que ele acrescentou ao fluxo do pensamento, que fez a diferença? Kierkegaard leva à conclusão de que ninguém pode chegar à síntese pela razão. Ao invés disso, conseguimos tudo de real importância por uma espécie de salto de fé.

Kierkegaard foi um homem complexo, e seus escritos, particularmente os seus escritos devocionais, são, muitas vezes, de grande auxílio. Por exemplo, os cristãos bíblicos dinamarqueses continuam lendo estes escritos devocionais. Nós também podemos ser totalmente simpáticos aos seus clamores sobre a morbidez de grande parte da Igreja em seus dias. Entretanto, em seus escritos mais filosóficos, ele tornou-se o pai do pensamento moderno. Isso se reflete sobre os seus escritos acerca de Abraão e o "sacrifício" de Isaque. Kierkegaard dizia que este foi um ato de fé que não tinha algo de racional em que se basear ou com que possa ser relacionado. Daí que veio o conceito moderno de "salto de fé" e a total separação entre razão e fé.

Com este raciocínio relativo a Abraão, Kierkegaard parece não ter lido a Bíblia de forma suficientemente cuidadosa. Antes de Abraão ter sido solicitado a tomar as providências para o sacrifício de Isaque (o qual, é claro, Deus não permitiu que fosse consumado), ele havia recebido muitas revelações proposicionais de Deus, ele tinha visto a Deus, Deus havia cumprido suas promessas para ele. Em suma, as palavras de Deus estavam, naquele momento, no contexto da forte razão de Abraão em saber que Deus não apenas existia, mas que também era totalmente confiável.

Isso não minimiza a fé que Abraão demonstrou na longa marcha até o Monte Moriá e todo o resto, mas certamente também não representa um "salto de fé" alheio à racionalidade.

Não acredito que Kierkegaard ficaria contente, ou mesmo concordaria, com o que surgiu do seu pensamento nem no existencialismo secular, nem no religioso. Mas o que ele escreveu gradualmente levou à separação absoluta daquilo que *é* racional e lógico da fé.

A razão e a fé não têm relação entre si, desta forma:

FÉ (NÃO-RAZÃO — OTIMISMO)

O RACIONAL (PESSIMISMO)

Não é nosso propósito discutir aqui todos os ensinamentos de Kierkegaard. Há certamente muito mais a ser dito do que isso. *Mas o mais importante sobre ele é que, ao apresentar o conceito de um salto de fé, ele se tornou de forma real o pai de todo o pensamento existencial moderno, tanto no mundo secular, quanto no teológico.*

Como resultado disso, daquele tempo em diante, se uma pessoa racionalista desejasse tratar de coisas realmente importantes da vida humana (tais como propósito, sentido e validade do amor), ele teria que descartar o pensamento racional sobre elas e partir para um ato gigantesco e não racional de fé. A estrutura racionalista havia falhado em produzir uma resposta com base na razão e, assim, toda a esperança de um campo uniforme de conhecimento teve que ser abandonada. Temos a dicotomia resultante desta forma:

O NÃO-RACIONAL E NÃO-LÓGICO = Experiência existencial; a experiência Final; a experiência de primeira ordem.

O RACIONAL E LÓGICO = Apenas particulares, sem propósito ou significado. O homem é uma máquina.

Uma vez que analisamos o desenvolvimento da filosofia moderna desta forma, poderemos agora notar que, apesar de parecer haver inúmeras tendências filosóficas diferentes hoje, na realidade existem poucas. Todas elas percorrem o mesmo curso uniforme. Se voltarmos nossa atenção para a definição de filosofia, como se ensina em Cambridge, e em seguida, atentarmos para o existencialismo de, digamos, Karl Jaspers, podemos achar que não há nenhuma unidade entre eles. Mas não é esse o caso. Há uma concordância fundamental em quase todas as cátedras de filosofia atuais, que é uma negação radical da possibilidade de traçar-se um círculo para abranger tudo. Neste sentido, as filosofias de hoje podem ser chamadas, com tranqüilidade, de antifilosofias.

O Existencialismo de Jaspers, Sartre e Heidegger

Nas duas correntes do pensamento existencialista, cuja procedência atribuímos a Kierkegaard, gostaríamos de começar resgatando o pensamento secular. Mais adiante retomaremos o existencialismo teológico, analisando a obra de Karl Barth.

Há três principais escolas do pensamento existencialista secular: a suíça, a francesa e a alemã. A grande maioria das pessoas na Suíça não conhece a obra de Karl Jaspers (1883-1969) tão bem quanto a dos seus contemporâneos franceses e alemães; entretanto, trata-se de um homem excepcionalmente importante. Embora fosse alemão, ele lecionava na Universidade da Basiléia. Ele destacava grandemente a necessidade de o homem esperar por uma "experiência final" não-racional, a qual, segundo ele, daria sentido à vida. Os seguidores de Jaspers

têm me procurado freqüentemente, dizendo "tive uma experiência final". Eles jamais esperam de mim que lhes pergunte o que é isso. O fato é que, se os tivesse perguntado tal coisa, isso pura e simplesmente seria prova de que eu me encontrava entre os não-iniciados.

Descrever isto como uma experiência existencial significa que ela não pode ser comunicada. Não é possível comunicar o con teúdo relativo à experiência que tiveram. Muitas dessas pessoas diziam em reuniões comigo: "É óbvio, só de olhar e conversar com você, de notar a sua sensibilidade e simpatia para com os outros e a abertura da sua perspectiva acerca do ser humano, que você também é uma pessoa que conhece a realidade da experiência final." E para eles isto representao supremo elogio, ao qual eu costumo revidar com um "muitíssimo obrigado". E estou sendo sincero, pois é notável o fato de alguma destas pessoas dizer a um cristão ortodoxo que acredita que ele entenda isto. Mas então eu continuo: "Sim, eu tive uma experiência final, mas ela pode ser verbalizada e é de tal natureza que pode ser racionalmente discutida". Em seguida, eu passo a falar do

meu relacionamento pessoal com o Deus pessoal que existe. Eu tento fazê-los entender que este relacionamento baseia-se na comunicação escrita, inteligível de Deus ao homem, e que foi completada na história espaço-temporal pela obra de Jesus Cristo. Eles respondem que isso é impossível, que eu estou tentando fazer algo que não pode ser feito. E por aí vai a discussão.

Tente, por um instante, colocar-se no lugar de uma pessoa assim. Ele tem um problema profundo, pois joga tudo aquilo que se relaciona com a sua certeza de ser e a esperança de significado em cima de uma experiência titânica que ele teve em algum momento no passado.

Seria errado pensar que estas pessoas não são sérias. Gostaria que muitos evangélicos tivessem a integridade que estas pessoas mostraram nas suas lutas. Contaram-me que, quando Karl Jaspers começava suas preleções para seus melhores alunos, ele os avisava para não cometerem suicídio, pois não há certeza de termos a experiência final tirando nossa própria vida. Quem sabe nós devêssemos desejar que muitos cristãos, que dizem acreditar em Jesus, tivessem um compromisso assim tão intensivo.

Por outro lado, nas suas lutas internas existe um terror de grande escuridão. Apesar de que essas pessoas pudessem ser de grande sinceridade, isto por si só não faz com que elas estejam em condições de comunicar sua experiência aos outros. Nem o próprio indivíduo é capaz de expressar em palavras a ele mesmo o que aconteceu. Amanhã de manhã eles poderão estar declarando: "Tive uma experiência ontem". E continuar afirmando no dia seguinte, "Eu tive uma experiência". Um mês ou até um ano mais tarde, eles poderão continuar se agarrando radicalmente à sua única esperança de sentido e de certeza de ser, repetindo para si mesmos "Sei que tive uma experiência." O honor desta situação é o fato de essas pessoas terem depositado a sua esperança em uma experiência não racional, não lógica e não comunicável.

Se mudarmos do existencialismo suíço para o francês, chegamos a Jean-Paul Sartre

(1905-1980) e Albert Camus (19131960). Embora eles apresentem diferenças entre si, partilham dos mesmos conceitos básicos. Sartre, talvez, seja dos dois quem se expresse de forma mais consistente. Ele diz que vivemos em um universo absurdo. A totalidade, diz ele, é ridícula. No entanto, você pode tentar justificar-se a si mesmo por um ato de vontade. Na verdade, não importa em que sentido você aja, com

que aja.

Vamos considerar o campo da moral como um bom exemplo da direção de seu pensamento. Se você vê uma senhora de idade e resolve ajudá-la a atravessar a rua com segurança, você "justificou-se a si mesmo". Mas, ao invés disso, se você preferir dar um muro na sua cabeça e arrancar a sua bolsa, você "justificou-se a si mesmo" da mesma maneira. Não importa o conteúdo da ação; é só escolher e agir. É isso mesmo: você se justificou. Eis o existencialismo em sua versão francesa. Como vou mostrar mais adiante, nem Sartre, nem Camus tiveram condições de viver desse jeito na prática, mas essa era sua postura teórica.

Como estes pensadores chegaram a uma posição tão estranha e desesperançosa? Foi porque foram abaixo da Linha do Desespero. Abriram mão da esperança de um meio racional para dar resposta à vida, e o que lhes restou foi apenas o irracional. Não fará diferença no resultado final, se eles ornamentarem o problema com palavras teológicas: isso não atenuará a gravidade da questão.

Temos finalmente o modelo de existencialismo alemão, segundo proposto por Martin Heidegger (1889-1976). O mais fascinante em Heidegger é que há dois períodos distintos na sua vida. O primeiro período vai até em torno dos seus 70 anos de idade, e o segundo vai daí para frente. Alguns dos meus alunos têm brincado com isto e criaram uma música sobre como "o velho Heidegger é o novo Heidegger!" A mudança ocorreu porque ele já não podia mais viver de acordo com o seu sistema. Antes da mudança, que estaremos analisando de modo aprofundado mais adiante, Heidegger era um verdadeiro existencialista. Ele acabou chegando à mesma conclusão de Sartre, quanto à necessidade de justificação. E como isto seria alcançado? Certamente por nenhum ato da *vontade,* e sim, por um *sentimento* impreciso de temor. Não se deve confundir temor com medo. Para ele, o medo tem um objeto; o temor não tem. A justificação ocorre por meio do sentimento de temor, *Angst,* de algo que está além da compreensão — é só um pressentimento, nada mais.

A antifilosofia do mundo anglo-saxão

No mundo anglo-saxão, dois tipos básicos de filosofia estão dominando a área nestes últimos anos. Trata-se do positivismo lógico e da filosofia da definição.* Nenhuma delas tem raízes no existencialismo; na verdade, ambas reivindicam distinguir-se nitidamente do existencialismo. Ambas fazem ques tão de mostrar-se lógicas e racionais. Embora concordemos que elas não estejam associadas ao existencialismo na sua origem, no entanto têm algo em comum: em seus diferentes modos, todas são antifilosofias.

O positivismo lógico alega fundamentar racionalmente todos os passos à medida que são tomados. Contudo, na realidade, ele não estabelece uma verdade universal teórica que justifique o seu primeiríssimo passo. Os positivistas aceitam o pressuposto (ainda que não apresentem nenhuma razão lógica para isto) de que tem validade objetiva tudo o que se pode captar "de fora", o que também pode ser chamado, por exemplo, de "dado", ou seja, ele tem validação objetiva.

Este dilema foi bem ilustrado por um jovem que estudou o positivismo lógico em Oxford. Ele esteve conosco na Suíça, apresentando-se como estudante em Farei House, e disse um dia "Estou confuso quanto a algumas coisas. Gostaria de conduzir um debate a este respeito e ver no que vai dar." E foi o que ele fez. No começo, ele costumava dizer: "Bem, quando vocês tiverem acesso a este dado..." E eu respondia de imediato "Mas como é que você pretende saber, com base em que positivismo lógico, que isto é de fato dado?"

Em seguida, ele retomava a sua linha de raciocínio, por mais uma ou duas frases, mas logo repetia pela segunda vez: "Quando vocês tiverem acesso a este dado..."

Eu estava me sentindo como se batendo nos dedos de uma criança, na hora em que ela os estava enfiando na caixa de chocolates; não tive como deixar de dizer "Não, você não deve usar a palavra "dado". Pois ela já vem carregada de todo o tipo de sentidos e parte do pressuposto de que exista a objetividade, e o seu sistema nunca corroborou tal coisa".

"Mas que outra palavra você quer que eu use então?", replicou ele.

> Eu disse "Que tal blip? lá que você não sabe o que significa um dado, por que não o substitui por blip?"

Daí ele começou tudo de novo: "Quando você tiver acesso ao blip..." e o debate estava encerrado. De acordo com seu racionalismo, é tão lógico chamar a coisa de "blip" quanto de "dado".

Assim, a seu próprio modo, apesar de auto-intitular-se *positivismo* e de operar com fundamento na razão, isto é um salto de fé tão grande quanto no caso do existencialismo—já que não há nenhum postulado certo que justifique a razão, nem que nos dê certeza de que o que supomos serem dados realmente sejam dados.

As obras de Michael Polanyi (1891-1976) mostram a fragilidade de todas as formas de "positivismo", a ponto de hoje esta filosofia estar teoricamente morta. Entretanto, é preciso admitir que os cientistas materialistas e racionalistas fecharam os seus olhos para este falecimento, continuando a construir o seu trabalho sobre esta base, como se o positivismo continuasse vivo e passasse bem. Eles estão praticando sua ciência materialista sem qualquer base epistemológica. No essencialíssimo campo do conhecimento, eles estão operando não com fatos, mas com a fé.

Por outro lado, hoje a filosofia da definição é mais importante na Inglaterra e nos Estados Unidos.

O ponto de partida daqueles que adotam esta filosofia é, como o próprio nome sugere, as definições. Eles dizem que, sob hipótese alguma, dariam um único passo sem antes definir racional e logicamente os termos que estão em jogo. E eles jamais iriam além do que pode ser definido de forma precisa.

Isso é tudo muito bom; mas, mesmo se ignorarmos as divergências entre os seus próprios pares, quanto à maior ou menor precisão de suas categorias, isso não eliminará outro tipo deproblema. Grande parte deles concordaria em afirmar que todo o seu trabalho não é mais do que *prolegomena* — ou seja, pre paração para a filosofia. Começam com a definição de termos, na esperança de que estes fragmentos dispersos sejam articulados algum dia. É preciso reconhecer que isso é útil, já que tem se demonstrado, desta forma, que alguns problemas deixam de existir quando os termos envolvidos são definidos com cuidado. Seu trabalho também foi de grande ajuda pelo fato de ter criado

uma ferramenta para a reflexão rigorosa. Mas o que não levam em conta nas suas definições tão rigorosas dos conceitos é o seu sentido e propósito. Até Kant, a filosofia clássica consistia em duas partes. É claro que ela tratava dos detalhes. Acontece que estes detalhes tinham de ser colocados dentro de um sistema que, de acordo com o que eles supunham, seria capaz de conter todo conhecimento e toda a vida. Já a filosofia da definição trata exclusivamente dos detalhes. Ela não reivindica ser um sistema. Neste sentido, em comparação com a filosofia clássica, trata-se de uma antifilosofia. Nela, a linguagem não é vista como algo que remete aos valores, nem aos fatos, mas tão-somente ã linguagem.

> Em segundo lugar, muitos destes pensadores deram o seu próprio salto de fé pessoal. Como filósofos da definição, têm seu prestígio dentro do seu próprio campo. Ao mesmo tempo, muitos deles colocam-se numa posição forte a favor do humanismo otimista.' Ou seja, muitos deles fazem o mesmo tipo de afirmação otimista da mesma forma que um homem como *Sir* Julian Huxley. Mas o que estão fazendo, na verdade, é usar do seu prestígio como instrutores na arte da filosofia da definição a fim de engrandecer a força da sua visão humanista relativa ao homem. Mas deve ser observado que o peso do conhecimento em defesa das palavras não dá conta da fraqueza do argumento nas questões mais amplas. De fato, não há ponte alguma entre sua filosofia limitada, que ignora o sentido e propósito, e suas afirmações otimistas. Eles deram um salto por sobre o abismo entre os dois, unicamente pela fé. Por mais cuidadosas e racionais que suas definições de palavras possam ser, suas observações acerca do homem, por seu humanismo otimista, não passam de postulados de fé.

E o humanismo evolucionista como um todo, tão em moda hoje, encontra-se na mesma situação. Qualquer um pode afirmar, com toda força de persuasão, que a humanidade pode esperar um futuro cor-de-rosa. Mas isto representaria novamente um salto de fé, se não houver um ponto de referência, clínico ou sociológico, capaz de demonstrar que o homem será melhor amanhã do que foi ontem ou é hoje.

Sir Julian Huxley levou esta resposta puramente otimista um passo mais adiante, afirmando que o homem só estará se aperfeiçoando caso aceite um novo misticismo. Assim, ele sugere que a sociedade funciona melhor quando tem uma religião, mesmo que não exista nenhum deus.' Ele diz, por exemplo, que,

> Do ponto de vista estritamente religioso, a direção desejável para a evolução pode ser definida como a da divinização da existência—mas para que isto tenha um sentido operativo é preciso conceber uma nova definição de "o divino", livre de todas as conotações de seres sobrenaturais externos.
>
> A religião de hoje está enclausurada em uma estrutura teísta de idéias, compelida a operar nas irrealidades de um mundo dualista. Já pela estrutura humanista unificada, vislumbramos uma nova perspectiva e uma nova liberdade. Com a ajuda da nossa nova visão, temos a oportunidade de escapar do impasse teísta, assumindo o papel correto em um Inundo real da existência unificada.

> Pode até ser verdade que se pode mostrar pela observação, que a sociedade tenha melhores condições de enfrentar a vida acreditando na existência de um deus. Mas, neste caso, o humanismo otimista certamente seria essencialmente irracional (e que, como no caso dos demais pensadores aqui discutidos, apresenta exatamente o

mesmo salto de fé irracional), caso, para ser otimista, o seu otimismo pautar-se sobre a necessidade de a humanidade crer e funcionar apoiada em uma mentira.

O uso de drogas

Não é só o existencialismo que fala da experiência como uma forma de justificar-se a si mesmo. Aldous Huxley sugeriu, até o dia da sua morte, que uma forma de se alcançar o que ele descreveu como sendo uma "experiência de primeira ordem" seria através das drogas.' Esta experiência estaria, como a experiência final defendida pelos existencialistas, situada acima da linha da comprovação racional, desta forma:

O NÃO-RACIONAL E NÃO-LÓGICO	Uma experiência de primeira ordem pelo uso de drogas.
O RACIONAL E LÓGICO	Não se encontra propósito ou significado.

Este desejo avassalador por alguma experiência irracional foi responsável pela maioria dos casos sérios de uso das drogas LSD e STP nos anos 60. Para as pessoas sensíveis, naquela época drogas geralmente não eram usadas como fuga. Ao contrário: elas esperavam, ao ingeri-las, poder experimentar a realidade de algo que desse algum sentido às suas vidas. É curioso notar que o prof. Timothy Leary, que já foi catedrático da Universidade de Harvard, associou a experiência do LSD ao que está descrito no *Livro Tibetano dos Mortos.*° Dessa forma, ele mostrou que o desejo e a forma desta experiência muda bem pouco do Ocidente para o Oriente. Quer seja no discurso de um existencialista, ou de Aldous Huxley, ou ainda do misticismo oriental, encontramos uma busca uniforme por uma experiência irracional capaz de dar sentido à vida. Suas visões de mundo os puseram contra uma parede, que pretendem fazer desaparecer por meio de um salto de fé, o que não está relacionado a nada do que professam. Estas visões podem ser individualmente

distintas se descritas em detalhes, mas todas elas acabam deparando com a mesma parede, passando a empenhar-se na mesma tentativa de fazê-la desaparecer. Em todos os casos, isso envolverá sempre um irracional salto de fé.

As cátedras de filosofia da maioria das universidades já estão abaixo da Linha do Desespero. As discussões filosóficas reais tendem a navegar para mares desconhecidos — tais como da astronomia filosófica, do jazz moderno ou de alguma contracultura. É a estes campos que a filosofia está sendo reduzida. A filosofia acadêmica corno tal, inclusive a anglo-saxônica, tende cada vez mais a ser uma antifilosofia.

Em conclusão a este tópico, é bom deixar claro que, quando falamos em estar abaixo Linha do Desespero, não estamos querendo dizer que estas pessoas necessariamente estejam derramando lágrimas, mas que elas abdicaram de toda a sua esperança de alcançar uma resposta racional e unificada para o conhecimento e para a vida.

O que acontece e o que não acontece nestas experiências

É óbvio que, freqüentemente, quando alguém alega ter passado por uma experiência, sob o efeito de drogas ou não, algo certamente deve ter acontecido com ele. Quando, por exemplo, enxerga a "vermelhidão" de uma rosa vermelha, ele de fato teve uma percepção de algo. Mas de quê?

Normalmente, há somente duas alternativas que se apresentam para o que acontece na experiência religiosa no mundo ocidental, na experiência existencial ou na experiência de drogas. Uns dizem que tudo não passou de um engano, que não representou "nada" em sua experiência; já outros dizem que descobriram "a realidade de deus." Este último caso pode ser encontrado em especial na experiência religiosa oriental. O *guru* diz "encontrei algo". Normalmente as pessoas o descrevem como unia bobagem ou dizem que tiveram um "encontro com Deus".

O problema intrínseco a todas estas experiências existenciais é que seu conteúdo não pode ser comunicado. Somente os não-iniciados no assunto seriam capazes de solicitar "por favor, descreva-me em categorias normais o que você vivenciou".

Mas acredito que haja uma terceira alternativa de vida quando nos perguntamos o que foi que estas pessoas tocaram. Trata-se de uma resposta alternativa, que os cristãos estão em condições de dar, porque nós vemos estas pessoas *corno elas realmente são* no universo de Deus.

Deus criou um mundo externo que é real. Não se trata de alguma extensão da sua essência. Este mundo externo real existe mesmo. Deus também criou o homem, como ser pessoal real, que possui uma certa "hombridade", da qual jamais poderá escapar. A partir da sua própria visão de mundo, estes caçadores de experiências muitas vezes não estão seguros sequer de que o inundo externo existe, quanto menos que o homem existe, enquanto ser humano. Mas eu cheguei à conclusão de que, apesar de suas dúvidas intelectuais, muitos deles já *tiveram* uma experiência verdadeira da realidade do mundo externo realmente existente e/ou da "hombridade" que está aí. Eles podem agir assim, precisamente porque foi assim que Deus concebeu o homem, à sua imagem, capaz de vivenciar o mundo real e a "hombridade" do homem. Assim, eles tocaram em algo que existe e que não é o nada, nem é Deus. Podemos resumir esta terceira alternativa, dizendo que, quando eles enxergam a vermelhidão da rosa, estão tendo uma experiência do mundo externo, como a de um camponês ao lavrar a sua própria terra. Ambos estarão tocando o mundo que está aí.

Semelhantemente, os namorados que vemos às margens do rio Sena em Paris, estarão vivenciando a "hombridade" do homem, quando se apaixonam; entretanto, choram, porque já não acreditam que o amor existe. Se eu tivesse uma conversa com uma pessoa assim, colocaria a minha mão gentilmente no seu ombro e diria: "Meu amigo, você ficará longe de Deus, enquanto não aceitar a Cristo como seu Salvador, por mais que, neste momento, você tenha entendido algo de real acerca do universo. Por mais que o seu sistema possa dizer que o amor não existe, a sua própria experiência prova que existe, sim". Eles não tocaram este Deus pessoal que aí está, mas, por um breve momento, eles terão tocado a existência da verdadeira personalidade em seu amor. Esta é, sem dúvida, uma realidade objetiva, porque foi assim que Deus fez suas personalidades. É verdade que nessas experiências o homem acaba tocando em algo, não no "nada" ; mas o que tocou não é Deus. Ainda assim, descobre a realidade objetiva do mundo externo e a "hombridade" do homem assim criado por Deus.

Alguns já se perguntaram por que os cristãos não deveriam usar drogas, se é dito que as drogas aguçam a percepção. É que o preço a ser pago por esta ampliação da percepção é alto demais. Há pouco tempo, a revista *The Listener* publicou uni poema anônimo que se baseava no Salmo 23. Começava assim:

> A heroína é o meu pastor, que eu vou sempre desejar, Ela me fez para repousar nas sarjetas.
>
> Guia-me para baixo das águas turbulentas...
>
> Destrói a minha alma.

Exceto no caso do seu uso para propósitos médicos — e, portanto, sob cuidados de um especialista—drogas são destrutivas. Brincar com drogas é tanto bobagem quanto errado.

Capítulo 3

O segundo degrau: A arte

Se, por um lado, é bem verdade que a filosofia, o primeiro degrau da Linha do Desespero, tocou apenas umas poucas pessoas, a arte, o segundo degrau, influenciou muito mais.

Como na filosofia, temos na arte uma porta para a Linha do Desespero, e ela nos foi proporcionada pelos impressionistas. No começo, seus adeptos não viam a si mesmos corno pessoas rebeladas contra os conceitos clássicos. Eles estavam interessados em estudos de luz e sombra, corno o britânico Turner, seu precursor. Entretanto, mais tarde seu trabalho mudou e expressou a nova mentalidade.

Van Gogh e Gauguin

Há três homens que se destacam dos demais. São eles Van Gogh (holandês), Gauguin e Cézanne (franceses). Cada um deles um gênio; homens muito humanos, e cada um deles pintou quadros que retratam a sua genialidade artística. Entretanto, da mesma forma que contemplamos suas obras de arte, sua composição de cores, apreciando as suas formas, e aspectos admiráveis, temos de admitir igualmente o seu lugar no segundo degrau da Linha do Desespero. Eles são os três pilares da arte moderna. Eles tentaram, cada um a seu modo, estabelecer universais em sua arte, da mesma forma que Leonardo da Vinci' havia tentado vários séculos antes deles. O que o filósofo tentava fazer, no âmbito universal, eles agora procuravam fazer na escala limitada de suas telas. Quando ultrapassaram a passagem para Linha do Desespero, começaram uma busca desesperada para encontrar o universal

que os traria de volta à realidade, algo que os levasse para além dos particulares. Buscavam assim expressar uma forma e um tipo de liberdade que fosse legítima, dentro dos moldes da sua disciplina, a arte.

Comecemos por Van Gogh (1853-1890). É dito freqüentemente que ele cometeu suicídio porque estava mentalmente doente ou porque Gauguin roubou-lhe a mulher em que estava interessado. Estes podem até ter sido fatores contributi vos, mas o suicídio deveu-se a um problema muito mais elementar. Podem ter ocorrido problemas psicológicos, mas a explosão final veio como resultado de uma desilusão com um assunto muito mais fundamental. Van Gogh pensava em fundar uma nova religião, na qual as pessoas sensíveis, ou seja, os artistas, estariam estabelecendo as diretrizes. Com este propósito em mente, ele sonhou em formar uma comunidade artística em Arles, onde morava. Gauguin até chegou a unir-se a ele, mas, depois de poucos meses, eles começaram a brigar violentamente. Toda a esperança que Van Gogh depositava na sua nova religião se foi e, em pouco tempo, cometeu o suicídio. Van Gogh havia sido atingido pela morte da confiança no homem. A morte da esperança no homem tinha tomado seu lugar em Van Gogh. Ele morreu em desesperança.

Gauguin (1846-1903) fez o mesmo. Ele também estava buscando o universal. Viajou para o Taiti e lá, seguindo os preceitos de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), passou a divulgar a idéia do bom selvagem. O selvagem seria o retorno ao estado primitivo, à infância da raça, e era aqui, depois de voltar no tempo, que ele esperava encontrar o universal. Gauguin começou então a retratar a beleza da mulher que ele ali esperava encontrar. Por algum tempo, sentiu que havia, com sucesso, resgatado a ele mesmo da perda da inocência da civilização, e que isto era suficiente. Mas a sua última grande pintura expressa a conclusão a que ele chegou.

Essa pintura chama-se *O quê? De onde? Para onde?*[2], e se encontra hoje exposta no Museu de Arte de Boston. O título está pintado em amarelo em um canto do lado superior esquerdo da pintura, de modo a garantir que qualquer um que olhe para a obra entenda o seu significado. Em certa discussão sobre esta obra', Gauguin afirmou que devemos olhá-la na ordem contrária ao normal — ou seja, da direita para a esquerda. Então, do lado direito, para o qual olhamos primeiro, vemos o mesmo tipo de beleza que encontramos em seus outros quadros. Existe ali o mesmo tipo de simbolismo exótico, o mesmo apelo à sensualidade que encontramos no conceito do bom selvagem. Mas quando os nossos olhos percorrem a tela rumo à extremidade esquerda, descobrimos que essa história tem um final muito diferente. Ele começou a pintar o quadro em 1897, terminando-o em 1898. E declarou o seguinte a seu respeito: "Eu conclui um trabalho filosófico neste tema, comparável ao evangelho. Uma das figuras levanta os braços aos céus e, admirada, olha para estes dois outros personagens, que ousavam pensar acerca do seu próprio destino".

Mais adiante, ele acrescenta: "E para onde estamos indo? Perto da morte de uma velha senhora, um pássaro estranho e estúpido conclui: *O quê?* Eis o eterno problema que penaliza o nosso orgulho. Ó dor e tristeza, tu és a minha mestra. Ó Destino, quão cruel és tu, e sempre dominado, eu me revolto".[4] Se olharmos para o lado esquerdo da pintura, veremos três imagens. A primeira é de uma jovem taitiana em toda a sua beleza. Ao seu lado encontra-se uma velha mulher morrendo, a qual está sendo observada somente por um pássaro monstruoso, sem igual na natureza. Quando Gauguin terminou este quadro, ele também fez uma tentativa de suicídio, porém não foi bem sucedido.

Ambos os artistas estavam tentando encontrar o seu universal humanístico. E

falharam de modo flagrante, continuando assim sob a Linha do Desespero.

Cézanne e Picasso

• Foi nas formas geométricas elementares que Cézanne (I 839- 1906) procurou descobrir seu universal. Muitas das suas paisagens parecem um véu estendido, um véu encobrindo diversas formas geométricas. Mais tarde, ele passou a retratar pessoas, corno se fossem figuras geométricas — corno, por exemplo, em *Os Bathers,* atualmente exposto na Galeria Nacional em Londres. Pelo que sabemos, a tragédia nunca chegou a bater à sua porta. Até onde pude pesquisar, ele morreu sem nunca ter chegado à conclusão da desesperança.

Mas outra pessoa deu continuidade a seu trabalho. Trata-se de Picasso (1881-1973). É preciso frisar novamente que ele, da mesma forma como nos referimos aos outros artistas anteriores a ele, foi um gênio de primeira linha, com uma produtividade assombrosa, um homem surpreendente enquanto ser humano, e cada um de nós encontrará partes de seu trabalho que fará com que nos emocionemos de maneira profunda.

Picasso viu o trabalho de Cézanne nas grandes exposições de suas obras em Paris em 1905 e em 1907, e discutiu Os problemas envolvidos em Paris, na casa de Gertrude Stein, em Paris, onde muitos pintores costumavam reunir-se.

Picasso uniu o ideal do bom selvagem de Gauguin às formas geométricas de Cézanne, incorporando também alguma coisa das máscaras africanas que se tornavam cada vez mais conheci das em Paris, desenvolvendo, entre 1906 e 1911, aquilo que iria ser chamado *cubismo.* A grande pintura de 1906-1907, *Les Demoiselles d'Avignon* (exposta no Museu de Arte Moderna em Nova York), mostra este desenvolvimento. As mulheres à direita são muito parecidas com as que ele já havia pintado, mas já revelando a influência de Cézanne de forma exagerada. Na coleção particular de Picasso, interrompida por sua morte, havia uma pequena cópia de *Os Bathers* de Cézanne, terminada pouco antes de Picasso pintar *Les Demoiselles d'Avignon.* Se voltarmos a nossa atenção para as mulheres à direita, perceberemos que, ao invés de serem mulheres, elas tornaram-se seres demoníacos e símbolos como os das máscaras africanas. Sua humanidade foi perdida.

Picasso foi ainda mais longe. Ao contrário, por exemplo, de Renoir, que pintou a sua esposa de forma que pudesse ser reconhecida (ou seja, retratando algo concreto em particular), Picasso estava em busca de um universal. Devido ao crescente nível de abstração, passa a ficar impossível definir se as suas mulheres são loiras ou ruivas. Este representou um importante passo rumo ao universal, distanciando-se do particular. Acontece que, se levamos isso às últimas conseqüências, as mulheres abstratas podem tornar-se "todas as mulheres" ou até mesmo "todas as coisas". Mas o problema é que, quando você chega a este ponto, o espectador já não tem a mínima noção do que está olhando. Você consegue criar o seu próprio mundo na tela e, neste sentido, transformou-se em deus. Mas, ao mesmo tempo, terá perdido o contato com a pessoa que está contemplando a pintura. Terá chegado a ponto de não estar mais em condições de se comunicar. O problema da perda de comunicação do homem moderno e sua conseqüente alienação não precisaram esperar pelos computadores e pela cibernética. Picasso, este homem moderno, já o apresentou muito antes disso, através da sua arte.

Picasso passou então a querer "resolver" seu problema, por um salto romântico. Um dia, ele apaixonou-se e, porque sentia a força do amor, passou a escrever nas telas *J crime Eva* ("Eu amo Eva").[5] Não importava o que ele estava pintando, se era uma cadeira ou

qualquer outra coisa abstrata. De repente, com essas palavras espalhadas pela tela, ele estava em contato novamente com as pessoas que apreciavam suas pinturas. Mas a comunicação não tem absolutamente nenhuma relação lógica com o objeto da sua pintura. Picasso havia falhado; suas abstrações, em última instância, deixaram-no sem comunicação. O que lhe resta, em sua visão de mundo, é um salto.

É interessante que as duas mulheres com quem foi casado, Olga e Jacqueline, ele as pintou no estilo mais próximo das suas fases *azul* e *rosa,* nas quais o ainda jovem pintor estava exibindo a sua grande destreza no uso do estilo clássico. Mas, no que se seguiu de sua obra, Picasso passou a representar o homem moderno com toda a fragilidade em que ele estava envolvido.

Este é o homem moderno. Este *é* o conceito de verdade que nos envolve. Este *é* o espírito do mundo, ao qual devemos dizer "não", não importa qual de suas facetas ele nos mostre — inclusive a teológica. É isso que provoca o abismo entre a geração anterior e a nossa geração, um espaço de tempo de mais de 400 anos, um abismo maior do que o existente entre o Renascimento e a geração anterior à nossa. O trágico em tudo isso não *é* apenas que estes homens talentosos tenham atingido o ponto da desesperança, mas tantos dos que olham para eles e os admiram não entendem realmente. Eles são influenciados por estes conceitos, e ainda assim nunca chegam a analisar o que isso tudo significa.

Mondrian

Mondrian (1822-1944) aderiu à postura de Picasso na arte, levando o estilo de Picasso a conseqüências extremas. Os tra ços horizontais e verticais de Mondrian são belos e magníficos. Eles têm sido usados como modelo prático na arquitetura. Entretanto, eles não representavam para ele apenas linhas horizontais e verticais, pois também ele estava lutando por um universal.

Um dia eu fui ao museu de Zurique. Eles têm ali urna grande coleção de pinturas modernas. Quando entrei em uma das salas, fiquei horrorizado. Lá estava um Mondrian com urna moldura. Mondrian jamais colocava molduras em seus quadros. Lá fui eu até o escritório para perguntar ao encarregado se ele já recebeu o Mondrian já com moldura. Ele respondeu que "Não. Nós a colocamos." E eu repliquei: "Será que você não entende? Se Mondrian entrasse aqui, ele simplesmente arrancaria a pintura da parede!". Pelo que pude perceber, estava lhe contando uma novidade. Este homem de fato parecia não conhecer o quadro do seu próprio museu, pois o conceito todo de Mondrian era a construção de um universal.

Mondrian pintava seus quadros e os pendurava na parede. Ele não os emoldurava para que não parecessem buracos na parede. Já que as pinturas não combinavam com o ambiente da sala, ele teve que arrumar outro cômodo. Por isso, Mondrian tinha móveis feitos para ele, por Rietveld, um membro do grupo De Stijl, e por Van der Leck. Houve uma exposição no Museu Stedelijk em Amsterdã, de julho a setembro de 1951, chamada "De Stijl", onde os mesmos foram expostos. Olhando para eles, você acaba admirando a harmonia existente entre o espaço da sala e os móveis, da mesma forma que existe um bom equilíbrio entre os quadros. Contudo, se um homem entrasse na sala, não haveria lugar para ele. É um ambiente que tem uma harmonia abstrata, mas não para o homem. Esta é a conclusão a que chegou o homem moderno, que se encontra abaixo da Linha do Desespero. Ele tentou construir um sistema por si mesmo, mas tal sistema chegou a um ponto em que já não havia mais espaço no universo para o homem.

O próprio Mondrian parecia ter chegado a entender que o que ele havia tentado se tornara um beco sem saída. Ele fez urna grande mudança em sua pintura, como se pode observar no quadro *Broadway Boogie Woogie,* que se encontra atualmente exposto na Galeria de Arte Metropolitana de Nova York.

O Dadaísmo, Marcel Duchamp, os Happenings e os Ambientes

Tenho um poema que apareceu na primeira página da última edição de uma revista chamada *De Stijl`',* publicado pela escola De Stijl de pintura, com a qual Mondrian mantinha contato. Foi escrito por Hans Arp (1887-1966), um dos membros do grupo dadaísta original. Eis aqui uma tradução do alemão:

a cabeça para baixo as pernas para cima ele cai no
sem fundo
de qualquer lugar que venha.

ele não tem honra em seu corpo,

ele não mordisca nem mesmo um pedaço de um pequeno prato ele a nenhuma saudação responde
não está orgulhoso de ser adorado

a cabeça para baixo as pernas para cima ele cai no
sem fundo

de qualquer lugar que venha

como prato coberto de cabelos como cadeira de quatro pernas
como um eco longo e surdo meio cheio meio vazio

a cabeça para baixo

as pernas para cima
ele cai no sem fundo
de qualquer lugar que venha.

Com base na metodologia do homem moderno, quer expressa pela filosofia, pela arte, pela literatura ou pela teologia, não pode haver fim além deste, o homem caindo no sem fundo.

O dadaísmo representa o conceito de acaso. O próprio nome foi escolhido por acaso. Um dia algumas pessoas folheavam um dicionário francês em Zurique, no Café Voltaire. Colocaram um dedo ao acaso em uma das páginas e ele foi parar na palavra *dada.* Ela significa "cavalinho de balanço". E foi assim, por puro acaso, que eles conceberam o nome da sua escola de arte.

Era dessa mesma maneira que compunham os seus poemas. Eles recortavam palavras impressas nos jornais, jogavam-nas em um chapéu e iam retirando algumas ao acaso. Mas estes artistas eram sérios; isto não era de forma alguma um jogo em que eles brincavam.

Um destes artistas foi Marcel Duchamp (1887-1968), de quem todo cristão deveria saber a respeito. Ele poderia ser chamado de *o sumo sacerdote da destruição.* É melhor conhecido por muitos pelo seu quadro *Nude Descending a Stairway,* que se encontra hoje no Museu de Arte da Filadélfia. Ele era brilhante e destrutivo – e ele pretendia destruir. Ele buscava destruir você de dentro para fora. A melhor coleção de suas obras no mundo encontra-se no Museu de Arte da Filadélfia. Mas há um quadro no Museu de Arte de Nova York, *Le Passage de la Vierge a la Mariee* (estas palavras estão inscritas na tela e significam, "A passagem da virgem para o estado de casada"). É claro que qualquer

homem ou mulher que vá até lá para ver o quadro tentará encontrar nele algo que o relacione ao seu título. Mas, por mais que fiquemos olhando para ele, nunca encontraremos a figura de uma virgem ou de uma virgem transformando-se em uma mulher casada. Assim, ele faz o espectador sentir-se sujo.

A sua última obra, que ninguém sequer sabia existir, veio a público por ocasião de sua morte. Ela se encontra hoje na coleção Duchamp do Museu de Arte da Filadélfia. Você precisa espiar por um pequeno buraco em uma velha porta espanhola para vê-lo. E o quadro *é,* de fato, pornográfico e ao mesmo tempo totalmente absurdo. Porque os diretores encarregados permitiram que isto fosse exposto no Museu de Arte da Filadélfia? Porque se trata de "arte", e esta é então a mensagem passada para a população!

Foi ele que, por volta de 1950, deu origem ao aos "happenings" e, em seguida, aos "environments". Os *happenings* começaram em Nova York. Podemos afirmar que, embora a América estivesse atrasada nos tempos do Armory Show* de Nova York em 1913, hoje em dia, em termos de arte moderna e em muitas outras áreas que se encontram abaixo da Linha do Desespero, ela é líder mundial.

Nos *Happenings,* você é posto como que dentro do quadro. Você vê as pessoas movendo-se e, como espectador, é forçado a participar. Há sempre algum elemento absurdo presente, e normalmente também há algum ato obsceno. O observador é sempre envolvido e deliberadamente destruído.

O que estão dizendo? Que tudo é acaso. O acaso, o nada, não se encontra somente confinado em um quadro emoldurado, mas abrange toda a estrutura da vida. Você é que se encontra dentro do acaso, do nada. Você é quem foi destruído.

Um bom exemplo de *Environments* foi apresentado em algumas salas da exposição de arte "Arte Zero, Arte Nula", sediada no Museu de Stedelijk, Amsterdã, no verão de 1965. Foi considerada na época a exposição mais importante da Europa. Era só entrar nas salas da galeria e observar os objetos. Mas havia algo a mais do que mero olhar para objetos individuais; você se sentia invadido por todo o contexto quase que subliminar. Quase contra a sua vontade você era contagiado pelo estado de espíri to do ambiente. Observei jovens casais que passavam por estas salas em Amsterdã. Eu sabia que a maioria deles não entendia o que havia visto. Mas tinha certeza de que, quando saíssem de lá, o ambiente os haveria afetado e que as suas defesas morais teriam sido enfraquecidas. Eles eram atingidos em um nível mais profundo do que somente na mente, e mesmo que a moça talvez não pudesse analisar o que estava vendo, ela certamente já estaria mais pronta a dizer "sim" na saída.

Nesse sentido, *é* importante notar que os líderes do *Provos, um* movimento anarquista de Amsterdã que foi muito mencionado nos noticiários internacionais entre 1966 e 1967 e que teve influência nos Países Baixos até os anos 80, afirmavam que este movimento era o resultado lógico do programa de exposições do Museu de Stedelijk, de Amsterdã, desenvolvido nos últimos quinze anos anteriores. É interessante notar ainda que o *Provos* chamava as suas apresentações públicas de *"happenings"*

Todos estes quadros, poemas e demonstrações de que estivemos falando devem ser tidos como a expressão de pessoas que estão lutando contra o seu terrível estado de perdição. Ousaríamos rir dessas coisas? Ousaríamos nos sentir superiores, quando observamos estas expressões de almas torturadas em forma de arte? Os cristãos deveriam parar de rir e passar a levar essas pessoas mais a sério. Somente então teremos conquistado o direito de dirigir a palavra à nossa geração novamente. Estas pessoas estão morrendo enquanto vivem; ainda assim, onde está sua compaixão para com eles? Não há nada

mais horrível do que uma ortodoxia cristã desprovida de qualquer tipo de compreensão ou de compaixão.

Capítulo 4

O TERCEIRO E O QUARTO DEGRAUS: A MÚSICA E A CULTURA GERAL

Da mesma forma que na filosofia e na arte, há uma porta de entrada à Linha do Desespero também na música. Debussy (1862-1918) é a porta no campo da música moderna. Não é tão fácil seguir os passos na música, quanto o é nas artes visuais; porém, os paralelos estão aí. Não é tão fácil, porque, inevitavelmente, a música abriga dentro de

si um elemento muito mais subjetivo. Entretanto, a tendência geral, desde Debussy até hoje, é suficientemente clara.

Um estudo abrangente, que não pretendemos empreender aqui, implicaria considerar o *jazz* assim como a música clássica. Tal consideração envolveria discutir a mudança na forma e conteúdo nos anos 20 e 30, quando o jazz foi introduzido na cultura dos homens brancos, e de como o jazz dos anos 40 foi a porta de entrada à desesperança de uma parte do *jazz* moderno'.

Mas concentraremos a nossa atenção na música mais associada à tradição clássica. Algumas ilustrações deverão bastar para se ter noção do todo. Poderia haver inúmeros debates acerca dos detalhes, e ainda a direção geral deste movimento seria óbvia. Em um capítulo posterior, estarei discutindo a música de John Cage. Por hora, gostaria de dedicar-me aqui a *musique concrète.*

Musique Concrète

Foi concebida por Pierre Schaeffer (1910-1984) em Paris. A *musique concrète* não é música eletrônica — isto é, música produzida eletronicamente, que consiste, portanto, de sons que não se ouve normalmente. A *musique concrète* é composta por sons verdadeiros, mas gravemente distorcidos. No começo, eram obtidos arranhando discos. Mais tarde, Pierre Schaeffer inventou uma máquina com a qual se poderia controlar cuidadosamente todas as distorções. Com sua máquina, ele era capaz de destacar a fonte do som, e revertê-la, retardá-la ou acelerá-la — enfim, podia fazer qualquer coisa para alterá-la. Escutar o resultado é começar a desconfiar de nossos ouvidos, da mesma forma como duvidamos dos nossos olhos na *Op-Art.* O efeito é impressionante. A mensagem que nos é transmitida pela distorção é a mesma da pintura moderna. Tudo é relativo, nada é certo, nada é fixo, tudo é fluido. A *musique concrète* nada mais é do que mais uma nova forma de apresentar a mensagem uniforme do homem moderno.

A UNESCO lançou um disco, intitulado *Prèmiere Panorama de Musique Concrète.*[2] Temos aí um bom exemplo, do que estes homens estão fazendo, incluindo urna seleção de um dos amigos de Schaeffer, Pierre Henry.

Ele usava a voz humana falando grego. É claro que o gramo é a língua mais adequada para se falar neste contexto, porque é a _linguagem representativa da nossa cultura ocidental. A princí- pio, esta voz é incrementada com sons aleatórios refletem o ponto de vista do homem moderno, que diz que o homem que verbaliza surgiu por acaso, num universo de acaso, com unica:

mente um futuro de acasos à frente dele, Henry expressava isso sem remorsos, por meio de sons. De uma hora para a outra, começam a acontecer coisas estranhas: a voz começa a degenerar e desintegrar-se. É como se estivéssemos observando uma mulher bonita morrendo e decompondo-se totalmente bem diante dos nossos olhos. Mas neste caso não se trata só de um corpo físico, mas de uma pessoa que se está dissolvendo por completo. Ela começa a desmanchar, a tremer, e corromper-se. Tudo começa com sons aleatórios, que vão se transformando em grego e acabam no caos. Não pode haver outro fim, quando a antítese morre, quando o relativismo surge e quando toda e qualquer possibilidade de encontrar algum tipo de universal, capaz de dar sentido ao particular é negada. É este o consenso predominante nos meios culturais, e este é o espírito do mundo que deve ser rejeitado e para o qual precisamos falar.

Henry Miller

Com este novelista americano (1891-1980), damos início às nossas considerações acerca do quarto degrau na Linha do Desespero, o qual chamei de cultura geral. Ela poderia ser dividida em um grande número de degraus, mas eu os reuni sob este mesmo título por conveniência.

> Os jovens muitas vezes dizem que a obra de Henry Miller não era meramente pornográfica, mas que eram um tratado filosófico. Os pais destes jovens muitas vezes me perguntam se eu concordo. E eu respondo: "Sim, seu filho tem razão. Sem dúvida, os seus livros são de fato indecentes e só por isso o contaminarão. Contudo, eles nunca pretenderam ser mera pornografia. Miller era considerado um escritor imoral. Ele reduzia tudo a pedaços, a ponto de não restar mais nada. Até o sexo é destruído. Isso é especialmente devastador, porque muitas vezes na área sexual da vida é que os homens esperam encontrar algum tipo de sentido, quando já abandonaram as buscas em qualquer outro lugar."
>
> E não é só em Miller, mas também em outros escritores modernos, podemos observar o tipo de tratamento que é dado às mulheres em seus livros. A *companheira* de prazer transforma-se em *objeto* de prazer e imediatamente nos vemos voltando ao Marques de Sade (gostaria de falar sobre o *novo* Henry Miller mais adiante).

Homossexualismo Filosófico

> Algumas formas de homossexualismo de hoje são de natureza tal que não se limitam ao homossexualismo somente, mas representam urna forma de expressão filosófica. Precisamos ter compreensão para com o real problema da homofilia. Mas grande parte da homossexualidade moderna é expressão da atual negação da lei da antítese. Neste caso, isso levou à negação da distinção entre homem e mulher. De modo que se extinguiu a idéia de macho e fêmea, vistos como parceiros complementares. Esta é uma forma de homossexualismo a qual é uma parte do movimento abaixo da Linha do Desespero. Para grande parte do pensamento moderno, a ordem do dia é combater todas as antíteses e toda a lógica da criação divina – inclusive a distinção macho/fêmea. A pressão do unissex está fortemente enraizada aqui. Mas não uma questão isolada; faz parte do espírito mundial, da geração que nos rodeia. É imperativo que os cristãos percebam as conclusões que estão se delineando em conseqüência da extinção dos referenciais absolutos.

John Osborne

No campo da dramaturgia, que é outro aspecto da cultura geral, é importante considerar John Osborne (1929-1980), um dos *Angry Young Men.* Sob muito aspectos, ele foi um grande dramaturgo, mas também tem sido

considerado, com bastante propriedade, um idealista que não foi capaz de encontrar o seu ideal. Esta é uma excelente descrição. Osborne foi um homem de carisma, coragem e sensibilidade; um homem capaz de cavalgar como um cavaleiro de lança na mão, pronto para lutar nas linhas de frente das grandes batalhas da vida. Era um idealista por opção, mas sem um ideal: um homem dedicado, mas que nunca encontrou nada que valesse tanta dedicação. Toda a sua visão de mundo encontra-se resumida, com espetacular clareza, na sua peça *Martinho Lutero.* Apesar de suas falhas quanto ao aspecto histórico, em geral ela retrata a primeira parte da vida de Lutero com considerável precisão. Mas a hora da verdade aparece no final, com toda a sua força. Lutero está parado ali segurando um de seus filhos nos braços. Um dos anciãos do antigo mosteiro de Lutero vem visitá-lo. Eles se olham. Finalmente o velho diz: "Martinho, você tem certeza do que está fazendo?" E, contra todos os relatos históricos, Osborne o faz responder: "Espero que sim." As luzes se acendem, as cortinas caem e a peça termina. O crítico de teatro do Times de Londres entendeu tudo. Disse ele: "Não é curioso ele ter incluído aquela última linha só para caracterizá-la como uma peça do século 20?"

Dylan Thomas

Quando revemos a poesia moderna, como parte da nossa própria cultura geral, encontramos a mesma tendência para o desespero. Perto da sua morte, Dylan Thomas (1914-1953) escreveu um poema chamado *elegy.*[3] Não foi ele quem, de fato, organizou as estrofes, então não podemos ter muita certeza da sua ordem exata. Mas a estrutura apresentada a seguir é provavelmente a correta. Este poema foi escrito por um ser humano da nossa geração. Ele não é um inseto fincado na ponta de um alfinete, mas um homem feito dos mesmos carne e sangue que nós, um homem contemporâneo, em verdadeira desesperança:

Morreu quebrado e cego, orgulhoso demais para morrer, Andou nas escuras ruas, sem nunca mais voltar, Um homem frio e bom, e bravo em seu orgulho estrito

Naquele dia obscuro, ó, queira Deus que repouse, deitado e, depois da última colina ouse,
para baixo da grama transposto, em amor, florescer

Um jovem em meio à multidão, que nunca se perdeu, Ou mudo até os incontáveis dias, até que morreu Tivesse acima de tudo desejado o seio de sua mãe

Que tenha descanso e pó, e, nesta terra bendita A mais escura justiça de morte, cega e maldita. Impeça o seu descanso, mas seja seu padrinho

Eu rezei no seu quarto junto ao leito alucinador, Na casa silenciosa, no minuto preciso anterior Ao meio dia, à noite, à luz. Dos rios da morte

Segurei a sua mão cheia de veias, vislumbrando Por seus olhos cegos, as raízes do mar profundo. (um homem velho e atormentado, quase cego),

Meu orgulho menor que o dele e caio em pranto pois sei que ele nunca mais há de sair da mente. Ossos chorando, pobres em tudo, exceto na dor.

Sendo inocente, seu grande medo era da morte, Odiando o seu Deus, mas algo era claro e forte: Bondoso velho, corajoso em seu orgulho destruidor.

Eram dele os livros: da estrutura da casa o fundo. Nem quando ainda bebê,

ninguém o via chorando; E nem agora, exceto pela última secreta ferida.

No planar dos olhos seus, vi o último raio de luz. Aqui entre os raios do soberano céu, que diz: Um velho homem cego estará sempre comigo

Andando nas campinas dos olhos de seu filho Sobre quem caiu mal e frio, como neve sem brilho. Chorou enfim, temendo os sons daquelas esferas.

Som do mundo se acabando, sem um só suspiro dar: Orgulhoso demais para chorar, fraco para não chorar, Preso entre duas noites, a da cegueira e a da morte.

Ó profunda chaga, de mágoa que tiveste que morrer Naquele mais negro dos dias. Ó se pudesse esconder As lágrimas dos olhos, orgulhosos demais para chorar. Não me deixará, enquanto eu viver.

No Festival Hall em Londres, numa das mais altas galerias do corredor de trás, há um busto de Dylan Thomas. Quem consegue encará-lo como se não tivesse compaixão só pode estar morto. Lá está ele a encará-lo com um cigarro caído no canto da boca, que é a própria imagem de prostração ao desespero. Não é bom ignorar um homem como este ou qualquer um dos outros, e esmagá-los, como se não tivesse responsabilidade alguma por eles. Isto é sensibilidade gritando no escuro. Mas não se trata de meras emoções; o problema não se situa neste patamar. Estes homens não estavam produzindo arte pela arte, ou emoções por emoções. São mensagens contundentes, pautadas pela sua própria visão de mundo.

Há muitos meios de se matar um homem, como ser humano, hoje. Todos eles funcionam do mesmo jeito: sem verdade, sem moralidade. Já não é preciso ir até galerias de arte ou ouvir a música mais sofisticada para ser influenciado pelas suas mensagens. O cinema e a televisão, os meios de comunicação em massa comuns efetivamente cuidarão disso por você.

Cinema moderno, meios de comunicação de massa e os Beatles

Costumamos classificar os filmes de cinema e programas de televisão em duas categorias – bom e mau. A palavra "bom", no sentido que a estamos empregando aqui, significa "tecnicamente bom" não se referindo à moral (ética). Para ser conside rado "bom", um filme tem que ser sério, artístico, ter boa fotografia. Os "maus" são simplesmente escapistas, românticos, servindo meramente ao entretenimento. Contudo, se os examinássemos com cuidado, notaríamos que os "bons" filmes são, na verdade, os piores filmes. O filme escapista pode até ser lamentável em inúmeros aspectos, mas os filmes chamados de "bons" nestes últimos anos quase sempre foram produzidos por gente que abraça a filosofia moderna, a qual nega a certeza de verdades e qualquer tipo de distinção entre o certo e o errado. Isto não implica que eles tenham

deixado de ser gente íntegra, mas só que os filmes que produzem são instrumentos para a promoção das suas ideologias. Há três produtores do cinema moderno que se destacam: Fellini e Antonioni, da Itália, e Bergman, da Suécia. Destes três, Bergman talvez tenha sido quem deu a expressão mais clara ao desespero contemporâneo. Ele dizia que a seqüência de seus filmes foi desenvolvida de forma deliberada — isto é, todo o conjunto de seus filmes, e não em cada um dos filmes individualmente — com o intuito de veicular o existencialismo.

Seus filmes existencialistas vão até *Tystnadem* (O Silêncio), mas não o incluem. Este filme é uma declaração de mensagens do completo niilismo. O homem, neste filme, não tem nem sequer a esperança de justificar-se a si mesmo por um ato de vontade. *O Silêncio* exibe uma série de cenas instantâneas, que giram em torno de temas imorais e pornográficos. A câmara as registrou sem mais "claque, claque, corta!". E está feito. A vida é assim: desconexa, não tendo qualquer sentido e qualquer moral.

De passagem, é preciso notar que a apresentação de Bergman em *O Silêncio* está associada aos *black writers* americanos (escritores niilistas americanos), a novela de oposição que talvez foi melhor representada em *In Cold Blood,* de Capote. Também esta é uma série de cenas, sem qualquer comentário quanto ao sentido ou à moral.

Estes escritores e diretores de produção tiveram um forte impacto sobre a mídia e, assim, a força da visão de mundo monolítica de nossa era nos pressiona por todos os lados.

Os anos 60 foram uma época de muitos e poderoso filmes filosóficos. Era impossível deixar de ver os cartazes que anunciavam *Blow-up* de Antonioni no metrô de Londres, antecipando a mensagem central do filme: "Assassinato sem culpa; amor sem sentido". A grande maioria das pessoas pode não entrar em um museu de arte, pode nunca ler um livro sério. Se você fosse explicar-lhes a tendência do pensamento moderno, poderiam não estar em condições de compreendê-lo; mas isto não significa que eles não sejam influenciados pelas coisas que vêem e ouvem — inclusive o cinema e aquilo que é considerado como televisão "boa" e não escapista.

Não se poderia encontrar melhor exemplo de como estes conceitos eram veiculados às massas, do que na música "pop" —particularmente no trabalho dos Beatles. Os Beatles passaram por vários estágios, incluindo drogas e psicodelia. A fase psicodélica começou com as gravações de *Revolver; Strawberry, Fields, Forever* e *Penny Lane* .[5] Isto foi desenvolvido com grande habilidade nas gravações de *Sergeant Pepper 's Lonely Hearts Club Band,* no qual a música psicodélica com declarações explícitas quanto ao uso de drogas, corno se sabe, ficou internacionalmente divulgada como solução religiosa. Este tipo de religiosidade apresentava o mesmo panteísmo ambíguo que predomina em grande parte do novo misticismo de hoje. Não é de fato necessário conhecer, de forma nítida, o pensamento moderno monolítico para sermos por ele contagiados. *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band* é um exemplo ideal para ilustrar o poder de manipulação das novas formas de "arte total". Este conceito de arte total aumenta o poder de infiltração da mensagem, através do emprego de alguma técnica sutil para veicular a mensagem em questão. O mesmo acontece no Teatro do

Absurdo, nos programas de televisão tipo Marshall McLuhan, no novo cinema e na nova forma de dançar com alguém como Merce Cunningham. Os Beatles apelaram para isto em *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band* transformando toda a gravação em um todo unificado, que pudesse ser ouvido como um todo, ao contrário de as músicas serem somente algo individual. Nesse disco, as palavras, a sintaxe, a música, a unidade da forma, bem como as canções individuais foram dispostas de forma a criar uma unidade de infiltração.

Estes foram os dias de fermentação dos anos 60. Duas coisas mais devem ser ditas sobre os efeitos disso para os anos 80. Primeiro, não poderemos entender Os anos 80, se não entendermos estas lutas *conscientes* pelas quais a nossa cultura passou nos anos 60. Em segundo lugar, a maioria das pessoas, compreensivelmente, não reflete sobre isso hoje, ainda que os efeitos continuem influindo sobre a nossa cultura.

Nossa cultura está amplamente marcada pelo relativismo e falta de sentido último e, se nos anos 80 foram tantos os que "se curvaram ao sistema", eles o fizeram porque não tinham nenhum ideal pelo que valesse a pena lutar. Para a maioria, tudo acabou nos anos 70. É interessante lembrar que, quando o *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band* foi transformado em uma peça da Broadway (apresentado em 1974, no Beacon Theater) ele já não tinha mais o mesmo sabor; passou a ter certo gosto de nostalgia — um quê de peça de museu de um tempo longínquo.

Capítulo 5

O FATOR UNIFICADOR DOS DEGRAUS DO DESESPERO

A Linha do Desespero representa uma unidade e os degraus desta linha têm uma marca

distintiva e unificadora. Com Hegel e Kierkegaard, o homem desistiu do conceito de um campo unificado do conhecimento racional, admitindo, em seu lugar, a idéia de um salto de fé naqueles campos que fazem o homem ser identificado como humano — o sentido da vida, o amor, a moral etc. Foi este salto de fé que deu origem à Linha do Desespero.

Os vários degraus nesta linha — filosofia, arte, música, teatro etc. — diferem em detalhes e estes detalhes são interessantes e importantes, mas de certa forma são apenas acidentais. A marca distintiva do clima intelectual e cultural do século 20 não está nestas leves diferenças, mas no conceito unificador. E o elemento de unificação é o conceito de um campo de conhecimento fragmentado.

Não importa se a simbologia usada para expressá-lo seja aquela da pintura, da poesia ou teologia; é acidental. A questão vital não se encontra nos símbolos usados para expressar estas idéias (como as palavras dos filósofos existencialistas ou o som da *musique concrète,* por exemplo), mas no conceito de verdade e o método empregado para se alcançar essa verdade. O *divisor de águas é a nova forma de se falar sobre a verdade e de como alcançá-la, e não nos termos que cada disciplina usa para expressar estas idéias.*

Leopolci Sedar Senghor, presidente do Senegal (de 1960 a 1981), foi, provavelmente, no mundo todo, o único intelectual de verdade que foi também Chefe de Estado. Ele estudou na França. Senghor escreveu um livro que reúne três discursos políticos proferidos para certos grupos em seu próprio país. O livro chama-se *On African Socialism'.* Há alguns anos ele enviou-me urna cópia autografada deste livro. Além disso, ele é autor de inúmeras poesias belíssimas que, felizmente, foram bem traduzidas para o inglês2.

Fiquei muito comovido ao ler os seus discursos. Se um homem de urna região qualquer de um país ocidental se levantasse para proferir alguma destas palestras em campanha política, poucos seriam os cristãos capazes de entender o seu significado real. O fato de Senghor ser africano sublinha a necessidade de criarmos novas formas de treinar nossos missionários internacionais, sensíveis ao problema de que a comunicação em nossos dias estende-se para além de Sorbonne, Cambridge, Harvard ou do Instituto Massachussetts de Tecnologia, para aqueles lugares que tradicionalmente considerávamos o "campo missionário". O problema da comunicação não termina em nossas próprias praias. A nova forma de pensar pode ser encontrada em qualquer lugar, nos meios de boa formação escolar.

> Nestas palestras sobre o socialismo africano, Senghor provou entender muito bem dos assuntos modernos. Ele destacou que a metodologia que domina o pensamento da época era a mesma, de ambos os lados da Cortina de Ferro. Em seu livro, ele elucida em detalhes o processo de transição da lógica clássica (A não pode ser não-A) para um conceito geral da metodologia da síntese hegeliana, amplamente aceito hoje.
>
> Ele destaca, com razão, que o tipo de comunismo originalmente desenvolvido por Marx e Engels mostrava interesse pelo homem, o que deu a este comunismo grande parte do seu direcionamento. Devemos notar, é claro, que, com o passar do tempo e o desenvolvimento natural destes seus pressupostos, o homem passou a ser desvalorizado pelo

> Estado Comunista (o estilo Marx-Engels de comunismo realmente pode ser considerado urna heresia cristã. De todas as religiões do mundo, somente o Cristianismo desenvolveu um verdadeiro interesse pelo homem. O Budismo, Hinduismo e Islamismo nem sequer estavam em condições de conceber um comunismo assim tão *idealista,* pois não cultivam interesse suficiente pelo indivíduo). O aspecto do comunismo que era mais sedutor para o imaginário dos comunistas idealistas era precisamente esta preocupação com o homem. Mas, como eu disse, a fonte de verdadeira preocupação com o homem encontra-se no Cristianismo bíblico. Estamos perdendo o impacto? A razão para tanto pode ser em grande parte pela falta de comunicação ao mundo, da nossa parte, que acreditamos que o homem, diante do Deus que existe, é de fato maravilhoso. Mas voltemos a Senghor.
>
> Ele argumentava que não devemos pensar no Marxismo como sendo, em primeira instância, urna teoria econômica. Nem devemos achar que o seu ateísmo seja o ponto central. Este comunismo é certamente ateu, mas este não é o xis da questão. Se você quiser entender o que o Marxismo realmente é, diz Senghor, deve lembrar-se de que ele baseia-se na metodologia dialética.

Senghor continua afirmando que ele e o Senegal não poderiam aceitar completamente a teoria econômica de Marx. Nem iriam aceitar seu ateísmo. Mas eles se agarrariam a seu método dialético. Assim procedendo, estariam seguindo Teilhard Chardin[3]. Em outras palavras, Senghor percebeu que não há diferença básica entre a abordagem dialética de Marx e a de Teilhard de Chardin[4]. Ele notou que, naquilo que se refere à metodologia, eles se encontram do mesmo lado. O fato de o padre jesuíta ter usado a palavra *deus* e Marx não usá-la não faz diferença alguma, pois a palavra em si não faz qualquer sentido, enquanto não lhe seja dado um conteúdo. O que importa, na verdade, é que ambos usam a metodologia dialética.

Se você quiser compreender o século presente, deve dar-se conta de que a forma de manifestação externa que a dialética assume não é o inimigo real. Ela pode ser expressa de forma teísta ou ateísta. O inimigo real não é sua forma de manifestação, mas se encontra antes na própria metodologia dialética.

O Romantismo está morto: A oportunidade do Cristianismo, se a antítese for mantida

De certa forma, os cristãos deveriam ficar contentes em saber que há tantas pessoas vivendo abaixo da Linha do Desespero e deveriam estar plenamente conscientes da postura a ser assumida. O cristão deveria ficar grato em saber que, quando fala com estas pessoas, não *é* obrigado a combater páginas e mais páginas de teses otimistas, que vão contra todas as evidências e não encontram qualquer fundamento. O Cristianismo não é romântico; é realista.

O Cristianismo *é* realista porque diz que, se não há verdade, também não há esperança; e não pode haver verdade sem fundamento adequado. Ele está preparado para enfrentar as implicações de ser refutado, declarando com Paulo: "se você um dia encontrar o corpo de Cristo, não haverá mais o que discutir; comamos e bebamos que amanhã morreremos."' Isso não dá absolutamente nenhum espaço para uma resposta romântica. Por exemplo, no campo da moral, o Cristianismo não olha para este mundo cansado e sobrecarregado, dizendo

que ele está leve mente rachado, um tanto avariado ou fragmentado, ou fácil de remendar. O Cristianismo é realista o bastante para dizer que o mundo está marcado pelo mal e que o homem é realmente culpado, sob todos os aspectos. O Cristianismo recusa-se a dizer que se pode ser esperançoso quanto ao futuro, se estiver fundamentando sua esperança em evidências de mudança para melhor na humanidade. O cristão concorda com a intuição das pessoas que se encontram em verdadeiro desespero, que o mundo deve ser encarado de forma realista, tanto sob o aspecto do ser, quanto da moral.

O Cristianismo está a quilômetros de distância de qualquer tipo de humanismo otimista. Mas ele também se distingue do niilismo, pois o niilismo, embora seja bastante realista, não *é* capaz de oferecer nenhum diagnóstico realista, nem qualquer tratamento adequado para as suas próprias doenças. O Cristianismo oferece um diagnóstico e, logo em seguida, um fundamento sólido para a solução. A diferença entre o realismo cristão e o niilismo não está no fato de que a visão de inundo cristã seja romântica. Deveríamos estar contentes com o fato de que o romantismo de hoje tenha sido destruído. De certa forma, isso torna a nossa tarefa de apresentar o Cristianismo ao homem moderno mais fácil do que era para os nossos ancestrais.

Mas celebrarmos que as respostas românticas já não existem, e estarmos, de certa forma, gratos pelo fato de homens como Dylan Thomas terem acabado em desespero, não significa que não precisemos nos encher de compaixão para com estes companheiros. Viver abaixo da Linha do Desespero não significa viver no paraíso, não importa se em algum paraíso de tolos, ou qualquer outro. Mas significa, no mais real sentido da palavra, ter uma vaga noção do inferno agora, bem como da realidade da vida por vir. Muitas das pessoas mais sensíveis foram totalmente expostas à destruição. Será que nós não deveríamos lamentar e chorar diante de Deus por estas pessoas?

Nesta tarefa, que tão desesperadamente reivindica o remédio que só o Cristianismo bíblico pode oferecer, parece que estamos fracassando. Isto não pode dever-se à falta de oportunidades; tais homens já se encontram a meio caminho do evangelho, pois eles também acreditam que o homem está *morto,* morto no sentido de ser vazio de sentido. Somente o Cristianismo é capaz de apresentar as razões para esta falta de sentido, que está no fato de que a sua rebelião os separou do Deus que existe e isto lhes fornece a verdadeira explicação para a conclusão a que chegaram. Mas não podemos aproveitar em nada esta oportunidade, se *negamos* qualquer tipo de pensamento ou prática da metodologia da não-contradição ("A é A" e "A não é não-A"). Se algo é verdadeiro, o oposto necessariamente *é* falso; se algo é correto, o seu oposto *é* errado.

Se nossos próprios jovens dentro das igrejas e aqueles do mundo externo nos virem às voltas com a metodologia sintética, no nosso ministério de ensino e evangelização ou nas nossas políticas e instituições, nós nunca poderemos ter a esperança de aproveitar este momento único de oportunidade presenteado pela morte do romantismo. Se abandonarmos nosso senso de antítese, não teremos mais nada a dizer.

Mais do que isto: não só não teremos nada a dizer, como também nos transformaremos em nada. O Cristianismo deixa de existir, por mais que ainda se mantenha sua forma institucional externa. O Cristianismo exige a antítese, não na forma de algum conceito abstrato de verdade, mas no fato de que Deus existe e na

justificação pessoal. O conceito bíblico de justificação *é* totalmente lógico e pessoal. Antes da nossa justificação, estávamos mortos no reino das trevas. A Bíblia diz que, no momento em que nós aceitamos a Cristo, passamos da morte para a vida. Isto é totalmente coerente, no plano do homem individual. Uma vez que comecemos a passar para a outra metodologia — uma falha em segurar-se em algo absoluto, que possa ser conhecido pelos homens todos, incluindo o que é lógico e racional neste algo — o Cristianismo histórico estará destruído, mesmo se ele aparentemente continuar mantendo-se por algum tempo. Podemos não ter consciência disso, mas, sempre que isso ocorre, as marcas da morte começarão a aparecer e, em breve, tudo será mais uma peça de museu.

À medida que alguém desiste da mentalidade da antítese, está passando para o outro lado, mesmo se pretende defender a ortodoxia ou o evangelismo. Se a morte do romantismo pode representar alguma vantagem aos cristãos, será a de conscientemente reconstruir a lógica e prática da antítese entre os cristãos, na doutrina e na vida. Devemos fazê-lo, ensinando e dando o exemplo por nossas atitudes em relação ao compromisso, tanto eclesiástico quanto evangelístico. Falhar em mostrar que levamos a verdade a sério, precisamente naqueles pontos em que há um custo por não agirmos assim, significa permitir à nova geração cair no redemoinho dialético e relativista que nos cerca.

Finalmente devo, com a devida reverência, enfatizar que nós não devemos ter apenas uma compaixão genuína pelos perdidos com os quais convivemos, mas também nos preocupar com nosso Deus. Somos seus filhos e, se cairmos na outra metodologia, teremos de fato blasfemado, teremos lançado Deus no descrédito e o teremos desonrado — pois a maior antítese de todas é o fato de que Deus existe, em oposição à sua não existência; ele é o Deus que aí está.

Seção Dois

A RELAÇÃO DA NOVA TEOLOGIA
COM O CLIMA INTELECTUAL

Capitulo 1

O QUINTO DEGRAU: A TEOLOGIA

O afastamento do Cristianismo bíblico

A teologia existencial moderna tem a sua origem em Kierkegaard, assim corno o existencialismo secular. Ambos os sistemas de pensamento encontram-se articulados no seu ponto mais profundo – isto é, no "salto de fé". A teologia surge como último degrau, mas de forma alguma isolada do resto do consenso cultural que estivemos discutindo.

Há diversidade dentro da unidade da nova teologia. É preciso distinguir, por exemplo, a nova ortodoxia do novo liberalismo, adepto das idéias do Heidegger tardio. Um estudo cuidadoso exige que tais diferenças sejam observadas. Por outro lado, se perdermos de vista a unidade que permite articulação entre todas as expressões da teologia moderna, teremos deixado escapar o ponto principal.

> Na época da Reforma, os reformadores foram confrontados com um sistema de pensamento completo. Eles não diziam que não havia cristãos dentro da Igreja Católico-Romana, nem tampouco negavam as diferenças existentes no ensino e nas ênfa ses dadas pelas várias ordens católico-romanas. Mas o que eles perceberam foi que havia um sistema subjacente, que unia todas as facções da Igreja, e foi este sistema, *enquanto sistema,* que eles denunciaram como sendo errado e contrário aos ensinamentos da Bíblia.
>
> Hoje, os evangélicos estão sendo confrontados mais uma vez com este terrível consenso, uma metodologia aceita por teólogos de todas as partes do mundo. Assim, por mais que possamos aproveitar algumas de suas idéias (Bultmann, por exemplo, tem algumas boas exegeses em alguns detalhes), não pretendemos discutir opiniões

polêmicas, nem brigar por detalhes ínfimos — precisamos perceber que o sistema *como sistema* está errado.

Como Senghor destacou, o elemento chave do Marxismo não se encontrava na sua teoria econômica, nem no seu ateísmo, mas na sua metodologia dialética, assim como o ponto comum à nova teologia encontra-se na sua metodologia equivocada. Se o conceito de verdade *é* falso, aquilo que parece correto, na verdade muitas vezes significa algo totalmente diferente daquilo que o Cristianismo histórico está querendo dizer no mesmo texto. Seria ingenuidade de nossa parte discutir uma questão propriamente teológica, sem antes discutirmos o conceito de verdade de todos os que estão formulando estas mesmas afirmações teológicas.

A teologia passou pelo mesmo processo que a filosofia, ainda que algumas décadas mais tarde. Antes de Hegel, os adeptos do racionalismo ainda se empenhavam em desenhar círculos que abarcassem a totalidade da vida. Então, surgiu a Linha do Desespero. A teologia naturalista seguiu-se logo depois. Os velhos teólogos liberais da Alemanha começaram a aceitar o pressuposto da uniformidade das causas naturais inseridas em um sistema fechado. Desta forma, rejeitaram qualquer coisa considerada miraculosa e sobrenatural, inclusive os milagres, e o sobrenatural na vida de Jesus Cristo. Tendo feito isso, eles ainda esperavam encontrar um Jesus histórico, por um método racionalista, objetivo, escolástico, com a separação do aspecto sobrenatural na vida de Jesus de uma "verdadeira história". Mas fracassaram do mesmo modo que os filósofos racionalistas falharam. Eles também se viram "presos" num quarto circular sem saída. A sua busca pelo Jesus histórico estava condenada ao fracasso. O sobrenatural estava tão fortemente associado a tudo que, se eles tivessem rompido com qualquer noção de sobrenatural, não restaria mais nada de Jesus! Se removessem todo o sobrenatural, nenhum Jesus histórico restaria; e, por outro lado, se mantivessem o Jesus histórico, teriam que manter o sobrenatural.

Depois desse fracasso, eles poderiam ter feito duas coisas, caso quisessem continuar mantendo-se numa estrutura racional e lógica. Poderiam abandonar o racionalismo, retornando para a teologia bíblica da Reforma (a qual tinham rejeitado, baseando-se nos pressupostos naturalistas); ou então poderiam ter se tornado niilistas em relação ao pensamento e à vida. Mas, ao invés de optar por qualquer uma destas duas alternativas racionais, escolheram o terceiro caminho, como os filósofos já o haviam feito antes deles — caminho este que teria sido impensável para pessoas de alta formação antes de sua época, e que implicava a fragmentação do conceito de verdade.

E por que a teologia acabou seguindo o exemplo da filosofia nesse ponto tão crucial? Por duas razões: primeiro, seu velho racionalismo otimista falhou em produzir um Jesus digno de credibilidade histórica, depois de ter descartado os milagres; em segundo lugar, já que o consenso geral no pensamento da maioria era seu padrão referencial, quando a filosofia desenvolveu-se nesta direção, a teologia seguiu-a.

Então, não foi tanto a neo-ortodoxia que destruiu as antigas formas de liberalismo, por

mais que o ensino de Karl Barth possa ter representado o terremoto que pôs abaixo toda esta estrutura: ela já vinha sendo corroída por dentro. Para expressá-lo em ou tros termos — se Barth tivesse vivido cinqüenta anos antes, duvido muito que alguém sequer teria dado ouvidos a ele.

A neo-ortodoxia não deu respostas novas. O que a filosofia existencial já havia dito em linguagem secular era agora expresso em linguagem teológica. Isso pode ser representado da seguinte forma:

O NÃO-RACIONAL E NÃO-LÓGICO	Uma experiência de crise de primeira ordem. A fé que não pode ser conferida e não tem conteúdo
O RACIONAL E LÓGICO	A Escritura cheia de Erros - pessimismo.

A neo-ortodoxia acabou saltando para o que eu chamo de "nível superior", para tentar encontrar algo que conferisse esperança e sentido à vida. O "nível inferior" é a conclusão à qual aqueles pressupostos os teriam levado pela lógica e razão.

Foi assim que a teologia acabou caindo igualmente para baixo da Linha do Desespero:

FIGURA PÁGINA 70

A nova teologia estava abdicando da esperança de encontrar um campo unificado do conhecimento. De modo que, em contraste à teologia bíblica e da Reforma, ela passa a ser uma antiteologia.

Vendo desta forma, seria uma ingenuidade estudar a nova teologia como se fosse uma matéria por si só. Há alguns anos, eu estava dando uma palestra em um dos mais sólidos seminários bíblicos do mundo. Comecei afirmando que, se os teólogos americanos tivessem se interessado pela primeira mostra de arte moderna dos Estados Unidos, o *Arnzory Show* inaugurado em 1913, na cidade de Nova York, quem sabe as grandes denominações americanas não teriam sido capturadas pelos liberais dos anos 30. Naquela época, as artes estavam anunciando as tendências futuras que acabariam se manifestando na teologia bem mais tarde. Eis porque o ano de 1913 já foi mencionado anteriormente neste livro como um ano relevante. Se os cristãos tivessem entendido a mensagem-arte do *Annory Show,* teria sido uma excelente oportunidade de estar se adiantando aos acontecimentos, ao invés de terem ficado para trás. A teologia conservadora ainda não se deu conta isso. Ela é demasiadamente provinciana, da forma como se encontra alienada do pensamento cultural geral.

Karl Barth foi, na teologia, a porta de acesso à Linha do Desespero. Ele insistiu, até o dia da sua morte, em defender as maiores (negativas) teorias críticas já concebidas pelos liberais, sem deixar de lado a sua busca por algum tipo de salto de fé, capaz de contornar as duas únicas alternativas racionais que se apresentavam ao seu tipo de abordagem — o resgate da visão histórica das Escrituras ou a adesão à visão pessimista da vida. Depois da primeira edição do seu *Comentário sobre a Epístola dos Romanos,* ele não mais admitia sua dívida com Kierkegaard. Entretanto, como ainda acreditava nas teorias da alta crítica, seu "salto" continuou a ser a base para suas respostas otimistas.

Anos mais tarde, quando seus discípulos deram continuidade às suas teorias, ele recuou diante das extensões coerentes que eles atingiram. Mas, da mesma forma como Kierkegaard, com seu salto, abriu as portas para o pensamento existencialista geral, Karl Barth abriu a porta para o salto existencialista na teologia. Como em outras disciplinas, a questão fundamental é a mudança na epistemologia.

Muitos outros pensadores seguiram Barth, tais como Reinhold Niebuhr e Paul Ti ll ich. Eles podiam até discordar nos detalhes, mas a sua luta era a mesma – a luta desesperada do homem moderno, por ter abdicado da noção de campo unificado do conhecimento. No que tange aos teólogos, eles evitavam o confronto entre as verdades religiosas e a ciência, de um lado e a história, de outro. O seu novo sistema não está aberto à investigação; ele deve ser simplesmente acreditado.

Assim, embora sua posição fosse baseada em urna visão "liberal" das Escrituras, ainda assim a questão real na nova teologia não é só sua visão das Escrituras, mas fragmentária perspectiva da verdade.

Capítulo 2

O MISTICISMO MODERNO: DESESPERO PARA ALÉM DO DESESPERO

A desesperança do homem moderno assume várias formas. Trata-se de urna desesperança profunda, devido à sua preferência por fórmulas e formas que parecem dar motivos para esperança, mas que, devido à sua natureza, conduzem a profundezas ainda maiores do desespero.

O niilismo moderno é a forma mais elementar de manifestação do desespero. Ele é visível, por exemplo, na pintura *O quê? De onde? Para onde?* de Gauguin e na *musique concrète.* O niilismo admite a tese de que tudo é sem sentido e caótico.

O segundo nível do desespero é a aceitação dessa dicotomia, a que estamos nos referindo:

UMA CEGA E OTIMISTA ESPERANÇA DE SIGNIFICADO, BASEADA EM UM SALTO DE FÉ NÃO-RACIONAL

O RACIONAL E O LÓGICO QUE NÃO COMUNICAM SIGNIFICADO

Para sentir a força desta forma de manifestação mais profunda de desesperança, temos que manter em mente que o "nível superior" e "nível inferior" desta dicotomia encontram-se dispostos em dois compartimentos totalmente impenetráveis. Não há nenhuma possibilidade de interação entre eles. *O nível inferior não tem nenhuma relação com o sentido; o nível superior não se relaciona com a razão.* O nacionalista, tendo desistido da metodologia da antítese (se algo é verdadeiro, o oposto não pode ser verdadeiro), foi forçado a adotar um conceito não-unificado do conhecimento e, conseqüentemente, a acabar numa contradição total e terrível entre racionalidade e sentido.

No nível inferior racional, o homem é apenas uma máquina. No nível superior não racional, é menos que urna "sombra" grega. Os filmes *Last Year in Marienbad, Juliet of the Spirits* e *Blow-up* enfatizam fortemente este último aspecto, mostrando o homem como ele é no nível superior, sem critérios.

A dicotomia foi apresentada como resposta ao desespero da visão meramente niilista; acontece que esta dicotomia representa, na verdade, urna forma mais profunda de desesperança. Ela significa que o homem fragmentou todo e qualquer conceito unificado de conhecimento e — e isto é o pior — também fragmentou a unidade do seu conceito de si

> mesmo, pois a racionalidade é parte de todo ser humano. O homem individual não pode sequer comunicar-se consigo mesmo, com sua própria cabeça, a não ser com base na antítese. De modo que ele pensa "eu te amo", ou "que lindas flores naquela árvore", mas estas sentenças serão um monte de palavras sem sentido, se não se pautarem pela lei da antítese, considerando a possibilidade de que ele não ama ou que as flores são feias. Isto significa, na prática, que um homem não tem como ignorar totalmente a metodologia da antítese, por mais que o seu sistema o induza a fazê-lo, a menos que ele queira viver numa total alienação de si mesmo gerada por alguma forma de colapso mental.

Por isso, nem mesmo os responsáveis pela dicotomia moderna entre razão e sentido estão em condições de conviver com ela. Jean Paul Sartre brigou com Camus, porque sentia que Camus não estava sendo coerente com Os seus pressupostos básicos. Isto era verdade, mas Sartre também não o foi quando assinou o *Manifesto da Argélia.* Quando ele fez isto não foi simplesmente para justificar sua existência por um ato neutro da vontade (como na ilustração da velha senhora que demos, no capítulo dois da seção um, dedicada a Sartre), pois, neste caso, não faria diferença, se ele tivesse agido de forma oposta. Pelo contrário, foi porque ele tomou uma atitude deliberadamente moral, e disse que aquela era uma guerra injusta e suja. Sua posição política de esquerda, que levava tão a sério quanto uma questão de moral, *é* outro exemplo da mesma incoerência.

No que depender de muitos existencialistas seculares, a partir do momento em que Sartre assinou o *Manifesto da Argélia,* ele passou a ser considerado um apóstata da sua própria escola, sendo derrubado da sua posição de liderança antes considerada de vanguarda.

O que valia tanto para Camus, quanto para Sartre — que eles não estavam em condições de conviver com as conseqüências do seu sistema de pensamento — tem sido verdade para todos os homens em cada degrau da Linha do Desespero, não importa se na filosofia, arte, música ou literatura. O resultado de não ser capaz de manter-se em honesta integridade de sua desesperança em nenhum destes âmbitos (do niilismo ou da total dicotomia entre razão e falta de sentido) fez com que o pensamento moderno avançasse mais um estágio, rumo ao terceiro nível, um nível de misticismo vazio.

Teologia e Misticismo Semântico

À primeira vista, a neo-ortodoxia parece ter alguma vantagem sobre o existencialismo secular. Parece ter mais substância em suas expressões otimistas do que sua correspondente secu¬lar. Como vimos, urna das dificuldades da experiência final é que ninguém encontrou um meio de comunicar esta experiên¬cia — nem para si mesmo. Mas, na nova teologia, é feito o uso de determinadas palavras religiosas que possuem uma conotação de personalidade e significado para aqueles que as ouvem. Uma comunicação real não é estabelecida de verdade, mas uma ilu¬são de comunicação é dada através do emprego de palavras ri¬cas em conotação. Expressar a inexprimível experiência exis¬tencial em palavras com conotação religiosa cria uma ilusão de comunicação.

Carl Gustav Jung (1875-1961) falou do inconsciente coleti¬vo que surge da raça como um todo. Eu penso que ele está erra¬do em seu pensamento, especialmente na origem

evolucionária que ele dá a isso. E, ainda assim, existe uma certa memória em qualquer cultura, memória esta que é carregada em sua lingua¬gem. Este tipo de memória relacionada a linguagem, eu sugiro, é uma explicação melhor daquilo que Jung chama de inconscien¬te coletivo)

O Uso de Palavras e Símbolos

Cada palavra tem duas partes. Há a definição do dicionário, e há a conotação. Palavras podem ser sinônimas pela definição, mas ter conotações completamente diferentes. Assim, percebemos que quando um símbolo como cruz é usado, seja na escrita ou na pintura, uma determinada conotação surge na mente das pessoas que cresceram em uma cultura cristã, mesmo que elas tenham rejeitado o Cristianismo (é claro que o uso de palavras desta maneira não se aplica penas aos símbolos do Cristianismo, mas também aos de outras religiões). Então, quando a nova teologia usa estas palavras, sem uma definição, é dada uma ilusão de significado que é útil para fazer surgir motivações profundas.

É algo além de emoção. Uma ilusão de comunicação e con¬teúdo é dada de forma que, quando urna palavra é usada deste modo deliberadamente indefinido, o ouvinte "pensa" que sabe o que ela significa. O uso da palavra panteísmo é um bom exem¬plo. Apesar de na verdade falar sobre algo absoluta e finalmen¬te impessoal, ainda assim o teísmo que faz parte desta palavra carrega em si uma sobrecarga de personalidade. Agora, supo¬nha que você a substitua pela palavra pan-tudismo (que é aqui¬lo que realmente significa). Toda a reação seria diferente.

Também é importante perceber que a nova teologia tem ten-tado mergulhar no prestígio que envolve o uso da palavra sím¬bolo no mundo científico, mas com uma concepção de símbolo totalmente alterada. Na ciência o uso de símbolo é valioso em tudo que é bem definido para duas pessoas no mínimo: para quem o usa e pelo menos uma outra pessoa. Diz-se que quando Einstein propôs sua teoria da relatividade, talvez apenas três ou quatro pessoas no mundo a entenderam imediatamente. Mas ele nunca a teria escrito da forma que fez se pelo menos aqueles três ou quatro não fossem capazes de entender aquilo como uma bem definida comunicação de conteúdo. Assim, o símbolo cien¬tífico tornou-se uma importante ferramenta para expressar fór¬mulas cada vez maiores com grande exatidão. Em outras pala¬vras, ele tem valor dependendo da precisão da definição.

Mas a nova teologia usa o conceito de símbolo exatamente da forma oposta. A única coisa que os usos científico e teológico têm em comum é a palavra símbolo. Para a nova teologia, a utilidade de um símbolo tem relação direta com sua obscuridade. Existe conotação, como na palavra deus, mas não há definição. O segredo da força da teologia neo-ortodoxa é que os símbolos com conotação de personalidade dão uma ilusão de significa¬do, e como conseqüência disto ela parece ser mais otimista do que o existencialismo secular. É difícil encontrar um exemplo melhor disto do que a frase de Ti llich: "Deus por trás de Deus".

> No primeiro momento, este conceito dá o sentimento de espiritualidade. "Eu não peço respostas, eu apenas acredito." Isto soa espiritual, c isto decepciona muitas pessoas boas. Freqüentemente são jovens que não se satisfazem apenas em repetir as frases do *status quo* — seja ele intelectual ou espiritual. Eles se tornaram insatisfeitos com uma ortodoxia obtusa, empoeirada e introvertida criada apenas para repetir bordões muito conhecidos. A nova teologia soa espiritual e vibrante, e eles são capturados

pela armadilha. Mas o preço que pagam por algo que parece ser espiritual *é* alto, pois operar no andar de cima usando termos religiosos sem definição é falhar em conhecer e funcionar no nível do homem por inteiro. A resposta não é solicitar a estas pessoas que voltem à pobreza do *status quo,* mas que voltem a uma teologia viva que se preocupa como o homem como um todo, incluindo o racional e o intelectual, em sua relação com Deus.

Quando a humanidade disser estar procurando por uma realidade maior, nós devemos mostrar-lhe de uma vez a realidade do *verdadeiro* Cristianismo. Ele é real porque se relaciona com o Deus que existe e que falou a nós a respeito de si mesmo, não apenas com os símbolos *deus* ou *cristo* que soam espirituais mas não são. As pessoas que usam o símbolo devem ser pessimistas, pois a mera *palavra* deus ou a *idéia* deus não é base suficiente para o otimismo que demonstram.

Falando racionalmente, os novos teólogos estão na mesma posição que Pierre Schaeffer e sua *musique concréte.* É como se eles estivessem nos pedindo através de um salto de fé que ouçamos *musique concréte* como se ela tivesse a mesma unidade e diversidade de J. S. Bach. Este é o tipo de "credulismo" exigido por esta teologia. *O salto otimista é uma necessidade porque o homem é criado à imagem de Deus, independente do que ele diga a respeito de si mesmo e, como tal, ele não pode viver sem significado.* O salto da nova tecnologia baseia-se em termos pessoais e, por causa disto, termos religiosos que tem conotação de personalidade, significado e comunicação. Não é nada mais do que um salto em um indefinível, irracional e semântico misticismo.

Mesmo aqui a nova teologia não é única. Existem muitos paralelos seculares para o uso do estratagema de palavras conotativas para tentar aliviar o desespero causado pela perda do significado racional e propósito. Nós vamos agora olhar para alguns exemplos em diferentes disciplinas.

As **origens do Misticismo Semântico — Leonardo da Vinci**

A melhor maneira de entender como o homem moderno foi forçado, freqüentemente contra sua inclinação natural, a entrar nestes vários níveis de desespero, o qual ele tem tentado aliviar pelo uso de palavras conotativas levadas ao andar de cima, é olhando para um dos mais brilhantes homens da Renascença, Leonardo da Vinci (1452-1519).

Leonardo morreu quando a Reforma estava começando. Francis I, rei da França, que o levou a França onde ele morreu, foi o rei a quem João Calvino endereçou suas *Institutas.* Como humanista da Renascença, Leonardo deu uma resposta para a vida que era completamente contrastante àquilo que os reformadores estavam dando.

A Reforma fez crescer uma cultura definida, particularmente na Europa do Norte, e os elementos humanistas da Renascença (da qual Leonardo era um porta-voz) finalmente fizeram crescer o desespero do homem moderno que está agora destruindo aquela cultura.

Leia o que Giovanni Gentile, conhecido até sua morte como o maior filósofo italiano moderno, tem a dizer sobre Leonardo:

> A unidade do interior ilumina a fantasia; e o intelecto aparece para quebrar esta unidade numa multiplicidade sem fim de aparências per ceptíveis. Daí a angústia e a mais profunda tragédia deste homem universal, dividido entre seus mundos irreconciliáveis, deixa na mente um infinito anseio, feito como de arrependimento e tristeza. Este é o desejo de um Leonardo diferente do Leonardo que ele foi, um que pudesse ter unificado a si mesmo em cada fase e ter permanecido assim, fechando-se a si mesmo totalmente em sua fantasia ou totalmente em sua inteligência.'

> O que Gentile está dizendo é que Leonardo, como primeiro matemático verdadeiro no sentido moderno, realmente entendeu o problema com o qual o homem moderno está lidando. Ele entendeu que, se o homem começar de si mesmo sozinho e lógica e racionalmente mover-se através da matemática, ele nunca chegará a um universal, apenas a particulares e mecanismos. O problema pode ser formulado assim: corno um homem finito pode produzir uma unidade que cubra estes particulares? E se ele não pode, como estes particulares podem ter unidade e significado para ele?

Leonardo foi um neoplatonista que seguia a Ficino, e ele tentou resolver o dilema em suas telas pintando a alma. O uso da palavra *alma* aqui não tem o mesmo significado da idéia cristã de alma, mas o universal. Assim, por exemplo, ele pensava que podia, como pintor, desenhar o bebê universal que cobrisse todos Os particulares de todos os bebês. Mas ele nunca alcançou isto mais do que Picasso fez ao pintar suas abstrações. Mas há urna diferença entre estes dois pintores. Leonardo não foi um homem moderno e, como tal, não podia aceitar a solução irracional do homem moderno. Então Leonardo morreu em descontentamento, pois nunca deixou sua esperança de achar um campo unificado do conhecimento que incluísse tanto o universal corno particular, tanto a matemática como o significado. Tivesse ele desejado aceitar uma dicotomia irracional, corno aqueles que desenvolveram o pensamento de Kierkegaard desejaram, e ele o teria facilmente. Mas para ele esta teria sido uma resposta impossível; as pessoas de seu tempo, ainda que tivessem sido humanistas, nunca teriam aceitado uma solução irracional como esta. Existe então uma linha contínua entre o humanismo da Re¬nascença e a filosofia moderna, mas no processo o homem moderno aceitou o "salto" que os filósofos do passado nunca teriam aceitado, e moveu-se para três áreas do desespero: (1) niilismo simples; (2) a aceitação da dicotomia absoluta; (3) um misticismo semântico baseado em palavras conotativas.

Este novo misticismo não espera encontrar um campo unifi¬cado de conhecimento. Ele concluiu de forma firme que a gi¬gantesca situação contraditória em que significado e racionalidade verdadeira (o andar de cima e o de baixo) estão irremediavelmente separados é

intrínseco à natureza do univer¬so. Por outro lado, o velho Romantismo nunca desistiu de pro¬curar urna unidade racional entre o andar de cima e o de baixo. Esta é a diferença fundamental entre eles.

Natureza e graça

Esta diferença existe entre o novo misticismo e a antiga for¬mulação de natureza e graça. Depois de Tomás de Aqui no (1227-1274), o homem gastou muito tempo na procura da relação e da possível unidade entre natureza e graça. Antes dele, a ênfase dos pensadores bizantinos era toda em coisas celestiais, e depois dele, como resultado da ênfase de Aquino em Aristóteles, a natureza também se tornou importante. Isto foi expresso na pintura de Cimabue (1240-1302) e Giotto (1267-1337) e na poesia de Dante (1265-1321), Boccacio (131-1375) e Petrarca (1304-1374). Na época que a Renascença havia se espalhado pela Europa, a natureza havia sobrepujado a graça. Nós podemos representar seu pensamento desta maneira:

GRAÇA, o nível superior: Deus o Criador; o céu e as coisas celestes; o invisível e sua influência na terra; a alma humana; a unidade.

NATUREZA, o nível inferior: A criação; a terra e as coisas terrestres; o visível e o que fazem a natureza e o homem na terra; o corpo humano; a diversidade.

À primeira vista isto pode parecer com a moderna dicotomia:

O NÃO-RACIONAL E NÃO-LÓGICO

O RACIONAL E O LÓGICO

Mas a diferença entre estes dois conceitos é fundamental, sendo mais qualitativa do que quantitativa.

A batalha envolvendo *natureza e graça* era a batalha para encontrar um significado para estas coisas juntas, e os filósofos sempre esperaram por uma unidade entre as duas com base na razão (diga-se de passagem, alguém pode acrescentar que esta questão de natureza e graça só pode ser solucionada pelo sistema bíblico, e é porque estes homens tentaram achar uma resposta racionalista ou humanística que eles falharam). Mas o homem moderno desistiu de toda a esperança de achar uma resposta unificada para a questão da natureza e graça. Ainda que ele descreva-a de forma diferente, e a diferença em sua formulação indique seu desespero.[3] O homem moderno agora a formula desta maneira:

FÉ SEM CONTEXTO (SEM RACIONALIDADE)

RACIONALIDADE (SEM SIGNIFICADO)

Entender isto em um nível profundo é compreender corno o desespero do homem completamente moderno é desespero. Toda nova teologia e misticismo são nada mais do que uma fé contrá ria à racionalidade, destituída de conteúdo e incapaz de uma comunicação substancial. Você pode aceitar "testemunhar" isto, mas você não pode discutir isto. Racionalidade e fé estão

fora
de contato uma com a outra.

Vamos mudar a linha horizontal um pouco e ver que é uma linha de *antropologia.* Abaixo desta linha é a área do homem. Tudo que a nova teologia tem abaixo desta linha é o "outro filosófico", um infinito metafísico, que é desconhecido e nãoconhecível. Desta forma:

DEUS É IGUAL AO OUTRO FILOSÓFICO,
DESCONHECIDO E NÃO-CONHECÍVEL

A PALAVRA DEUS INDEFINIDA

A nova teologia está totalmente abaixo da linha da antropologia. Ela não conhece qualquer coisa a respeito do homem sendo criado à imagem de Deus, nem de Deus revelando verdadeiramente a si mesmo nas escrituras.

O importante a notar é que enquanto para eles nada acima da linha pode ser conhecido, ainda assim eles continuam usando a palavra *deus.*

Provavelmente a melhor maneira de descrever este conceito de moderna teologia é dizer que isto é fé na fé, ao invés de fé dirigida a um objeto que realmente existe. Eu ministrei palestras em universidades há alguns anos sobre *"Fé versus fé",* falando sobre o contraste entre fé cristã e fé moderna. A mesma palavra, *fé,* é usada, mas tem significados opostos. O homem moderno não pode falar sobre o objeto de sua fé, apenas sobre a própria fé. Então, ele pode discutir a existência de sua fé e seu "tamanho" como se existisse contra toda a razão, mas isto é tudo. A fé do homem moderno se torna interna.

No Cristianismo, o valor da fé depende do objeto ao qual a fé é dirigida. Então, ele (o Cristianismo) olha para fora, para o Deus que existe, e para o Cristo que na história morreu na cruz de uma vez por todas, finalizando a obra de expiação, e no terceiro dia levantou-se novamente, no tempo e no espaço. Isto torna a fé cristã aberta à discussão e verificação.

Por outro lado, a nova teologia está numa posição em que a fé é introvertida por causa de não ter um objeto definido, e onde a pregação da palavra *kerigma* é infalível, pois não está disponível para discussão racional. Esta posição, eu sugeriria, é na verdade um desespero e urna escuridão ainda maiores do que a posição do homem moderno que comete suicídio.

Capítulo 3

O MISTICISMO MODERNO EM AÇÃO: ARTE E LINGUAGEM

A tensão de ser humano

Há urna tensão real em ser um homem moderno, pois ninguém consegue viver de forma totalmente tranqüila na área da desesperança. Um cristão sabe que isto se deve ao fato de que o homem foi feito à imagem de Deus e, por mais que o homem esteja caído, separado de Deus por sua culpa real, ainda assim ele não se tornou urna máquina. O estado de queda não leva à *mecanicidade,* mas *ao estado de humanidade caída.* Por isso, quando as pessoas sentem esta desesperança total, isso gera uma pressão gigantesca, corno sendo compelidas a jogar fora toda a longa história do pensamento para aceitar uma dicotomia e então acrescer algum misticismo mais tarde, que lhe dá ilusão de unidade ao todo.

Lembro-me de uma ocasião quando, sentado no Lyon's Corner House, perto de Marble Arch, em Londres, há alguns anos, eu conversava com um brilhante e jovem físico. Eu o indagava acerca da sua última pesquisa, e ele me falou acerca de urna descoberta revolucionária, que ele acreditava ser capaz de solucionar o problema de Einstein, relativo ao eletromagnetismo e à gravidade. Ele ficou bastante empolgado com isto, já que eu conhecia o suficiente para instigá-lo. Quando ele começou a divagar muito, em suas elucubrações, eu o trouxe de volta, di¬zendo: "Um cristão, que realmente sabe quem ele é, não tem nenhum problema em dizer que o universo material poderá, no fim, ser reduzido a partículas de energia, movendo-se em dire¬ções opostas em seu vórtice, mas... e os seus colegas naturalis¬tas? O que acontece, quando eles vão para casa à noite, para junto das suas esposas e famílias?".

Depois de refletir por alguns instantes, ele disse: "Ah, Dr. Schaeffer, eles tem apenas que viver em uma dicotomia".

A própria "hombridade" do homem recusa-se a viver na ló¬gica da posição à qual seu próprio humanismo e racionalismo trouxeram. Dizer que não passo de urna máquina humana é uma coisa; viver de forma coerente, como se isso fosse verdade, é outra.

Lembro de outra ocasião ainda, em que viajava certa noite pelas águas do

Mediterrâneo, partindo de Lisboa, em direção a Gênova. Era uma linda noite. A bordo do navio, conheci um jovem rapaz que instalava estações de rádio no norte da África e Europa para uma grande empresa americana. Ele era ateu e, quando ele soube que eu era pastor, imaginou ter em mim um entretenimento para o fim da tarde. Mas nossa conversa não foi por este caminho. Nossa conversa mostrou-me que ele entendia as implicações de sua posição e que tentava ser coerente com ela. Depois de aproximadamente urna hora de discussão, per¬cebi que ele queria dar fim à conversa, o que me levou a levan¬tar um último aspecto, o qual eu esperava que ele nunca mais esquecesse, não porque eu não gostasse dele, mas, pelo contrá¬rio, porque eu me importava com ele enquanto ser humano igual a mim. Ele estava acompanhado de sua esposa, uma pequena e encantadora judia. Ela era muito bonita e cheia de vida, e não era difícil perceber, pela atenção que ele lhe dava, que a amava de verdade.

Quando eles estavam prestes a ir recolher-se na sua cabine, naquele ambiente romântico de cruzeiro pelo mar Mediterrâ¬neo, com uma belíssima lua cheia lá fora, eu lhe fiz esta per¬gunta: "Quando você toma a sua esposa nos braços, você pode ter certeza de que ela está ali?".

Odiei ter feito isto a ele, mas eu o fiz sabendo que era um homem que certamente compreenderia as implicações da ques¬tão e não as esqueceria. Girou os seus olhos, corno uma raposa presa na armadilha, e gritou-me: "Não, nem sempre eu tenho certeza de que ela está ali." – e dirigiu-se à sua cabine. Tenho certeza que eu estraguei a sua última noite no Mediterrâneo, e eu lamentei ter feito isso. Mas eu espero e oro para que jamais esqueça, enquanto viver, que, quando o seu sistema de pensa¬mento viu-se confrontado com o Cristianismo bíblico, não encontrou sustentação. Não por algum aspecto obscuro e abs¬trato, mas no ponto nevrálgico da própria existência humana, manifesta na realidade do amor.

O mesmo acontece, de maneira bastante diferente, ainda que relacionada, também em pensadores como Bernard Berenson (1865-1959). Ele foi o maior especialista do mundo em Arte Renascentista em sua época. Graduou-se em Harvard, e viveu a maior parte da sua vida posterior em Florença. Era considerado uma autoridade tão grande no assunto que, quando datava e ava-liava o preço de um quadro, isso era geralmente aceito como definitivo. Tratava-se de um homem verdadeiramente "moder¬no", que acreditava na liberdade sexual total. Por isso, quando teve um caso com uma mulher casada, Mary Costelloe (irmã do ensaísta americano Logan Pearsall Smith), viveu com ela por alguns anos, para casar-se depois da morte do seu marido (o casamento de Costelloe foi católico-romano, de modo que não

era possível obter o divórcio). Quando Berenson finalmente ca-sou-se, eles tinham um acordo no qual cada um permaneceria

livre para se envolver com quem quisesse, e ter casos extraconjugais, e os dois se valeram do acordo diversas vezes. Eles viveram desse jeito por quarenta e cinco anos. E, sempre que alguém o criticava por isso, Berenson simplesmente revidava: "Você se esquece da base animal de nossa natureza." Assim ele se mostrava perfeitamente desejoso a aceitar uma condição totalmente animal em sua vida privada.

Mas, em contraste a isto, quando seu real amor e verdadeiro ponto de integração – a Arte Renascentista – estava em jogo, ele expressava uma visão completamente diferente.

"Bernard Berenson descobriu que a pintura moderna em geral não se baseia na visão, na observação da realidade, mas no tédio e na suposição preconcebida de que tudo o que é o imundo, o sórdido, o violento e o bestial, resumindo... a vida de baixo calão é a única realidade!" ' Na área da moralidade sexual, ele estava perfeitamente disposto a viver, de modo coerente com a sua visão de vida como um animal. Mas, no que dizia respeito ao que se havia tornado sua tentativa de achar um ponto de integridade, a arte, ele estava disposto a admitir que não gostava da arte moderna, *porque era bestial!* E, a exemplo de Berenson, ninguém *é* capaz de conviver com seu sistema. Todo homem verdadeiramente moderno vê-se forçado a adotar algum tipo de salto de fé, não importa se na teoria ou na prática, porque a pressão da sua própria humanidade assim o exige. Ele pode dizer o que quiser a seu próprio respeito; jamais conseguirá deixar de ser um ser humano.

Estes tipos de saltos, empreendidos em desesperança, corno um ato de fé cega, são formas totalmente diferentes da fé no Cristianismo histórico. Com base no Cristianismo pode-se dar início a um debate e a reflexões racionais, porque se encontra firmemente fixado à história. Quando perguntaram a Paulo se Jesus ressuscitou dos mortos de fato, ele deu uma resposta que, no entender do século 20, seria considerada completamente anti-religiosa. Respondeu ele: "Ora, existem aí no mínimo quinhentas testemunhas vivas; vá e pergunte a elas!" [2] Esta fé envolve o homem como um todo, inclusive a sua razão; ela pede que se acredite naquilo que é vazio. De acordo com a forma com que o pensamento do século 20 entende o conceito de religião, a Bíblia é um livro não-religioso.

Misticismo na arte — Paul Klee e Salvador Dali

Em um dos seus escritos, Paul Klee (1879-1940) fala de alguns de seu quadros como se eles fossem uma espécie de mesa *Ouija.* Uma mesa Ouija é uma pequena prancheta usada pelos espíritas, sobre a qual os participantes colocam as suas mãos para lhes fazer perguntas. Supostamente os espíritos movem a

prancheta, ditando as respostas.

Homens como Paul Klee usam a arte como uma mesa Ouija, não porque acreditassem que existem aí quaisquer espíritos com quem possamos nos comunicar, mas porque acham que o universo se manifesta através de algum tipo de escrita automática; neste caso, através da pintura. Trata-se de uma escrita automática, até onde se saiba, sem nenhuma personalidade por trás dela, mas a esperança é que o "universo" fale.

Klee não só pintava e desenhava, mas também escrevia acerca da sua obra, procurando explicar o que estava fazendo. Em seu ensaio *Creative Confession*[3], teve isto a dizer: "As pessoas costumavam reproduzir coisas vistas no mundo – coisas que tinham sido ou seriam vistas com prazer. Hoje, foi-nos revelada a realidade dos objetos visíveis e temos razões para crer que, em relação com o Universo, o visível passa a ser somente um caso isolado, e que outras verdades existem de forma latente e representam a grande maioria." Ele prossegue, empregando a expressão "polifonia plástica", que significa "os elementos e seu reagrupamento." Para Klee, *elemento* é um termo técnico. Em seu ensaio, ele o definiu como "pontos, a energia da linha, superfície e espaço".

Ele se refere a estes quando prossegue: "Não é que eles (os elementos) sejam arte, na sua expressão mais exaltada. Em sua forma mais exaltada, existe, por trás da ambigüidade, um mistério final e, neste ponto, a luz do intelecto acaba miseravelmente morta." Assim, ele também admite para si estar ele mesmo encerrado em urna dicotomia. Ele espera que a arte acabe, de alguma forma, encontrando o seu significado, não porque haja aí um espírito a guiar a sua mão, mas porque o universo estará falando, por meio dela, mesmo que seja impessoal em sua estrutura básica.

Eu acrescentaria que em praticamente todas as formas do novo misticismo pode-se encontrar uma crescente aceitação das idéias do panteísmo. O Oriente e o Ocidente estão se aproximando, e estes conceitos panteístas são um dos elementos unificadores mais fortes do misticismo semântico de que estamos falando.

Em seus primórdios, *Salvador Dali* (1901-1989) foi surrealista. Para isso, ele uniu as idéias do dadaísmo ao conceito de inconsciente de Freud, pois o surrealismo é isso mesmo. Mas, a certa altura, ele não conseguiu mais suportar este estilo e então mudou.

Um dia, retratou sua esposa e deu ao quadro o título *O Cesto de Pão*. Só de olhar a pintura, fica claro que naquele dia ele

> realmente a amava. Trata-se da mesma situação em que se encontrava Picasso quando escrevia "Eu amo Eva" em suas telas. Antes de ter ouvido falar de qualquer tipo de mudança em Dali, vi urna réplica desta pintura, e era óbvio que havia algo de diferente nele. É significativo o fato de sua esposa manter a pintura em sua coleção particular.'

Assim, naquele dia particular, Dali pôs de lado o seu surrealismo e partiu para urna nova série de pinturas de tom místico. De fato, ele já havia pintado outros dois quadros com o título *O Cesto de Pão,* um em 1926 e outro em 1945. Estes apenas mostram cestos de pão típicos da Espanha. Mas esta terceira pintura, também pintada em 1945, retrata a sua esposa Galarina, com um seio exposto. O nome dela está escrito na pintura, e o anel de casamento aparece saliente em seu dedo.

A segunda pintura desta nova tendência foi denominada *Cristo de São João da Cruz,* pintada em 1951, que se encontra agora exposta na Galeria de Arte de Glasgow. Sobre esta pintura, Salvador Dali escreveu em um pequeno folheto à venda no museu: "No que diz respeito à textura e à técnica, eu pintei o *Cristo de São João da Cruz* da maneira que já havia pintado *O Cesto de Pão* que, mesmo naquela época, representava para mim, mais ou menos inconscientemente, a Eucaristia."

O que ele quis dizer com isso? Ele quis dizer que, quando olhou para a sua esposa certo dia, a amando de verdade, e a pintou com um dos seios expostos, isso se igualou para ele à Eucaristia; não no sentido de algo que ocorreu de fato, seja no imaginário católico-romano, ou de que algo que tenha realmente acontecido na Palestina, há 2.000 anos. O fato é que o seu amor o levou a um tipo moderno de misticismo.5

Nesta pintura, ele diferiu do *Eu amo Eva* de Picasso. Até onde temos notícia, Picasso nunca foi realmente além dos problemas dos seus amores pessoais; mas para Dali isto se tornou chave para um misticismo. Ele optou pelos símbolos cristãos para expressar o salto que ele se sentiu forçado a dar, não para representar conceitos cristãos, e sim um misticismo não-racional.

Depois destas duas pinturas, ele pintou sua próxima crucificação chamada *Cor pus Hyperoubus,* que se encontra hoje no Museu Metropolitano de Arte, em Nova York, e depois, *O Sacramento da Última Ceia,* que se encontra na Galeria Nacional de Arte em Washington. Esta última pintura expressa de forma viva o seu pensamento. Quem quer que olhe para Jesus, poderá enxergar os fundos da cena através dele; ele é urna névoa. Não se trata aqui do Cristo histórico. Por cima dele vê-se uma gran¬de figura humana, com os braços abertos, mas sem a cabeça, que vai além da borda da pintura. Ninguém tem certeza do que seja esta figura. Entretanto, ela lembra fortemente o "Yakso" que, na arte e arquitetura hindu, muitas vezes se encontra por trás dos "salvadores" ("salvador" aqui sem manter qualquer re¬lação com a idéia cristã). Yaksa e Yaksi são os elementos que ligam o homem à vida vegetal, por um lado, e, pelo outro, ao completo conceito de panteísmo. Eu suponho que seja isso que Dali também esteja querendo dizer com a sua figura sem cabeça. Não importa se é assim mesmo ou não; o fato é que o simbolis¬mo do formato do ambiente é claro, pois

representa o símbolo grego do universo.

Numa entrevista, Dali associou este interesse religioso na maturidade à redução cientificista da matéria à energia: "(...) as descobertas da física quântica sobre a natureza da energia indi-cam que a matéria se transforma em energia, uma forma de desmaterialização. Eu cheguei à conclusão que a ciência estava caminhando em direção a uma concepção espiritualista. É abso-lutamente surpreendente a abordagem mística dos cientistas mais eminentes: a declaração de Max Planck e as visões de Pierre Teilhard de Chardin, um grande cientista jesuíta: de que o ho¬mem, em sua evolução constante, estaria chegando cada vez mais perto de urna unidade com Deus."

Aqui ele relaciona o seu próprio misticismo e o misticismo religioso de Teilhard de Chardin a uma desmaterialização im¬pessoal e não a algo pessoal. Ele está bastante certo e nem pre¬cisaria ter se limitado ao Catolicismo Ortodoxo Romano, mas poderia igualmente também ter incluído as formas do protes¬tantismo da nova teologia.

É perfeitamente possível escolher símbolos ou palavras cris¬tãs não definidas e aplicá-las a este novo misticismo, conferindo-lhes, ao mesmo tempo, sentidos totalmente opostos. O seu simples uso não implica necessariamente que eles estejam sen¬do usados no sentido cristão. O misticismo secular de Dali, como a nova teologia, dá ao outro filosófico ou ao "tudo" impessoal um nome pessoal, para conseguir alívio diante das implicações da falta de sentido.

Misticismo na linguagem — Heidegger

Por não conseguir conviver com o seu existencialismo, Heidegger, quando mais velho, mudou de posição. Sua nova po-sição baseia-se nos seguintes pontos: (1) algo, o Ser, existe; (2) este algo se manifesta; (3) a linguagem e esse Ser formam uma unidade, o que faz o Ser tornar-se conhecido. Nunca poderemos racionalmente saber algo sobre o que aí está (fato bruto), mas a linguagem revela que algo está aí. Assim, a linguagem já é em si mesma uma interpretação (uma hermenêutica).

Ele afirma que, há muito tempo, em urna era anterior a Aristóteles (e antes do irromper do racionalismo), os homens falavam em grego de uma tal forma que o universo estava fa¬lando de forma ideal. Em seguida, ele tenta aplicar isso a toda a linguagem humana — não o conteúdo do que está sendo dito, mas simplesmente a existência da linguagem. Dessa forma, a existência da linguagem tornou-se para Heidegger o elemento místico, pelo qual tentava encontrar alívio para a sua dicotomia existencial anterior. Trata-se de um misticismo semântico, por¬que não está preocupado em lidar com o conteúdo da lingua¬gem, mas simplesmente com a linguagem em si. A capacidade de fala do homem passa a ser porta-voz daquele "que é" (Ser) impessoal. O Ser impessoal e desconhecido fala através do ser que fala (ser verbal) — isto é, o homem.

> Esta seria uma visão bastante correta, caso houvesse alguma personalidade para falar, de forma inteligível, para e através do homem. Mas, pelo fato de Heidegger ser um racionalista e, porque partia absolutamente de si mesmo, ele não pode admitir que alguém por trás do homem tivesse falado. E, assim, ele se fechava dentro da sua forma particular de misticismo semântico. A palavra *linguagem* é uma palavra conotativa, que parece envolver uma personalidade. Toda a solução depende da inerente conotação a esta única palavra *linguagem.*
>
> No final do seu livro *O que é Filosofia?*[6], diz ele que, nos

> nossos dias modernos, este uso da linguagem pode ser encontrado particularmente no poeta. Assim, a conclusão desta visão é que devemos ouvir o poeta. Isto não significa que devemos ouvir o conteúdo o que o poeta diz, mas sim, dar ouvidos ao fato de *ali está um ser falante que existe.* É só isso.

Há aqui um forte paralelo entre Klee e Heidegger. Ambos falam da sua esperança de que, de alguma forma, o universo se comunique através da arte, ou da linguagem. Em todo os casos, Heidegger tem muito mais importância no fluxo do pensamento moderno, porque, usando palavras de conotação cristã, ele se tornou pai da nova forma da nova teologia — o novo liberalismo. Não há diferença real entre o misticismo secular de Heidegger e o misticismo da nova teologia.

Capítulo 4

O MISTICISMO MODERNO EM AÇÃO: MÚSICA E LITERATURA

O misticismo na música —Leonard Bernstein e John Cage

A Terceira Sinfonia de Leonard Bernstein, interpretada pela Orquestra Filarmônica de Nova York, dá um exemplo do mesmo tipo de misticismo na música. É chamada de *Kaddish Symphony* (1963).' Kaddish é um estilo de música judaica, um louvor hebraico a Deus. Bernstein (1918-1990) absorveu este estilo em seu ceticismo moderno. Em contraste com o Kaddish original, este insinua que não podemos saber nada do que existe, mas que devemos nos limitar a apreciar o músico, pois ele estará nos proporcionando algo de divino. Neste Kaddish moderno, a sala de espetáculos transforma-se em um "templo" e nele o artista irá "continuar a criar a você, Pai, e a você, eu". A arte é vista como o único milagre divino que restou.

Em um artigo do início de 1965, publicado em *High Fidelity Magazine,* o crítico Leonard Marcus conclui afirmando com toda a razão: "Os teólogos sempre tiveram os artistas para construir as pontes que ladeassem o abismo entre eles e seu rebanho. Agora, para o melhor ou para o pior, os antiteólogos têm um argumento artístico forte." Marcus corretamente associa o novo misticismo secular e a nova teologia. Não há nenhuma certeza de
que exista um deus, mas o poeta, o músico, ou a arte, enquanto arte, é o profeta, em quem não há certeza de qualquer coisa.

Nós devemos apreciar a boa arte. Mas a arte enquanto arte não tem o direito de falar *ex-catedra* sem levar em conta o conteúdo.

Há uma biografia muito interessante sobre John Cage (1912-1992) em *The New Yorker*[2]*,* parte da qual citaremos em consideração à sua música. Diz o artigo: "(...) o que ele está propondo *é,* em essência, a destruição de todas as afirmações mais básicas da arte ocidental, desde o Renascimento". Já vimos que o jovem que se deixa levar pelos ventos modernos passa a ficar a 400 anos longe da geração anterior. Nesse sentido, Cage procura destruir

toda uma concepção, que vinha se preservando, no mínimo, desde há 400 anos, desde o Renascimento. O artigo continua revelando o que ele estava propriamente pondo em ruínas:

> O poder da arte em comunicar idéias e emoções, de organizar a vida em padrões com sentido, e de perceber verdades universais através da expressão individual do artista são três das concepções que Cage desafia. No lugar de uma arte de expressão pessoal criada pela imaginação, gostos e desejos do artista, Cage propõe arte nascida do acaso e da indeterminação.

Se Deus existe e nós somos feitos à sua imagem, podemos ter sentido verdadeiro, e podemos ter conhecimento verdadeiro, a partir do que ele nos comunicou. Mas, se excluímos esta possibilidade, só nos sobra o homem e a sua finita auto-expressão. Neste caso, tudo o que nos resta é a expressão do homem individual. Mas Cage logicamente reconhece que isso não é suficien te, e leva o dilema do homem mais longe, destrói a possibilidade de uma expressão própria e deixa o acaso falar. É nisto que a sua música se fundamenta. O artigo continua afirmando que:

> Inúmeros pintores, escritores e compositores de vários países estão tendendo fortemente para a mesma direção nos últimos anos, e muitos deles passaram a usar métodos do acaso, como meio para este fim.

O artigo cita o francês Pierre Boulez e o americano Jackson Pollock. No último estágio da sua pintura, Jackson Pollock (1912-1956) passou a usar a técnica de colocar as telas horizontalmente no cão e jogava tinta nelas ao acaso. Depois de adotar este procedimento por algum tempo, ele percebeu que havia esgotado o método do acaso. E como não lhe havia restado nenhuma alternativa para continuar pintando, cometeu suicídio. E artigo prossegue dizendo:

> Pintores como o falecido Jackson Pollock, na América, e Georges Mathieu, na França, cujo objetivo não era e certamente não é o anonimato, contudo buscavam-na nos acidentes, no simples jogar e aspergir tinta, uma chave para um tipo de criação artística que vai além do alcance da vontade e da mente consciente do artista.

Em outras palavras, não se trata de mera auto-expressão; tem o mesmo sentido que a arte de Paul Klee – a esperança de que, através da arte, o universo impessoal possa, de alguma forma, falar, à medida que o artista se expressa. E a biografia de *The New Yorker* continua:

> Então, da mesma forma como ele já estava prestes a desistir do que chamava de "olhar as vitrines" das filosofias e religiões mundiais, ele descobriu o zen-budismo. O Dr. Daisetz T. Susiki, o primeiro representante importante do zen no Ocidente, recentemente veio à América e ministrou aulas semanais na Universidade de Colúmbia, que eram assistidas por

psicanalistas, cientistas, pintores, escultores e estudantes de filosofia. Também contavam com a presença de Cage (...) Por uma estranha coincidência, Cage encontrou esta filosofia oriental perfeitamente resumida nas palavras do comentarista de música do século 17 Thomas Mace, que uma vez escreveu que a função da música era de "tornar sóbria e tranqüilizar a mente, para rendê-la e torná-la susceptível às influências divinas."

Entretanto, é importante notar que, quando Mace escreveu isto, no século 17, ele não estava apenas defendendo a idéia de que a música acalma a mente, mas que ouvi-la possibilitaria ao Deus pessoal comunicar-se com ela. E, de fato, Deus estava se comunicando. Cage, em contrapartida, chegou a um ponto em que não havia mais ninguém com quem pudesse comunicar-se. Eis a distinção fundamental. Notemos como isso se evidencia claramente ao final do artigo:

Um dia, o jovem Wolff trouxe uma cópia de um antigo livro chinês: o "1 Ching" ou "Livro das Mutações", o qual (a editora) Pantheon acabara de publicar na tradução inglesa. "No momento em que eu abri o livro e vi os gráficos e hexagramas usados para obter oráculos, de acordo com o lançamento de moedas, dei-me conta de uma associação possível com os gráficos que eu estava aplicando", disse Cage. "Percebi instantaneamente que eu poderia descobrir algum meio de combinar estes dois procedimentos e foi precisamente naquele momento e lugar que eu bolei toda a seqüência de minha "Music of Changes" (Música das Mutações), cujo título foi inspirado no livro. Quando corri para apresentar o plano a Morty Feldman, que tinha alugado um estúdio no mesmo prédio que o meu, lembro-me nitidamente das suas palavras: 'Você acertou em cheio!"'

Há milhares de anos, na cultura chinesa, aquele povo havia desenvolvido um método de lançamento de moedas ou de vari¬nhas de milefólio, de maneira que os espíritos falariam. O com¬plexo método por eles inventado assegurava a não-intervenção da personalidade das pessoas que estavam jogando no lança¬mento das moedas. A expressão própria foi assim eliminada, a fim de que os espíritos pudessem falar.

Cage escolheu este mesmo método e o usou. Ele também estava buscando livrar-se de toda e qualquer intervenção pessoal na sua música. Por outro lado, há uma grande diferença no seu caso. Na visão de Cage, não há ninguém com quem pudésse¬mos nos comunicar. Tudo o que existe é um universo impessoal, que fala por um acaso cego.

Para começar a compor suas músicas, Cage lançava moedas. Dizem que, para algumas de suas peças, que não passam de vinte minutos de duração, ele lançou a moeda milhares de ve¬zes. Tratava-se de puro acaso, mas, aparentemente, não puro o suficiente, já que ele ansiava por mais. Assim, ele inventou um "regente mecânico". Tratava-se de uma máquina movida a pis¬tões, cujos movimentos não podiam ser previstos antes do tem¬po, e os músicos eram desafiados a acompanhá-lo. Ou, alterna-tivo a isto, algumas

vezes ele contratou dois regentes, para que dirigissem a música de forma simultânea, sem conseguir enxer¬gar-se um ao outro; qualquer coisa, de fato, para gerar o puro acaso. Pois, na visão de mundo de Cage, nada pode ser expresso por meio da música, exceto muito barulho e baderna, ou total silêncio. E tudo isso encontra-se abaixo da linha existencial da antropologia. Acima desta linha, não existe nada que seja pessoal — só o outro filosófico, ou então, o tudo impessoal.

Há uma história que diz que certo dia, depois de os músicos terem tocado a música totalmente caótica de Cage, quando ele se curvou para agradecer os aplausos, ouviu um ruído atrás dele. Ele achou que o som parecia um vapor, escapando de algum lugar, mas então, para o seu espanto, ele constatou que eram seus músicos que o estavam vaiando às suas costas. Suas apre¬sentações foram vaiadas diversas vezes. Contudo, sempre que uma audiência o vaiava, se fosse composta por nomes moder¬nos, na realidade ela estaria vaiando as implicações lógicas dessa sua perspectiva de mundo peculiar, à medida que ela vai atin¬gindo os ouvidos, em forma de música.

O próprio Cage, é outro exemplo de pessoa que não pode conviver com as implicações da sua própria postura. Ele diz que a verdade sobre o universo encontra-se em condições totalmente fortuitas. Só o que lhe resta é tentar conviver com ela e dar ouvidos a ela; e chore, se necessário; ou até xingue, se precisar, mas escute e permaneça sempre escutando.

Perto do final da biografia do *The New Yorker,* lemos o seguinte:

> Em 1954 (...) o escultor David Weinrib e a sua esposa mudaram-se para urna velha fazenda na zona rural de Stony Point, condado de Rockland, distante aproximadamente sessenta e cinco quilômetros de Nova York, que havia sido comprada pela família William. Cage vivia e trabalhava em um quarto do sótão que ele dividia com um vespeiro, e freqüentemente dava passeios longos, solitários, na floresta. Sua atenção sempre era imediatamente atraída pelos cogumelos, que cresciam abundantemente por todos os lados em Rockland, em todas as formas, tamanhos e cores vivas. Assim, ele passou a colecionar livros sobre cogumelos e a aprender tudo o que podia sobre eles, e continua fazendo isso desde então. Afinal de contas, a caça de cogumelos é um passatempo definitivamente de acaso e inesperado.
>
> Não importa, o quanto se entenda de micologia — aliás, Cage é hoje um dos maiores micologistas amadores do país, com uma das maiores bibliotecas particulares já reunidas sobre o assunto — sempre haverá a possibilidade de erro de identificação. "Dei-me conta de que, se eu fosse encarar os cogumelos com a mesma postura das minhas criações ao léu, acabaria morrendo em pouco tempo," afirmou Cage há pouco tempo. "Eu decidi que não os abordaria desta maneira."

Em outras palavras, temos aqui um homem que está tentando mostrar ao mundo aquilo que o universo é intrinsecamente e o que uma verdadeira filosofia de vida é. Contudo, ele não foi capaz de aplicá-la nem sequer à sua coleção de cogumelos. Se ele fosse sair para as florestas, colhendo cogumelos ao acaso, em poucos dias já não existiria nenhum Cage!

Dissemos anteriormente que as idéias das pessoas modernas estão destruindo o que o "homem", de fato, é em si mesmo.

Mas não é só isso: a sua visão também é diametralmente contrária àquilo a que a existência da forma e estrutura do universo externo apontam. Como podemos ver no dilema de Cage e seus cogumelos, ele não consegue sequer viver, se aplicar as suas visões relativas ao universo de forma coerente, da mesma forma que em relação ao homem.

Entretanto, apesar de Cage ser assim forçado a cair em uma dicotomia sem esperança no caso dos seus cogumelos, com sua música ele continuava vivendo de forma consistente com o seu posicionamento, por mais que essa música não representasse nada mais do que algazarra ou absoluto silêncio. Ele resistiu à pressão de vestir o Ser impessoal com palavras ou sons conotativos. A maioria dos homens modernos nunca teve esta coragem.'

O misticismo na literatura: Henry Miller

Ao escrever suas mais recentes obras, Miller (1891-1980) não quis somente apresentar algo de obsceno, no sentido usual da palavra, mas ele obteve sucesso em exterminar tudo o que tem sentido, incluindo coisas relacionadas ao sexo. Naqueles livros ele expressou o seu posicionamento antimoralista, em todos os sentidos. Entretanto, Miller é outro homem que não conseguia sustentar os seus próprios pressupostos. Muitas pessoas têm sido destruídas por dentro, através dos seus livros, mas ele não estava em condições de ter nervos de aço. Assim, ele engordou a lista crescente daquelas pessoas modernas que abraçaram o novo misticismo. Mais tarde, Miller passou a adotar uma visão panteísta de mundo.

Seus pontos de vista posteriores encontram-se muito convincente e consistentemente expressos no prefácio por ele formulado para a edição francesa de A *História da Arte de Elie Favre.* Ele chamou o seu prefácio de "A Sense of Wonder" (Um senso de Espanto).[4] Este título é significativo, pois anuncia que contrastará o "senso de espanto" com o intelecto. E é isto, de fato, o que ele faz. Ele diz, por exemplo, que "Ele (Elie Favre) foi, antes de tudo, um seguidor devoto do espírito criativo do homem. Sua abordagem, da mesma forma que a do nosso pró¬prio Walt Whitman, não era algo menos do que cósmica." Isso já tem uma auréola panteísta. Mais adiante ele prossegue dizen¬do: "Que tipo de impacto a sua obra pode ter hoje, principal¬mente sobre os jovens, já praticamente imunes à admiração

e mistério, por todo o conhecimento que tem sido despejado nas suas cabeças, eu não sei." Esta é uma afirmação significativa, porque contrapõe o intelecto e o conhecimento ao senso de es¬panto. O nosso intelecto limitar-se-ia a nos conduzir ao nível inferior da racionalidade e à lógica que diz que não há sentido na vida, só máquinas. Acontece, pelo contrário, que temos um senso de espanto, que transcende o racional e este senso está muito relacionado ao uso da palavra "surpreender-se", tão em voga hoje. O intelecto foi separado e desprezado.

Uma leitura desatenta da introdução poderia levar o leitor a pensar que Miller havia se tornado cristão. Ele usa palavras e frases que soam muito corretas. Então, "ao investir a si mesmo (o homem) com os poderes de um deus, o homem separou a si mes¬mo de Deus — e do Universo também. Aquilo que foi sua heran¬ça, seu dom e salvação, ele vilipendiou através de seu orgulho e de sua arrogância de intelecto. Ele não apenas deu as costas à fonte; ele não mais tem consciência de que existe uma fonte, a fonte da qual, como o Bom Livro Diz, todas as bênçãos fluem."

Isso soa muito razoável, e o que vem a seguir mais ainda: "O espírito que no princípio soprou sobre as águas há de criar tudo de novo (...) Não há palavra final, a não ser a própria Palavra: `No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus'." A partir daí, somos obrigados a nos perguntar "teria Henry Miller se convertido?" Entretanto a resposta negativa pode ser inferida ao longo da leitura do que ele diz no prefácio.

Diz ele: "Isso me força, o conhecimento desta verdade, a observar como eu observei mais de uma vez que, por trás de toda a criação, seja ela humana ou divina, encontra-se um in¬sondável mistério. Todos aqueles nomes, que se tornaram re¬presentativos de toda uma era, que [Favre] expressa em suas obras, forças devastadoras, quando pensamos nelas, que impõem o bem e o mal ao mesmo tempo, tudo carrega em si o testemu¬nho da inexaurível energia, contida na mais ínfima partícula da matéria e que prova, de forma milagrosamente cotidiana, que aquilo que chamamos de matéria ou substância não passa de um produto do espanto diante da realidade luminosa, poderosa demais para pretendermos apreender por nossos limitados sen¬tidos." Há aqui uma forte coincidência com o que Salvador Dali dizia quanto à desmaterialização do universo.

Um pouco mais adiante ele escreve: "Isso certamente não passa de um o homem embrionário, que atua neste drama da alienação" (o contexto anterior sugere que ele está se referin¬do ao lançamento da bomba atômica). "O verdadeiro eu é indestrutível." Você pode até achar que ele estivesse se refe¬rindo aqui a uma alma individual qualquer, mas não é este o caso. E continua: "A arte, muito mais do que a religião, tem a nos oferecer a chave da vida," e, no início do prefácio, "Será que ele [Walt Whitman] não disse, em algum lugar, que as religiões nasceram da arte e não vice-versa?" Podemos asso¬ciar essa declaração com o que Heidegger diz acerca do poeta: é só dar ouvidos ao poeta. Miller nos recomenda a olhar para a arte e não temer o seu conteúdo; a arte enquanto a arte é o novo profeta. "A arte, muito mais do que a religião, oferece a chave para a vida, mas somente para aqueles que a praticam, aqueles que se dedicam a ela, e que acabam percebendo que não passam de modestos instrumentos, cujo privilégio é des¬vendar a glória e esplendor da vida." A racional idade nos leva ao conteúdo dos livros de Miller The Tropic of. Cancer, The Tropic of Capricorn e todos os outros. Por isso, o intelecto e o conhecimento devem ser postos de lado, e um salto deve ser dado para o misticismo sem conteúdo.

Mas o homem que chegou a este ponto não se importa de fato com mais nada. "O que importa em última instância é se esta criatura chamada homem pode, por algumas frações de segundo, permanecer em estado de anomalia, fora de cena." Em outras palavras, vá em frente, pode lançar a bomba, o que importa?

O modo usual de pensar, como mostrado no choque que se seguiu à publicação do livro de Nevil Shute *On the Beach,* seria: se todo o mundo for aniquilado amanhã, que diferença faz escrever um poema

ou pintar um quadro hoje? Acontece que Henry Miller com o seu novo panteísmo místico alegaria que não faz diferença, se amanhã os oceanos estiverem calmos e não houver ser humano na praia. O indivíduo não faz nenhuma diferença.

Entretanto, ele continua, dizendo: "Este é um fim, um entre muitos outros — não *o* fim. O que o homem é em essência jamais poderá ser destruído. O espírito que primeiramente soprou sobre as águas criará tudo novo." Ele não está falando de um Deus pessoal. Ele está usando estas palavras conotativas para referir-se a ciclos panteístas. Tudo, incluindo a história humana, está sendo vista corno uma série de ciclos. O que acontece com os indivíduos não importa, o ciclo continua! Esta é urna idéia completamente panteísta. O homem que não pode ser destruído não é um homem individual, mas apenas o Homem que surge do universo de tudo quanto aí está. "O homem, esta forma embrionária de ser, que não tem nem início e nem fim, acabará novamente abrindo o caminho ao homem. O homem do mundo presente, o homem da história, não necessariamente é e não será a última palavra. Não há última palavra, a não ser a própria Palavra. 'No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus'.

Para Miller, o mundo só pode ser concebido em termos panteístas, como uma série de ciclos repetitivos de eterno retorno. Mas, para imprimir um toque pessoal a tudo isso, ele usa termos e frases da Bíblia. Dessa forma, ele aplica a conotação associada a estas formas, que se inferem da história da nossa raça, para elevar o sentimento de misticismo semântico que ele havia aceito.

E a conclusão do prefácio diz o seguinte: "Portanto, ao analisar este vasto panorama do legado humano, pensemos menos no que foi conquistado por gigantes que desfilaram nestas dimensões e muito mais na energia imortal das chamas por eles acendidas. Tudo pode ser perdido, tudo esquecido, se apenas lembrarmos que nada está perdido, nada está eternamente esquecido. 'Corno foi no princípio, assim *é* agora, e o será para sempre: um mundo sem fim.¯ E é com este golpe devastador contra o indivíduo, que passa a não contar mais nada, a não ser como parte da energia do universo, ao qual ele se encontra unido como uma centelha a uma chama, que Miller encerra o seu prefácio.

É preciso deixar claro que o Henry Miller em seus últimos anos não pode ser considerado cristão em sentido algum. Ele procedia da mesma forma que Salvador Dali e como procedem os novos teólogos — isto é, usando os símbolos cristãos para imprimir um sentido ilusório a um mundo impessoal que, na verdade, não tem espaço para o homem.

Este é Henry Miller, o autor de *The Tropics,* que, neste prefácio, assume basicamente a mesma postura dos novos teólogos. Temos aqui um amplo alerta para não aceitarmos "boas palavras" de tantos teólogos modernos, sem a certeza de que eles não estejam usando estas palavras para dar urna *ilusão* de sentido, como no caso de Henry Miller.

Capítulo 5

A PRÓXIMA FASE DA TEOLOGIA MODERNA

Deus está morto – ou quase!

> Deve estar muito claro, nesta altura, que o misticismo da nova teologia não pode ser desassociado do clima intelectual do século 20. Pelo contrário, ele se relaciona aqui novamente à nova teologia e ao consenso secular circundante, porque, como vimos, os misticismos semânticos seculares paralelos podem ser encontrados em todos os degraus na Linha do Desespero —filosofia, arte, música e cultura geral.
>
> A nova teologia apresenta um problema interno, por separar o "andar de cima" do "andar de baixo", em compartimentos assim tão estanques. Passamos, assim, à seguinte condição:
>
> FÉ = SEM RACIONALIDADE; OU SEJA, SEM CONTATO COM TODO RACIONALIDADE - INCLUINDO AS EVIDÊNCIAS CIENTIFICAS E A HISTÓRIA

A tensão é muito forte por que uma antítese como esta entre a racionalidade e os "valores religiosos" destrói a unidade do homem individual, e ele tornou-se um ser dividido por dentro. Isso deu início a urna inquietação profundamente incrustada entre muitos teólogos modernos. Empreendeu-se então uma nova tentativa para ladear este abismo. Esta tentativa assumiu duas formas: urna *é* a tentativa de encontrar a unidade do todo, no nível inferior; a outra, de encontrá-la no nível superior.

A primeira tentativa *é* mais amplamente conhecida hoje como a teologia de "Deus está morto". Seus adeptos escolheram o andar de baixo, como o lugar certo para encontrar unidade, dispensando Deus inteiramente, inclusive o termo *Deus*. Quando os verdadeiros adeptos do Deus-está-morto dizem que Deus está morto, eles não querem dizer com isso simplesmente que Deus está sendo pouco ouvido no mundo secular moderno, *mas que ele nunca existiu.* A sua ênfase concentra-se no andar de baixo e eles parecem negar a validade de todo o andar superior. Isto deixa apenas a palavra *Jesus* no andar de baixo. Assim, todo cuidado em não sermos pegos desprevenidos é pouco, pois, é só virar as costas por um só momento, e estes homens usarão a palavra Jesus como uma bandeira com ares do *andar*

de cima. Podemos representá-lo da seguinte forma:

DEUS ESTÁ MORTO

DEUS ESTÁ MORTO JESUS

Estes homens optaram por autodenominar-se "cristãos ateus". Eles são ateus no sentido clássico do termo; e são cristãos, somente no sentido de que adotaram para si a definição de Bonhoeffer sobre Cristo, o "homem para outros". Na verdade, eles pouco diferem dos humanistas otimistas de hoje.

Isto representa um posicionamento bastante honesto; em certo sentido, estes homens já não estão "só servindo-se de bolo, e o comendo". Eles já perderam todas as palavras de conotação cristã, a não ser o termo *Jesus Cristo,* e, mesmo este, até onde eles o definiram, o arruinaram em toda a sua conotação, enquanto termo. Entretanto, o seu ateísmo não os deixava sossegados. O homem do andar de cima, que continua querendo manter o uso das palavras de conotação cristã, está resistindo.

Na realidade, esta teologia tem um deus morto, tanto no andar de cima, quanto no de baixo:

O NOVO MISTICISMO - TODO CONHECIMENTO REFERENTE A DEUS ESTÁ MORTO, MEU CONCEITO DE UM DEUS PESSOAL ESTÁ MORTO - PORTANTO, DEUS ESTÁ MORTO

COM BASE NA RACIONALIDADE DEUS ESTÁ MORTO

Um expoente típico da mentalidade do nível superior foi Paul Tillich (1886-1965). Quando foi perguntado, em Santa Barbara, pouco antes da sua morte, se ele já havia orado na vida, ele disse: "Não, mas eu medito".

Assim, no andar de cima não é só o *homem* que se torna uma "sombra", mas o deus do novo misticismo não passa de uma poeira que se torna o único Ser ou Pantudo. Se olharmos para os teólogos que trabalham no nível superior, podemos afirmar que eles são tanto ateus no sentido clássico do termo, ou no sentido dos panteístas – depende de como se encara o assunto. Assim, o deus deles também está morto.

Esse panteísmo vago, que observamos no pensamento secular, também cria problemas para aqueles que foram conduzidos à fé cristã. Assim, por exemplo, o Bispo Robinson, um teólogo britânico, insistia em seus escritos que, no final das contas, Deus é realmente transcendente. No entanto, ele esvaziou esta frase, quando prosseguiu dizendo que o homem também é transcendente (o que, para a nossa fascinação, são as precisas palavras que S ir Julian Huxley usou para referir-se ao homem); isso quer dizer, portanto, que o "transcendental" equivale ao "não-transcendental" e voltamos à estaca zero.

Quando os teólogos e os homens seculares usam a palavra *transcendental,* suponho que eles estejam se referindo a coisas que os surpreendem, quando examinam o homem, coisas que eles não esperariam encontrar com base no que eles acreditam

sobre a origem do homem. Ou, novamente, isso significa um pouco mais do que o "senso de

encanto" de Henry Miller. Assim,

quando eles usam esta palavra sem definição, isso não quer di¬zer que eles escaparam dos encargos do panteísmo.

À medida que Deus e o homem são considerados, a teologia moderna apresenta-se da seguinte forma:

FÉ Sem categorias para Deus, todo conhecimento em rela¬NÃO-LÓGICA E = ção a Deus está morto. O Deus pessoal está morto. Sem

NÃO-RACIONAL categorias de fé para o homem ou seu significado.

TODA RACIONALIDADE, OU SEJA, TODO CONTATO	= morto e o	Deus está COM O COSMOS (CIÊNCIA),
	TODO CONTATO COM A HISTÓRIA	homem é uma máquina.

Em busca do homem do andar de cima

Este posicionamento é um alto preço a ser pago por se rejeitar o Cristianismo histórico, as Escrituras e a sua doutrina. Mas, ao invés de retornar ao posicionamento bíblico, está fazendo urna ten¬tativa intensa de solucionar as suas dificuldades de outra forma. A tentativa mais recente nesse sentido foi empreendida pelo homem do andar de cima, quando tentou firmar o pé de volta na história.

Karl Barth, que se pode considerar o fundador de tudo isso, sentia a necessidade de tentar esquivar-se das implicações lógi¬cas desenvolvidas pelos seus seguidores. Em seus últimos anos, ele até admitia uma ressurreição histórica de Cristo. Entretanto, isso não é assim tão simples, pois, a partir dos pressupostos destes teólogos, a Bíblia apresenta erros históricos e científi¬cos. Assim a dicotomia, um conceito dividido da verdade, é necessária em seu conceito de "verdade religiosa".

Eles não podem voltar ao velho liberalismo — não pode ha¬ver volta à velha história do Jesus histórico, pois esta fracassou. Entretanto, se desistem desta divisão da verdade (que foi a res

posta quando o velho liberalismo se mostrou insuficiente), en¬tão eles se vêem obrigados a encarar tudo o que os velhos libe

rais tiveram de encarar: por um lado, o niilismo (Deus está morto, o homem está morto, o sentido está morto); por outro lado, a resposta do posicionamento histórico e do Cristianismo da Re¬forma, que afirma que há um Deus pessoal, que o homem foi feito à sua imagem e que ele se comunicou com a sua criatura por meio de uma revelação proposicional de conteúdo verbal, e que, desta forma, pode ser considerada pelo homem como um

todo. Ou, para colocá-lo de forma muito resumida, a única for¬ma de escapar deste dilema é voltar à metodologia da antítese.

Até que façam isto, sempre que voltarem a tocar no assunto da

ressurreição física de Cristo, não tocarão no cerne desta questão.'

Esta necessidade do homem do andar de cima de voltar a

firmar o pé na história encontra-se explicitada de forma muito

bem colocada em um artigo do The Listener, de 12 de abril de

1962, por John Macquarrie, na época professor de teologia sis

temática da Universidade de Glasgow, e, mais tarde, do Semi¬nário Teológico de Union, Nova York. Reproduzimos a seguir uma parte relevante dele. O artigo foi intitulado History and the

Christ of Faith:UMA NOVA BUSCA

Não deveria ser surpreendente o fato de que alguns discípulos de Bultmann, temendo se perderem no mundo do mito e do faz-de-conta, voltaram novamente ao tema do Jesus histórico. Nesse sentido, Gunther Bornkamm, por exemplo, diz que "temos que olhar para a história no ***kerigma"*** e que não devemos ficar resignados ou céticos quanto ao Jesus histórico. Isso significa que nós teremos que reabrir as infindáveis discussões sobre se este incidente ou aquela afirmação aconteceu mesmo da forma como está escrito? Isso não faria sentido, visto que toda a busca anterior pelo Jesus histórico demonstrou que não há respostas claras. A nova investigação pretende ser diferente; mas, infelizmente, há muita confusão entre os que embarcaram nela, quanto ao que se pretende, e Bultmann mesmo foi um crítico severo de alguns deles. Ele se contenta em sustentar que o nosso conhecimento encontra-se reduzido ao mero fato de que houve um Jesus, que foi crucificado, e não entra em detalhes sobre o seu estilo de vida, nem sobre a sua personalidade.

De acordo com a minha visão particular, o teólogo cristão precisa admitir um conjunto mínimo de fatos históricos, se quiser que o ***kerigma*** se apresente como estilo de vida realista e não tirado de um mundo de sonhos. Este núcleo mínimo não representa meramente uni rol de incidentes ou afirmações essenciais, mas simplesmente a ***assertiva'*** que, nos primórdios da religião cristã, havia realmente um exemplo histórico de padrão de vida proclamado no *Kerigma.*

Neste ponto o Dr. John Macquarrie admite que os teólogos não podem voltar para a busca exaustiva dos velhos liberais pelo Jesus histórico, pois ela já havia fracassado completamen¬te. A sua própria solução encontra-se na assertiva de que Jesus viveu desta ou daquela forma. Em outras palavras, ele simples¬mente diz que foi assim.

Existem duas tentativas principais de os teólogos do andar de cima firmarem o pé novamente na história, para não se perderem a si mesmos e a Deus "num mundo do mito e do faz-de-conta".

Primeiro, pelo uso da frase "ação salvífica (ou atos salvíficos) de Deus na história". Isto soa muito bem. Mas eles não querem dizer com isso que Deus tenha literalmente entrado no nosso mundo espaço-temporal em um ponto particular, a fim de dar início e completar a salvação do homem. Eles querem dizer que Deus está, de alguma forma, salvando ou redimindo toda a his¬tória, incluindo os atos mais incríveis de pecado e crueldade cometidos por indivíduos ou grupos.

Em segundo lugar, eles apenas utilizam a palavra "história" — que pode assumir vários sentidos. Macquarrie diz que temos

que admitir que certos eventos são históricos. Tais eventos são arbitrariamente escolhidos e, é claro, não estão abertos para a investigação realmente histórica. Ou então eles usam a Bíblia como veículo de experiências existenciais contínuas. Eles di¬zem que tais acontecimentos ocorreram nos tempos bíblicos, mas a forma como eles são expressos na Bíblia não tem uma relação necessária com a forma como eles de fato ocorreram. Os registros bíblicos são apenas a expressão cultural falha da¬queles tempos. Esta forma de encarar a história encontra-se muito relacionada ao que o novo Heidegger dizia acerca do misticismo da linguagem. Estes novos teólogos, tanto os pro¬testantes, quanto alguns da Igreja Católico-Romana, tentaram, por isso mesmo, manipular a linguagem bíblica, usando-a como apoio para as suas experiências existenciais presentes.'

Para estes homens a linguagem sempre representa urna in¬terpretação e, por isso, as palavras da Bíblia já são urna inter¬pretação da coisa desconhecida que ocorreu. Os homens do andar de cima são deixados a uma enxurrada de palavras.

Assim, nem o homem do andar de baixo, nem o homem do andar de cima fez muito bem ao tentar aliviar esta tensão. Mas podemos ter certeza de que as tentativas frustradas continua¬rão, pois, por um lado, a dicotomia em que se encontram é ex¬tremamente incômoda; e, por outro lado, eles precisam manter a sua dicotomia, porque esta divisão da verdade é essencial à nova teologia.

A atual oportunidade da nova teologia

Apesar da atual confusão entre os teólogos e, apesar do fato de que eles não estão dizendo nada de realmente diferente em meio aos misticismos seculares que nos cercam, ainda sim te¬mos razões para acreditar que este é um momento em que se abre uma nova oportunidade para que a nova teologia assuma um lugar privilegiado na cultura, um lugar que a teologia não usufruía há muito tempo. Ela pode vir se tornar dominante nos acontecimentos futuros.

Por certo tempo, a sociedade esteve em vias de perder toda forma sociológica. Os homens estão enfrentando uma sociedade sem estruturas, e eles desejam preencher o vazio deixado. As idéias da Reforma formaram a base cia cultura do norte europeu por muitos anos, e isto se estendeu para os Estados Unidos, para a parte do Canadá de fala inglesa, etc. Mas hoje esta base tem sido destruída pelo relativismo de dentro e de fora das igrejas. Conseqüentemente, o Cristianismo histórico representa hoje um grupo minoritário. Até mesmo a memória das formas culturais do passado está se enfraquecendo. Além disso, a forma estrutural do norte da Europa não é a única que está sendo esfacelada. Por exemplo, podemos ver a Rússia Marxista* caminhando na mesma direção, ainda que num ritmo mais lento, devido aos seus controles totalitários. Eis a razão porque os artistas russos modernos estão evitando falar livremente, porque eles estão trazendo o pensamento moderno para o cotidiano na Rússia.

A sociedade não pode funcionar sem forma e motivação. Uma vez que os velhos modelos sociológicos foram jogados fora, é preciso criar novos, do contrário a sociedade se dissolverá de vez. *Sir* Julian Huxley entrou em cena neste ponto com a sua sugestão de que a religião tem um espaço real na sociedade moderna. Mas ele contestava que isso significa necessariamente que a religião está sempre evoluindo e que ela precisa manter-se sob controle da sociedade.

Esta sugestão não é tão ridícula quanto parece, mesmo vindo de um humanista convicto, se entendermos a mentalidade da época. A metodologia dialética predominante encaixa-se facilmente nas formas religiosas. Afinal de contas, Huxley afirmava, com base no pensamento dialético, que o seu país seguiria a Teilhard

de Chardin. É bom lembrar que o homem pensa de forma dialética em *ambos* os lados da Cortina de Ferro.

Teilhard de Chardin, por acaso, ilustra este fenômeno, citando os teólogos católicos romanos "progressistas" que estão mais distantes do Cristianismo histórico da Reforma, do que o catolicismo romano clássico, porque eles também pensam dialeticamente.

O católico romano ortodoxo teria me dito que eu estaria indo para o Inferno porque eu rejeitei a Igreja verdadeira. Ele trabalhava com o conceito de verdade absoluta. Mas o novo católico romano que se senta ao meu lado diz: "Você está certo, dr. Schaeffer, porque você é sincero." No novo catolicismo romano, este tipo de declaração freqüentemente significa que o método dialético já tomou conta.

Por isso, não ficamos surpresos ao descobrir que o novo Heidegger tem seguidores como Karl Rahner, entre alguns dos pensadores líderes católico-romanos progressistas; e outros como Hans Kung, que foram fortemente influenciados pela neo-ortodoxia. É importante notar que a posição assumida pelo Concílio do Vaticano caminha na mesma direção, e homens como Raymond Panikkar[4], Dom Bede Griffiths, 0.S.C.[s] e Anthony de Mello, S.J.[6] estão proclamando uma síntese entre o catolicismo romano e o hinduísmo. É verdade que estes homens percorreram um longo caminho, mas não na direção do Cristianismo bíblico. Neal Ascherson, precisamente no dia 29 de abril de 1967, notificou em um jornal londrino o acordo em Marienbad entre a Sociedade Paulina, que segue Karl Rahner, e Roger Garaudy, que era o principal teórico do partido comunista francês. Em seu genial artigo, intitulado "Este ano em Marienbad –Onde os Marxistas e os Católicos se encontram", associando assim o seu diálogo à perda de categorias conforme ficou destacado no filme *Last Year in Marienbad.*

> Assim, esta época parece propícia para que esta nova teologia forneça a estrutura sociológica e as motivações de que se carecia. É claro, a sociedade poderia ter procurado em outro lugar entre os místicos seculares por uma nova religião mais evoluída, mas a nova teologia tem algumas vantagens fortes.
>
> Em primeiro lugar, as palavras conotativas não definidas empregadas pela nova teologia encontram-se profundamente enraizadas pela cultura ocidental. Elas são muito mais convenientes e imponentes do que palavras novas e pouco tradicionais.
>
> Segundo, estes homens controlam quase todas as grandes denominações do protestantismo e, se os progressistas da Igreja Católico-Romana consolidarem a sua posição, acabarão por controlar igualmente aquela igreja. Os teólogos católico-romanos liberais já têm grande influência sobre a Igreja Católico-Romana e eles tiram amplo proveito disso. Isto oferece aos teólogos liberais a vantagem de poderem atuar dentro de um movimento já organizado da Igreja, e assim, tanto a sua organização, quanto a sua continuidade linguística estão à sua disposição.
>
> Em terceiro lugar, as pessoas da nossa cultura em geral já estão em vias de se acostumar a aceitar palavras e símbolos religiosos indefinidos, desprovidos de conteúdo, sem qualquer controle histórico. Tais palavras e símbolos podem ser recheados com os conteúdos do momento. As palavras *Jesus* e/ou *Cristo* são as mais suscetíveis aos manipuladores. A expressão *Jesus Cristo* tornou-se uma bandeira sem conteúdo que pode ser carregada para o lado que se quiser, para

> propósitos sociológicos. Em outras palavras, devido ao fato de o termo *Jesus Cristo* ter sido separado da verdadeira história e conteúdo das Escrituras, ele pode ser usado para impulsionar ações religiosas com intenção sociológica diretamente contrárias aos ensinamentos de Cristo. Isto já é uma realidade, se considerarmos, por exemplo, a "nova" moralidade que vem sendo defendida por muitos dentro das igrejas, hoje.

Assim, está aberta para a nova teologia a possibilidade de fornecer à sociedade uma série interminável de absolutos arbitrários, religiosamente impulsionados. É contra este tipo de misticismo semântico manipulado que estamos fazendo bem em nos preparar, preparar os nossos filhos e os nossos filhos espirituais.

Seção Três

COMO O CRISTIANISMO HISTÓRICO DIFERE DA NOVA TEOLOGIA

Capítulo 1

PERSONALIDADE OU BARULHEIRA INFERNAL

Nossos antepassados usavam o termo *teologia sistemática* para expressar a sua visão de que o Cristianismo não é uma série de preceitos religiosos isolados, mas que tem um início e progride para um fim. Cada parte relaciona-se com as outras e com o todo, e para com o que está posto em primeiro plano no sistema. Pode até ser possível que tal compreensão *sistemática* do Cristianismo venha a morrer algum dia, mas nem vamos desprezar a palavra *sistemático,* corno se já fosse um cadáver.

Quando bem compreendido, o Cristianismo, enquanto sistema, apresenta respostas

para as necessidades básicas do homem moderno. Nisto ele se distingue da nova teologia, que não tem bases suficientes que lhe permitam dar respostas que resistam ao teste da racionalidade e ao todo da vida, como devemos vivê-la.

A primeira necessidade básica é causada pela falta de certeza quanto à realidade da personalidade individual. Todo homem encontra-se sob tensão até que encontre uma resposta satisfatória ao problema de quem ele mesmo é.

> A resposta bíblica cristã começa conduzindo-nos de volta à origem primeira de tudo, e depois ao reconhecimento de que a personalidade é intrínseca ao ser; não no sentido panteísta do universo, sendo a extensão da essência de Deus (ou do que ela é), mas que um Deus pessoal, na alta ordem da Trindade, criou tudo o mais. Antes mesmo da criação de qualquer coisa, havia, no interior mais íntimo da Trindade, verdadeiro amor e comunicação real.' A partir desta afirmação, a Bíblia declara que este Deus, que é pessoal, criou o homem à sua própria imagem e semelhança. Um Deus pessoal criou todas as coisas livremente de forma não determinada, e o homem foi criado sob circunstâncias especiais – o que eu chamaria de um círculo especial da criação. Ele é imagem deste tipo de Deus, e assim a personalidade é intrínseca a esta condição. Deus é pessoal e o homem também o é.
>
> Poderia ser de grande ajuda na compreensão disso ilustrar a situação da forma a seguir. Imagine que você esteja nos Alpes, e pudesse ver, de um ponto bem alto, três cadeias de montanhas paralelas com dois vales no meio. Em um dos vales há um lago, mas o outro está seco. Subitamente você começa a testemunhar o que muitas vezes ocorre nos Alpes – um lago se formando no segundo vale, onde antes não havia nada. À medida que você observa a água se juntando, certamente tentará imaginar de onde esta água vem. Se a água estagnasse no mesmo nível do lago do vale vizinho, você pode concluir, depois de medições cuidadosas, que há uma possibilidade que a água esteja vindo do primeiro vale. Mas, se suas medições mostrarem que o nível do segundo vale encontra-se seis metros acima do primeiro, então terá que descartar a hipótese de que a fonte se encontre no vale vizinho e terá de procurar outra explicação. O mesmo ocorre com a personalidade; ninguém jamais conseguiu imaginar uma forma de criar uma personalidade a partir de alguma fonte des-provida de personalidade.

Assim, o Cristianismo bíblico tem uma explicação adequada e razoável para a origem e sentido da personalidade humana. A sua origem é suficiente – o Deus pessoal, na alta ordem da Trindade. Sem uma fonte como esta, os homens ficariam relegados a urna personalidade originada do impessoal (acrescido do tempo, e do acaso).

As duas alternativas são bem claras e distintas. Ou admitimos que há urna origem pessoal de tudo, ou que o impessoal o concebeu por acaso, sem qualquer seqüência cronológica. O fato de que a segunda alternativa possa ser velada por palavras de conotativas não muda este estado de coisas. As palavras empregadas pelo panteísmo ocidental; as palavras teológicas,

tais como os *Ground of Being* de Tillich; a transformação da massa em energia ou movimento, defendida pelo mundo secular– tudo finalmente volta ao impessoal, acrescido de tempo e acaso. Se *esta* for realmente a única solução para o problema da personalidade do homem, então a personalidade não passa de uma ilusão, uma espécie de piada de mau gosto que nenhum artifício ou truque semântico vai mudar. Só mesmo algum tipo de salto místico nos permitiria aceitar a idéia de que a personalidade vem do impessoal. Este era o posicionamento para o qual Teilhard Chardin foi forçado. A sua resposta não passa de uma resposta em palavras místicas.

Por terem se recusado a admitir a única explicação que se encaixa nos fatos da sua própria experiência, homens como estes acabaram se tornando magos metafísicos. Ninguém jamais apresentou alguma sugestão, muito menos demonstrou que ela fosse provável, para explicar como poderia o impessoal, acrescido de tempo e acaso, gerar uma personalidade. Enquanto nos distraímos com uma enxurrada de palavras sem fim, eis que a personalidade aparece em um passe de mágica de dentro da cartola! É a água ficando acima de sua nascente. Ninguém, por toda a história do pensamento humanista-racionalista encon trou uma solução para isso. Conseqüentemente, todo ser pensante terá que admitir que o homem está morto, porque a personalidade não passa de ilusão — ou então, pendurar a sua razão em um gancho do lado de fora da porta e avançar para além da soleira e dar o salto de fé, que é o novo nível da desesperança.

Um homem como Sir Julian Huxley esclareceu o dilema, ao anunciar que, embora de uma forma ou de outra, fosse um ateu, ao contrário de tudo o que poderíamos esperar, o homem funcio¬na melhor quando age como se Deus existisse. Isto soa como uma solução razoável num primeiro momento, o tipo de res¬posta que um computador poderia dar, se fosse alimentado com dados sociológicos. Deus está morto, mas aja como se ele esti¬vesse vivo. Entretanto, um só momento de reflexão basta para mostrar-nos quão terrível é esta solução.

O norueguês Ibsen colocou-o nos seguintes termos: se você exclui a mentira da vida de um homem, você tira toda a sua esperança'. Estes pensadores estão dizendo, com efeito, que o homem só será capaz de agir como homem por uma larga ex¬tensão de tempo se partir do pressuposto de que uma mentira (que o Deus pessoal do Cristianismo existe) é verdade. É sim¬plesmente impossível, para urna pessoa sensata, encontrar de¬sesperança maior do que esta. Isto não é uma solução nada oti¬mista, alegre, razoável ou brilhante. Ela é trevas e morte.

Imagine que existiu um universo feito somente de sólidos e líquidos, mas sem nenhum gás livre. Imagine um peixe nadan¬do neste mundo. Ele estava adaptado naturalmente ao seu meio para continuar vivendo. Mas vamos supor que, por um mero acaso, como o que os evolucionistas nos querem fazer crer, um destes peixes tenha desenvolvido pulmões à medida que nada¬va pelo mundo. Este peixe já não estaria em condições se com¬portar como peixe. Será que ele estaria em um nível mais alto ou mais baixo da sua escala evolutiva? Certamente estaria mais baixo, porque acabaria se afogando. Da mesma forma, se o ho¬mem surgiu por acaso, a partir de algo que era apenas i mpes soa I , então todas aquelas coisas que fazem dele um homem —

esperança de propósito e significado, amor, senso de moral e racionalidade, beleza e comunicação verbal — não poderão ser preenchidas em última instância e não farão qualquer sentido. Será que o homem, em uma situação como esta, encontrar-se-ia num nível mais alto ou mais baixo? Neste caso, ele seria a criatura mais primitiva de toda a escala. O musgo das rochas encontrar-se-ia num estágio superior a ele, pois ele pode ser preenchido no universo que existe. Mas se o mundo é o que estes homens dizem que é, então o homem (não apenas individualmente, mas como raça), sem qualquer possibilidade de realização, está morto. Nestas condições, o homem não deveria nem sequer caminhar sobre a grama, mas reverenciá-la — pois ela seria mais do que ele!

A conseqüência lógica da negação da personalidade

Nos anos 60, durante uma série de palestras numa universidade americana, recebi uma carta anônima de um dos estudantes. Dizia ela: "Gostaria que, se pudesse, você me respondesse uma questão numa das suas próximas palestras: com relação ao que você dizia sobre os artistas estarem querendo destruir o homem, o que devo fazer? Eu também quero destruir." Muitos dos estudantes dos anos 60 tinham este desejo de destruição (como os *punks* dos anos 80). E quando aquela gente se cansou de destruir as coisas, chegando à conclusão de que não há respostas melhores do que precisamente aquelas que lhes foram dadas, uma apatia generalizada passou a dominar nos anos seguintes da década de 70 e início dos anos 80.

Em face do niilismo moderno, da destruição ou apatia, muitas vezes os cristãos perdem a coragem. Nós tendemos a dar a impressão de que preservamos os formal ismos e rituais exterio res, não importa o que aconteça (mesmo que se constate que Deus não existe realmente). Mas o oposto deve ser verdade a nosso respeito, de modo que as pessoas possam ver que necessi-tamos da verdade do que está aí, pois não estamos meramente tratando de banalidades. Em outras palavras, é preciso esclarecer que nós levamos esta questão de verdade e personalidade tão seriamente que, se Deus realmente não estivesse aí, seríamos os primeiros a cair fora da fila de entrada para o céu. À medida que mostramos que essa *é* a nossa atitude, é possível que as pessoas mais distantes comecem a nos levar a sério e ouvir o que temos a dizer. Se eles não perceberem na nossa integridade que compartilharíamos com eles toda esta destruição, "esvaziamento" ou apatia, caso não tivéssemos a certeza de que temos uma base segura para a personalidade e a realidade da moral, eles nunca nos darão ouvidos — e nem deveriam fazê-lo.

De acordo com a gravação da minha palestra daquela noite dos anos 60, minha resposta ao estudante que disse que ele ou ela desejava destruir foi:

Gostaria que você soubesse hoje à noite que, se nós vivemos neste mundo intrinsecamente impessoal, disfarce-o com o nome de *panteísta,* seja no pensamento oriental, ou na nova teologia, ou para falar em termos seculares, se é isto que eu sou, e todos os homens são, com suas respectivas aspirações; se isto é tudo o que eles são, produtos irrealizáveis do acaso, brincadeiras sem graça, então venha comigo, que eu também quero destruir tudo. Se for assim mesmo que você pensa, então você deveria juntar-se com

um homem corno este para destruir. Se eu fosse artista, estaria querendo destruir através da arte. Teria que estar concordando plenamente com o artista holandês, Karel Appel, que dizia: "eu não pinto, eu espanco". Teria que concordar com John Cage, quando diz que "Tudo não passa de acaso", com os seus ruídos casuais e sua barulheira infernal. Mas, muito além disso, gostaria que ficasse claro o que, neste caso, significará o amor.

Amor significará encarar o desafio de apertar o botão destruidor da raça humana. Eis aí toda a diferença entre a existência de um sentido real da personalidade que tornasse razoável o amor e a compaixão, uma razão real para manter a humanidade viva; e nenhum sentido real, sendo que o amor, portanto, acabaria redundando em destruição. Isto estaria então mais próximo da verdade do que aquilo que é, e o que vai eventualmente acontecer, não só com o indivíduo, mas com a raça humana.

Quem escreveu esta carta entendeu algo. Neste caso, eu gostaria de convidá-lo a vir comigo e destruir, mas eu também pediria que fosse honesto o bastante para considerar a outra possibilidade, de que tudo isso não é como você pensa, mas que a nossa origem é em princípio pessoal e, por isso, toda personalidade é dotada de um sentido intrínseco para a personalidade, a minha personalidade, bem como a personalidade de todos as demais pessoas deste universo. Esta é a grande diferença entre as duas posturas. O que temos considerado até aqui não é apenas teórico — mas trata-se de coisas que incidem profundamente neste *sobe e desce* da compreensão da vida. Ao homem que, de fato, estivesse disposto a destruir conceitos românticos sem fundamento, recomendaríamos que fosse em frente e os destruísse a todos. Exija sempre uma solução realista. E cá estamos, face a face, diante do problema real da nova teologia e de todo o novo pensamento.

Este é o *xis* da questão; ou admitimos que existe algo intrinsecamente pessoal, no sentido de criado por um Deus pessoal, ou aceitamos a barulheira infernal de John Cage!

Capítulo 2

FATOS E CONHECIMENTOS VERIFICÁVEIS

No Cristianismo histórico um Deus pessoal criou um homem à sua própria imagem e, neste caso, não há nada de absurdo em supor que ele se comunicaria com o homem de forma verbalizada. Por que ele não se comunicaria verbalmente, se ele fez do homem um ser que verbaliza, tanto em pensamentos, quanto na comunicação com outros homens? Tendo Criado o homem à sua própria imagem, por que ele falharia em comunicar-se com aquele ser que verbaliza nos mesmos termos? A comunicação se daria, portanto, de três formas: de Deus com o homem, e vice-versa; do homem com o homem; e do homem consigo mesmo. Alguém poderia levantar dúvidas se tal comunicação ocorre de fato, mas, se admitirmos este referencial, a idéia não é absolutamente contraditória, nem sem sentido. A idéia seria absurda se partíssemos do pressuposto de um universo fechado de causa e efeito. Mas, se fôssemos sustentar que este universo tem sido e continua sendo totalmente fechado, teríamos que nos perguntar se uma visão como esta (do universo fechado) realmente se sustenta diante de tudo o que conhecemos

e, especificamente, se esta visão de mundo explica porque as pessoas se comunicam verbalmente umas com as outras.

Por que não deveria Deus poder comunicar-se proposicionalmente com o homem, o ser verbalizador, a quem ele mesmo fez de modo que se comunicasse de proposicionalmente com os outros? Daí que, de acordo com a perspectiva

bíblica, isso abre a possibilidade de investigação dos fatos: um Deus pessoal comunicando-se em proposicionalmente com o homem — não apenas acerca daquelas coisas que o homem da nossa geração chamaria de "verdades religiosas", mas também acerca das mais especializadas áreas da história e da ciência.

Deus inseriu a revelação da Bíblia na história; ele não a forneceu (como poderia ter feito) em forma de livro-texto teológico. Localizando a revelação na história, que sentido teria para Deus ter-nos fornecido uma revelação cuja *história* fosse falsa? Também o homem foi inserido neste *universo* que, como as Escrituras mesmo dizem, fala de Deus. Que sentido, então, teria para Deus ter-nos oferecido a sua revelação em um livro cheio de falsidades acerca do universo? A resposta para ambas as questões deve ser "nada disso faria qualquer sentido!".

Está claro, portanto, que, do ponto de vista das Escrituras em si, podemos observar uma unidade por todo o campo do conhecimento. Deus falou, numa forma lingüística e proposicional, verdades sobre si mesmo e verdades sobre o homem, a sua história e o universo.

Temos aqui uma base adequada para a unidade do conhecimento. Uma unidade que engloba o nível superior e o nível inferior. Esta é a resposta à discussão sobre a unidade entre a natureza e a graça e a questão do homem moderno quanto ao conhecimento acima e abaixo da linha da antropologia. A unidade existe porque Deus falou a verdade acerca de todas as áreas do nosso conhecimento.

Ao mesmo tempo, devemos evitar cair no erro oposto de dizer que, porque Deus se comunicou verdadeiramente a respeito da ciência, todo estudo científico é perda de tempo. É uma dedução falsa. Dizer que Deus comunica-se *verdadeiramente* não significa que Deus comunica-se *exaustivamente*. Mesmo nos nossos relacionamentos humanos, nunca estaremos em condições de nos comunicar de forma exaustiva, por mais que esta comunicação seja verdadeira. Assim, no que diz respeito à nossa posição no universo, por mais que o Deus infinito tenha dito coisas verdadeiras sobre o todo da sua Criação, isto não faz do nosso conhecimento algo estático. Por sermos criados à sua imagem, somos racionais e, como tais, somos capazes de e destinados a explorar e descobrir mais e mais verdades acerca da criação.

Com efeito, o que Deus diz é "Aprendam a verdade por mim criada no mundo externo." O homem finito no universo externo, sendo finito, não possui nenhum ponto de referência suficiente, se partir absolutamente e autonomamente de si mesmo; assim, ele necessita de *certo conhecimento*. Deus nos dá este conhecimento por meio das Escrituras. Com isto em mente, o cientista pode entender, em suas mais profundas relações, as verdades que ele procura. Assim, o próprio estudo científico poderá ser-vir para a glória de Deus, pois, neste caso, o homem está funcionando de maneira correta no universo em que Deus o colocou. Ele estará nos falando

acerca das coisas que aí estão de fato, contribuindo, assim, para o crescimento do patrimônio de conhecimentos dos seus semelhantes.

> A nova teologia não pode oferecer uma estrutura adequada que permita aos fatos corresponderem aos conhecimentos. Ela não dá conta disso, porque não admite a possibilidade de comunicação nos únicos dois pontos discutíveis e passíveis de investigação, que são a história e o universo. As verdades religiosas não podem ser discutas, à medida que elas estão divorciadas dessas outras duas verdades. Bezzant, no livro *Objections to Christian Belief,'* ilustra muito bem o quanto esta questão da verdade é crucial. Embora Bezzant seja um tipo de liberal mais antigo, e embora o livro seja destrutivo, sob vários aspectos ainda assim ele reconhecia este ponto de forma muito clara. Depois de atacar o posicionamento cristão histórico, de uma hora para a outra ele inverte a estratégia, abrindo fogo contra a neo-ortodoxia: "Sempre que alguém me diz que é precisamente a sua imunidade às provas que protege o Cristianismo contra a acusação de ser mitológico, revido que nenhuma imunidade contra a provas pode 'assegurar contra' qualquer acusação, com exceção da própria imunidade contra a provas, coisa que eu chamaria de simplesmente de `absurdo'." Esta é uma constatação incrível. Sob este ponto de vista, ele de fato havia entendido toda a verdade acerca do erro fatal da teologia moderna. Não importa com que roupagem externa ela revestisse o seu posicionamento, o fato é que ela continuará sendo irracional e nunca estaremos em condições de discutir o que ela estiver dizendo, pois simplesmente não está aberta à investigação.
>
> Lembro de ter ouvido um palestrante afirmar em certa conferência na Inglaterra em que nós dois fomos palestrantes, "Bultmann é infalível por vinte minutos, a cada domingo". Isto é, tudo o que a nova teologia pode fazer é pregar e convidar as pessoas a acreditarem ou não acreditarem, sem o uso da razão. Desta forma, o homem torna-se *menos do que* o homem caído da posição bíblica cristã.

A solução histórica cristã referente a fatos e conhecimentos verificáveis depende de quem Deus é, de quem existe. O Deus que existe é, de acordo com as Escrituras, o Deus pessoal infinito. Não há outro deus como este Deus. É ridículo afirmar que todas as religiões dizem a mesma coisa, quando, na verdade, elas discordam no ponto central, acerca de como Deus é. Os deuses do Oriente são infinitos por definição — por definição, "deus é tudo que é". Este *é* o deus do pantudismo. Os deuses ocidentais têm tendido a ser pessoais e limitados; este foi o caso dos deuses dos gregos, romanos e germânicos. Mas o Deus da Bíblia, tanto do Novo, quanto do Antigo Testamento, é o Deus pessoal infinito.

Trata-se daquele Deus que criou várias ordens da criação, como podemos ver no esquema abaixo:

FIGURA PÁGINA 141

Como pode, então, a criação de Deus relacionar-se com o próprio Deus e consigo mesma? Do lado da infinitude de Deus, há uma separação entre Deus e toda a sua criação. Eu me encontro separado de Deus, no sentido de que ele é Criador e Infinito, e

eu sou uma criatura finita, da mesma forma como o átomo ou partícula de energia. Não me localizo mais perto de Deus, sob esta ótica, do que a máquina.

Contudo, se olharmos pelo lado da *personalidade* de Deus, o rompimento ocorre entre o homem e o resto da criação. Em termos do pensamento moderno, este é um conceito dinâmico, a respeito do qual o homem moderno e a teologia moderna não sabem nada. Assim, Albert Schweitzer comparou-se com um hipopótamo, pois ele não conseguia entender por que o relacionamento do homem se daria no nível superior; então, ele olhou para baixo, para uma criatura que faz muitas coisas corno ele mesmo faz. Mas, quando se trata da *personalidade,* se o nosso relacionamento está no nível superior, então tudo o que diz respeito à "hombridade" do homem estará no seu devido lugar.

O cristão bíblico diz que, por sua personalidade, o homem pode conhecer a Deus verdadeiramente, embora ele não possa conhecer a Deus exaustivamente. Ao contrário do que diz a nova teologia, o homem não está relegado a duas alternativas exclusivas para conhecer a Deus: de forma exaustiva ou então, de forma nenhuma. A possibilidade de compreensão do infinito não nos está totalmente fechada.

O homem moderno e a nova teologia possuem apenas isto:

FIGURA PÁGINA 142

O homem moderno colocou uma cunha entre o pessoal e o infinito, afirmando que a personalidade equivale à finitude. Ele equiparou personalidade à limitação. Mas o cristão diz que a única *limitação* que a personalidade intrinsecamente deve ter *é* que ela não pode ser ao mesmo tempo impessoal. Se afirmarmos que a personalidade sempre é, de alguma forma, limitada, significa tentar estabelecer um absoluto que ninguém pode estabelecer. É verdade que as personalidades humanas sempre são limitadas de alguma forma, mas isso se deve ao fato de serem criadas e finitas, e não ao fato de serem pessoais.

A personalidade em si não implica necessariamente limitação

Certo dia, recebi um bilhete de um israelense totalmente ateu, com a seguinte pergunta: "Qual sentido poderia haver em um homem entregar o seu filho às formigas, para ser por elas morto, com o intuito de salvar as formigas?" Eu respondi que não faz sentido algum um homem entregar o seu filho às formigas, com o propósito de salvar as formigas, porque o homem, enquanto *personalidade,* é um ser totalmente distinto das formigas. A única relação do homem com as formigas encontra-se em Ser (ou seja, ambas existem) e em serem criaturas. Entretanto, no que diz respeito à personalidade, o relacionamento do homem com Deus encontra-se no nível superior, e, portanto, a encarnação e morte do Filho de Deus para o bem da salvação do homem faz sentido. A encarnação e a comunicação entre Deus e o homem são razoáveis, precisamente devido a este ponto — tudo gira em torno do fato de que o homem

foi criado como tal à imagem de Deus.

Comunicação Divina e Humana

A comunicação entre Deus e o homem é verdadeira, o que não significa que ela seja exaustiva. Esta é uma importante diferença e precisa sempre ser mantida em mente. Para conhecer qualquer coisa que seja, de forma exaustiva, teríamos que ser infinitos, como Deus é. Mesmo no céu não seremos assim.

> Deus não comunicou ao homem apenas coisas acerca do cosmos e da história, mas também acerca de si mesmo. E os atributos de Deus assim comunicados são significativos para Deus, o autor da comunicação, bem como para o homem, que é o destinatário desta comunicação. O que Deus revelou acerca dos seus atributos não *é* significativo somente aqui em baixo no nível antropológico. A linha da antropologia não é um céu límpido acima das nossas cabeças, que não pode ser penetrado. O Deus que falou conosco não é o infinito que não podemos conhecer localizado bem acima da linha. O Deus que criou o homem à sua própria imagem comunicou verdadeiras verdades sobre si mesmo. Por isso, esta necessidade não deve ser reduzida a nenhuma espécie de experiência existencial ou de "idealismo religioso" sem conteúdo. Nós temos conhecimento verdadeiro, pois, corno dizem as Escrituras de forma tão simples e admirável, quando Deus escreveu os dez mandamentos na pedra,'- ou quando Jesus falou com Paulo na estrada de Damasco em língua hebraica," ele usou uma linguagem real para isso, sujeita a todas as regras gramaticais e léxicas – urna linguagem para ser compreendida.
>
> Quando conversamos uns com os outros, há teoricamente três resultados possíveis nesta troca de palavras. A primeira é a do fracasso total da comunicação, provavelmente devido a alguma diferença de formação muito significativa. A segunda possibilidade seria o oposto desta: ou seja, de que todas as palavras usadas tenham sido empregadas exatamente no mesmo sentido, redundando em um entendimento total e exaustivo entre todas as partes. Nenhum destes conceitos resistiria a uma análise mais cuidadosa.
>
> A fraqueza de se dizer que ninguém é capaz de comunicar-se de maneira alguma pode ser demonstrada pela conversa que eu mantive certa vez com um bacharel da Universidade de St. Andrews, na Escócia. Os seus colegas estudantes diziam que era muito difícil conversar com ele, pois que ele dizia não parecia fazer sentido, e que eles ficavam confusos, sem saber por onde dar início ao diálogo. Eu tinha meia hora para conversar com ele. Depois de não mais que dois minutos de conversa no seu quarto, ele disse: *"Sir,* não acho que estamos nos comunicando". Então comecei tudo de novo. Aproximadamente dois minutos mais tarde, ele repetiu, *"Sir,* não acho que estamos nos comunicando". Eu comecei a pensar que aquela meia hora não passaria de um palavrório sem sentido! Eu olhei e notei que ele estava se empenhando em preparar um belo chá. Estava tudo disponível: bule, xícaras, e tudo o mais. Então eu ordenei de forma um tanto rude: "Dê-me chá!" Ele ficou bastante surpreso, mas acabou servindo-me uma xícara cheia de chá. Então, eu disse: *"Sir,* acho

que estamos nos comunicando". Daí em diante, tivemos urna conversa inteligível.

O fato é que simplesmente não há ninguém que se dê ao trabalho de estudar lingüística e realmente acredite que, só porque nós trazemos nossa própria formação às palavras, aos idiomas e às frases que usamos, não possamos nos comunicar de forma alguma. Por outro lado, é bom ficarmos atentos: só porque estamos conscientes do que *nós* queremos dizer com as palavras, isso não significa que a pessoa com a qual estamos conversando compreende exatamente o mesmo. Isso seria muita ingenuidade da nossa parte. Nas conversas entre os seres humanos, ocorre comunicação verdadeira, porém nunca exaustiva. Este é o terceiro e única possibilidade realista que podemos alcançar ao conversar uns com os outros.

Se transferirmos a possibilidade de comunicação do âmbito das relações humanas para as relações do homem com Deus, então podemos aplicar o mesmo princípio. A apresentação bíblica indica que porque o homem foi feito à imagem de Deus; o problema da comunicação do homem com ele não é absolutamente diferente do que acontece quando o homem fala com o homem. Somos finitos e Deus é infinito, mas temos como entendê-lo verdadeiramente.

O amor é mais do que uma palavra

Esta concepção da maneira na qual Deus se comunica resulta num mundo que é diferente daquele com o qual o homem moderno se confronta. Isso significa que o homem simplesmente já não precisa mais destruir, nem afundar na apatia; há uma razão para se viver, construir e amar. O homem já não se encontra mais sem rumo. É possível demonstrar o quanto estes dois mundos são diferentes, quando levamos em conta o sentido do amor. O homem moderno acredita, com toda a razão, que o conceito de amor se torna extraordinariamente importante, quando ele olha para a personalidade. Contudo, ele encara um pro blema muito real, no que diz respeito ao sentido do amor. Por mais que o homem moderno apostasse tudo nesta palavra *amor,* o amor pode facilmente degenerar em algo muito inferior a isso, devido à falta de compreensão do que isso significa realmente. Falta-lhe um universal correspondente ao sentido do amor.

Por outro lado, o cristão tem o universal adequado necessário para estar em condições de discutir o sentido do amor. Entre tudo o que sabemos sobre a Trindade encontra-se o fato de que a Trindade existiu antes da criação de todas as outras coisas e que havia amor entre as pessoas que compõe a Trindade, antes da fundação do mundo.' Assim sendo, a existência do amor, como o conhecemos nas suas relações sociais, não tem a sua origem no acaso, mas no fato de que sempre foi assim.

> Acima da linha da antropologia, Deus, o Pai, amava Deus, o Filho, antes mesmo da criação do mundo – isto, em um plano horizontal. No plano vertical, Deus ama também a mim, eu que me encontro no abaixo da linha antropológica. A palavra e o ato de amor atravessaram a linha da antropologia, de cima para baixo. Então, ainda no plano vertical, eu também devo amar a Deus. De modo que a palavra e o ato de amor também cruzem a linha da antropologia, de baixo para cima. Finalmente, Deus ordena que eu ame a minha esposa, filhos, vizinhos abaixo da linha da antropologia. Aqui está a palavra e o ato de amor no plano horizontal, abaixo da linha da antropologia.

Os relacionamentos de amor poderiam ser esquematizados da seguinte forma:

FIGURA PÁGINA 147

Daí pode-se inferir duas coisas. Em primeiro lugar, eu estou em condições de ter alguma noção do que verdadeiramente significa dizer que Deus, o Pai, ama Deus, o Filho. Quando eu vejo uma moça e um rapaz caminhando lado a lado, de mãos dadas, demonstrando o seu amor um pelo outro abertamente, não tenho como saber tudo o que sentem um pelo outro; entretanto, pelo fato de que eu também amo a minha mulher, eu jamais os veria como um cachorro os veria. Não é exaustivo, mas trata-se de um entendimento verdadeiro – eu teria feito a associação correta. E quando eu falo do amor existente na Trindade, desde antes da criação, não estou falando bobagem. Embora eu esteja muito longe de auscultar as profundezas disso, quando aplicado ao próprio Deus, ainda sim a palavra *amor* e a *realidade* do amor, quando Cristo diz que o Pai o amou antes da fundação do mundo, têm um sentido real e verdadeiro para mim.

Em segundo lugar, quando eu amo a minha mulher, o significado disso não se esgota absoluta e exclusivamente no contexto deste único relacionamento individual, nem tampouco no amor de todos os homens por todas as mulheres do mundo, nem mesmo em todo o amor finito. A validade e o sentido do amor repousam sobre a realidade de que há amor entre o Pai e o Filho na Trindade. Quando eu digo que amo, ao invés de ser absurda, esta palavra faz sentido. Ela é guiada por aquilo que sempre foi real, no relacionamento existente no interior da Trindade, antes mesmo do universo ter sido criado. O amor do homem não é produto de um acaso, que não cumpre nada do que sempre foi. O amor não é apenas algo com sentido, mas também é repleto de beleza e formosura, para serem desfrutadas com alegria.

> Esta é, portanto, a grande diferença entre o Cristianismo e a nova teologia. Esta não fornece qualquer base para os fatos e conhecimento verificáveis, inclusive para o conhecimento do conteúdo das palavras usadas sobre Deus, acima da linha da antropologia. Assim, uma palavra tal como *amor* não faz sentido algum e não tem valor além do nível limitado do homem. A *esta altura, parece já ter ficado evidente que o Cristianismo e a nova teologia não mantêm nenhum vínculo, exceto no uso de uma terminologia comum, aplicada com sentidos bem diferentes.*

Capítulo 3

O DILEMA DO HOMEM

Ternos analisado dois campos em que o Cristianismo e a nova teologia discordam fundamentalmente — a personalidade e o conhecimento. Há mais uma área em que a discordância não poderia ser mais radical: a questão do homem e do seu dilema. Qualquer pessoa, dotada de certa sensibilidade e preocupação com o mundo circundante, poderá reconhecer que o homem se encontra em um grande dilema. Os seres humanos estão em condições de alcançar as maiores alturas e de afundar nas maiores profundezas da crueldade e tragédia. E o homem moderno está lutando desesperadamente contra este conceito de homem em seu dilema. A grande maioria das pinturas da morte de Cristo na cruz, a de Salvador Dali, por exemplo, não são da morte de Cristo na cruz, corno fato histórico. Elas estão usando o símbolo de Cristo para representar um homem em profunda agonia.

É claro que é possível tentar *não* se deixar envolver pela questão do dilema do homem; mas a única forma de não ser envolvido por isso *é* ser suficientemente jovem, ter dinheiro que chega e ser egoísta o suficiente para não se preocupar com os demais seres humanos.

Quando analisamos esta questão do homem e seu dilema, só duas explicações possíveis podem ser dadas. A primeira explicação sugere urna *causa metafísica.* Isto significa, com efeito, que o problema do homem reside no fato de ele ser muito pequeno, e demasiadamente finito para enfrentar os fatores que o confrontam. A segunda explicação é bastante diferente; ela reduz o dilema às *causas morais.* Se a primeira explicação está correta, então somos obrigados a concluir que o homem sempre esteve neste mesmo dilema. Assim, por exemplo, a nova teologia diz que o homem sempre foi um ser caído. Isso significa que não há resposta moral para o problema do mal e da crueldade. Porque o homem, quer seja de alguma forma criado por urna coisa curiosa chamada deus, ou tenha surgido ao acaso a partir do musgo, sempre esteve neste dilema, o dilema já é parte integrante de ser um "ser humano". E, se é isso o que o homem é intrinsecamente, e ele sempre foi assim, então o historiador da arte e poeta francês Baudelaire está correto quando diz "Se existe um Deus, ele é o diabo". Esta declaração foi simplesmente a dedução lógica da

> premissa de que o homem, com toda a sua crueldade e sofrimento, é agora como sempre foi. Neste ponto, Baudelaire foi coerente em recusar-se a admitir qualquer alternativa romântica como explicação para o fato. Mas a Bíblia diz que não é esta a situação.

Um dia estava eu conversando com um grupo de pessoas no quarto de um estudante sul-africano, na Universidade de Cambridge. Entre outras pessoas, estava presente um jovem indiano, que era *sikh* por formação, mas hindu pela religião. Ele começou a argumentar veementemente contra o Cristianismo, sem, no entanto, entender os problemas reais relacionados às suas próprias convicções. Isso me levou a comentar: "Não é verdade que, se admitirmos o seu sistema, não fará nenhuma diferença, em última instância, se sou ou não sou cruel, pois não há diferença essencial entre as duas coisas?" ele concordou. As pessoas que ouviam e o tinham corno uma pessoa agradá vel, um verdadeiro "gentleman", pessoa da melhor safra, levantaram os olhos com espanto. Mas o estudante, em cujo quarto estávamos reunidos, estava entendendo claramente as implicações do que o *Sikh* estava defendendo, e tomou a sua garrafa de água fervente, com a qual pretendia preparar um chá, e segurou-a fumegando bem em cima da cabeça do indiano. O rapaz olhou para cima e lhe perguntou o que estava fazendo, e ele disse com fria determinação, embora educada: "não há diferença entre crueldade e não-crueldade". Diante disto, o hindu saiu imediatamente noite adentro.

Se a explicação metafísica ao dilema humano é dada, ela não é urna abstração. Neste caso, tudo o que pode estar impelindo o homem para o que ele tem de melhor realmente não têm sentido.

O escândalo da cruz

Podemos encontrar um estudo bastante sério acerca do homem e seu dilema no livro *La Peste* (A Praga),' de Albert Camus. A história trata de uma praga trazida pelos ratos à cidade de Oran, no início da II Guerra Mundial. Superficialmente isso soa como se fosse um relato de uma cidade qualquer, que tivesse sido surpreendida por uma tragédia como esta. Mas Camus busca uma compreensão mais profunda. Por isso, ele coloca o leitor diante de uma escolha séria: ou ele pode consultar o doutor e lutar contra a praga, e neste caso, diz Camus, ele então também estará lutando contra Deus; ou ele poderá encontrar-se com o sacerdote, sem lutar contra a praga, sendo assim anti-humanitário. Eis a escolha; e este é o dilema que Camus e todos aqueles que, à semelhança dele, não possuem resposta cristã, enfrentam.'

> Em todo caso, a nova teologia também não tem resposta para o dilema. Os seus adeptos também foram pegos pelo problema de Camus e a proposição de Baudelaire. Tudo o que é razoável em sua posição, baseada na observação do mundo como ele é, diz que Deus é o Diabo. Entretanto, porque eles não querem viver com esta conclusão, por um ato de fé cega dizem que Deus é bom. Isto, dizem eles, é o que significa o "escândalo da cruz" – acreditar que Deus seja bom, contra todas as evidências abertas à razão. Mas este não é, de fato, o "escândalo da cruz". O verdadeiro escândalo *é* que,

por mais fidedigna e claramente que se possa pregar o Evangelho, a certa altura o mundo, por estar em estado de rebelião, se afastará disso. O homem foge disso para não ter que se curvar diante do Deus que existe. Este é o verdadeiro "escândalo da cruz".

A teologia moderna pode até usar o termo *culpa,* mas, por ela não ser orientada por uma estrutura moral verdadeira, ela acaba não sendo mais do que um *sentimento de culpa.* E, como no sistema deles não há espaço para culpa verdadeira, a morte de Jesus na cruz assume um sentido totalmente diferente. Disso se infere que a obra de Cristo e o ministério da Igreja tornam-se uma destas duas coisas: ou a base para a motivação sociológica, usando termos religiosos indefiníveis; ou então um meio para integração psicológica, novamente usando palavras religiosas. Em ambos os casos, as palavras de conotação utilizadas encontram-se abertas para o controle dos manipuladores.

Existe um perigo oposto: de que o cristão ortodoxo falhe na percepção de que muitas vezes os sentimentos de culpa estão presentes quando, na verdade, não existe culpa. É preciso lembrar que a queda resultou na divisão, não apenas entre Deus e o homem, e entre o homem e o homem, mas entre o homem e ele mesmo. Assim, há sentimentos psicológicos de culpa sem culpa real. Nestes casos, devemos demonstrar compaixão verdadeira. Mas, sempre que há culpa mora] real diante do Deus que existe, isto nunca deverá passar em branco ou descartado como algo psicológico, como faz a teologia moderna faz.

Outra conseqüência do posicionamento da nova teologia *é* que não há contradição pessoal no aspecto da justificação. Para os novos teólogos nunca poderá haver uma diferença qualitativa no relacionamento do homem com Deus. A visão cristã diz que, quando uma pessoa se reveste de Jesus Cristo como salvador, naquele momento ele passa da morte para a vida, do reino da escuridão para o reino do Filho querido de Deus.[3] *Justificação* significa ser absolvido da culpa verdadeira e não condenado. Esta é uma antítese absolutamente pessoal. Se, por outro lado, não há uma antítese absoluta entre a moral e a imoralidade, crueldade e não-crueldade, então, a única diferença só pode ser quantitativa.

Nós não devemos brincar com a nova teologia, mesmo que possamos pensar que é possível torná-la em vantagem para nós. Isto significa, por exemplo, que temos de estar cientes da cooperação nos relacionamentos evangelísticos que nos forçam para um posicionamento de aceitação da nova teologia como cristãos. Se procedermos assim, retiramos o chão que sustenta o conceito bíblico da antítese pessoal da justificação.

Porque a nova teologia não dá lugar para a antítese, e pelo fato de que os pecados e a culpa dos que a estão propondo são, em última análise, um problema metafísico e não moral, eles têm um universalismo que é implícito ou explícito, com relação à salvação última do homem. É ingenuidade da parte dos evangélicos pensar neste universalismo como um canto desarticulado do sistema neo-ortodoxo. Pode nem sempre ser explícito nos ensinamentos dos novos teólogos, mas temos que reconhecer que a lógica da sua visão acerca do dilema humano acaba necessariamente os levando a este posicionamento. A estas alturas, as suas crenças estão muito bem relacionadas. Eles não têm uma antítese final entre o certo e o

errado; por isso, não é possível que haja algo semelhante à culpa; por isso, a justificação como um relacionamento radicalmente alterado com Deus não pode ter sentido; por isso ninguém é, no final das contas, condenado. Com base no sistema deles, este é um posicionamento perfeitamente consistente e necessário de se sustentar. O universalismo está naturalmente relacionado àquilo que o sistema deles é.

Cristianismo histórico e o dilema do homem

O posicionamento cristão histórico diz que o dilema do homem tem uma causa moral. Deus, sendo não determinado, criou o homem como pessoa não determinada. Esta é uma idéia difícil de ser pensada por qualquer pessoa do século 20, pois a maior parte do pensamento do século 20 encara o homem como ser determinado. Não importa se por fatores químicos — como sustentou o Marquês de Sade e Francis Crick está tentando provar — ou por fatores psicológicos — como Freud e outros sugeriram —, ou por fatores sociológicos — como sustentou B. F. Skinner. Nestes casos, ou como resultado da fusão entre eles, o homem é considerado um ser programado. Se este fosse o caso, então o homem não seria este ser maravilhoso que a Bíblia diz que *é,* feito à imagem de Deus, como uma personalidade capaz de fazer a primeira escolha livre. Por que Deus criou um universo verdadeiro externo a si mesmo (não uma extensão da sua essência), há uma história verdadeira que existe. O homem, enquanto ser criado à imagem de Deus, é, portanto, um ser dotado de sentido inserido em uma história igualmente significativa, que pode optar por obedecer aos mandamentos de Deus e o amar ou então, revoltar-se contra ele.

Esta é a maravilha do homem e a maravilha da história. Trata-se precisamente da afirmação oposta à do zen-budismo, que diz que "A mente do homem é como o vento em um pinheiro num desenho chinês". Com isto, o homem é morto duas vezes. Ele não passa do vento em um pinheiro e, ainda assim, somente em um desenho. O Cristianismo ensina exatamente o reverso do que diz o pensador oriental. O homem é capaz de compreen der e responder àquele que, tendo o feito e se comunicado com ele, chamou-o para si, para mostrar que ele o amava por simples mandamentos: "Não faça isso". O teste poderia ter sido outro. Não há nenhum ato de magia primitivo envolvido aqui. Este é o chamado do Deus pessoal infinito para o homem pessoal agir por livre escolha. E este foi um mandamento motivado: "... pois no dia em que você comer disto, certamente morrerá",[4] o qual não faria sentido algum se o homem fosse apenas urna máquina. Assim, ele pode agir por livre opção, porque foi criado para ser diferente do animal, da planta e da máquina.

Quando questionamos que o homem deveria ter sido feito de tal modo que *ele não estaria em condições de revoltar-se,* significa insinuar que a criação de Deus deveria ter se encerrado com a criação das plantas e animais. Significa insinuar que o homem deveria ter sido reduzido a uma programação de máquina. Significa insinuar que o homem não deve existir enquanto homem.

Se começarmos a considerar o sistema cristão como um sistema total, devemos começar pelo Deus pessoal infinito que existe, e que estava se

comunicando e amando antes que qualquer outra coisa viesse à existência. Se começarmos a pensar como o homem pecador pode voltar ao relacionamento com Deus, precisamos começar com Cristo, sua pessoa e sua obra. Porém, se começarmos considerando as diferenças entre o Cristianismo e as respostas das filosofias racionalistas, devemos começar compreendendo que o homem e a história são agora anormais. Isso não quer dizer que a filosofia e o Cristianismo lidam com questões completamente diferentes, mas que o Cristianismo histórico e a filosofia racionalista diferem em suas respostas — incluindo o ponto importante sobre se o homem e a história estão hoje em condições normais ou anormais. Eles também diferem pelo fato de que o pensamento racionalista começa com o conhecimento que o homem finito pode criar por si mesmo.

O Cristianismo diz que o homem hoje é anormal — ele se encontra separado do seu Criador, que é o seu único ponto de referência suficiente — não por uma questão de limitação metafísica, mas por culpa moral verdadeira. Conseqüentemente, ele também se encontra hoje separado dos seus companheiros e de si mesmo. Por isso, quando ele é envolvido em crueldade, ele não está sendo fiel ao que ele foi inicialmente criado para ser. A crueldade é um sintoma da anormalidade e uma conseqüência da queda moral, histórica e espaço-temporal.

Quais as implicações da queda histórica espaço-temporal? Significa que houve uma época antes da queda do homem; que, se você estivesse estado lá, poderia ter visto Adão antes da queda; que, no momento em que ele se revoltou contra Deus, fazendo a livre escolha de desobedecer ao mandamento de Deus, houve um avanço do relógio. Jogue fora os três primeiros capítulos do Gênesis, e não terá mais como manter um posicionamento verdadeiramente cristão, nem dar respostas cristãs.

Capítulo 4

A RESPOSTA DE DEUS AO DILEMA DO HOMEM

Com a resposta cristã, é possível agora compreender que há absolutos morais verdadeiros. Não há lei anterior a Deus, pois a "coisa" mais "anterior" é o próprio Deus. Os absolutos morais repousam sobre o caráter de Deus. A criação, como ele a concebeu originalmente, conforma-se ao seu caráter. Os homens, enquanto seres criados à imagem de Deus, devem viver com base no que Deus é. Os padrões de moralidade são determinados pelo que se conforma ao seu caráter, enquanto aquelas coisas que não se conformam são imorais.

Deus é capaz de conhecer coisas que ainda não aconteceram. Por exemplo, ele conhecia tudo sobre Eva,* mas ela não era um ser real, até que ele a fez. O mesmo pode ser considerado verdadeiro no campo da moral. Quando o homem peca, ele leva adiante o que é contrário à lei moral do universo e, conseqüentemente, ele é moral e legalmente culpado. Porque o homem é culpado diante do legislador universal, fazer o que é contrário ao seu caráter torna significativo o seu pecado e ele se torna moralmente significativo em urna história significativa. O homem tem uma culpa moral verdadeira. Isto é totalmente diferente da concepção do pensamento moderno, que declara que as ações não levam à culpa – uma visão de acordo com a qual as ações tornam-se desta forma moralmente sem sentido. Até as ações mais degradantes do pecado não tem sentido moral final. Afinal de contas, tanto as "boas" quanto as "más" ações são zero. Este *é* uni importante fator para que o homem moderno encare o homem como um zero.

A resposta cristã começa afirmando que o homem *é* uma criatura moral, feita à imagem do Criador; que há uma lei no universo que, se quebrada, significa que o homem é culpável. De acordo com esta visão, o homem é moralmente significativo tanto no que tange a Deus, quanto no que diz respeito aos seus companheiros. A moderna resposta não-cristã nega a legitimidade dos absolutos morais, recusa-se a fazer qualquer juízo moral definitivo sobre as ações humanas e assim, reduz os atos cruéis e não-cruéis ao mesmo nível. Com esta resposta, o conceito de pecado não só é reduzido a algo inferior ao conceito bíblico, mas o *homem* é reduzido a menos do que o conceito bíblico de homem culpado.

Se aceitarmos a explicação moderna, então deixamos de ter uma resposta ao dilema humano – o homem é corno ele era no começo e como sempre será. Com a explicação moral (em contraposição à

metafísica) da posição do homem no universo e seu dilema conseqüente da queda, há uma solução possível.

Se houver verdadeira culpa moral na presença de um Deus pessoal (ao invés de uma situação metafísica intrínseca daquilo que é e sempre foi assim), então quem sabe haja uma solução da parte de Deus. E Deus diz ao homem que há uma solução. Tal solução repousa sobre as afirmações de Deus de que ele *é* santo e de que ele é amor, e em seu amor ele amou ao mundo e enviou o seu filho. Agora, na história, ali na Cruz do Calvário, no tempo e no espaço, Jesus morreu. E nunca deveríamos falar da morte de Jesus sem relacionar isso à sua pessoa. Esta é a segunda Pessoa eterna da Trindade. Quando ele morreu com a separação que o homem causou com a sua revolta, agora transferida para a própria Trindade, ali em expiação, em propiciação e substituição, a culpa moral verdadeira encontrou-se com o valor *infinito* da morte de Jesus. Daí que, Jesus disse: "Está consumado".

Romanos 3.26 é uma passagem pela qual tendemos a passar muito rapidamente em meio da estrutura dos três primeiros capítulos de Romanos. Estes capítulos nos relatam, em primeiro lugar, por que o homem está perdido, e depois a solução dada pela morte propiciatória de Jesus Cristo. Neste ponto, Paulo pode dizer: "que ele mesmo pode ser justo e *ainda sim* (a força da construção grega) o justificador daquele que deposita a sua fé em Jesus". Por um lado, por causa do valor infinito da morte de Cristo, Deus não tem a obrigação de resgatar o seu caráter absolutamente sagrado; e, por outro, ele não tem que violar a significância do homem para estar em condições de perdoar a culpa e restaurar o relacionamento do homem com o próprio Deus. **Isso** é exatamente o contrário da negação da antítese e significado do salto no escuro do homem moderno, que diz que temos, de alguma forma, que acreditar, sem razão, que Deus é amor. Um absoluto moral permanece e ainda assim há uma solução para o dilema do homem.

Não precisa haver ou oito ou oitenta em La Peste

Da resposta bíblica decorrem quatro fatos importantes. Em primeiro lugar, o Deus que existe é um Deus bom.

Em segundo lugar, há uma esperança de solução para o dilema do homem.

Em terceiro lugar há base suficiente para a moral. Ninguém descobriu o caminho para obter uma "moral" real sem um absoluto moral. Se não há absoluto moral, resta-nos o hedonismo (fazer o que bem se entende) ou alguma forma de teoria de contrato social (o que *é* melhor para a sociedade como um todo está certo). Entretanto, nenhuma destas alternativas corresponde aos movimentos morais que o homem tem. Converse com tempo e de

forma profunda o suficiente com as pessoas e achará que elas acreditam que algumas coisas são *realmente* certas e outras, *realmente* erradas. Sem absolutos, a moral deixa de existir como moral e o homem humanista, que parte de si mesmo, encontra-se impossibilitado de encontrar os absolutos de que ele carece. Mas, porque o Deus da Bíblia existe uma moral real existe. Com esta estrutura, eu posso dizer que uma ação é certa e outra, errada, sem estar afirmando algo absurdo.

Em quarto lugar, há uma razão adequada para lutar contra o que está errado. O cristão nunca encara o dilema colocado pelo livro de Camus, *La Peste.* Simplesmente não é verdade que *ou* ele tem que ficar do lado do doutor contra Deus, lutando contra a peste, *ou* unir-se ao padre do lado de Deus e assim ser muito menos do que homem, por não lutar contra a praga.' Se houvesse uma escolha do tipo "oito ou oitenta" na vida, isso seria de fato terrível.[2] Mas o cristão não está confinado a uma escolha como esta. Convido-o a visitar o túmulo de Lázaro. Enquanto Jesus estava lá, ele não apenas *chorou,* mas ele estava *bravo.* A exegese do grego, nas passagens de João 11.33 e 38 é clara.' Jesus, enquanto estava na frente do túmulo de Lázaro, estava com *raiva* da morte e da anormalidade que impera no mundo — a destruição e aflição causada pelo pecado. Nas palavras de Camus, Cristo odiou a praga. Ele reivindicava ser Deus *e ele não podia odiar a praga sem odiar a si mesmo como Deus.*

Um cristão pode lutar contra o que é errado no mundo com compaixão e saber que à medida que ele odeia estas coisas, Deus também as odeia. Deus as odeia até o alto preço da morte de Cristo.

Mas, se eu vivesse em um mundo desprovido de absolutos e lutasse contra a injustiça social no calor do momento, corno eu poderia determinar o que é a justiça? Que critério eu tenho para distinguir entre o certo e o errado? A palavra *amor* não pode me dizer como discernir, pois, dentro da estrutura humanista, o amor não pode ter sentido definido. Mas uma vez que eu compreenda que o Cristo que veio para morrer e acabar "com a praga" chorou e também estava com raiva pelos efeitos da praga, eu tenho uma razão para lutar que não se apóia meramente na minha disposição momentânea ou em oscilações do consenso do homem.

O cristão necessita ser desafiado neste ponto. O fato de que só ele tem um padrão suficiente pelo qual se pode lutar contra o mal não significa que ele *iria* lutar. O cristão é o real radical da nossa geração, pois ele se coloca contra o moderno conceito monolítico de verdade como sendo algo relativo. Mas, muito freqüentemente, ao invés de ser radical, colocando-se contra as oscilações do relativismo ele cai no erro de meramente manter o status quo. Se for verdade que o mal é mal, que Deus o odeia a ponto de morrer na cruz e que há uma lei moral fixa naquilo que Deus é nele mesmo, então os cristãos devem ser os primeiros no campo contra o que é errado, incluindo a desumanidade do homem contra o homem.

Capítulo 5

COMO SABER SE É VERDADE?

Os interessados no que penso acerca do tema "apologética" poderão encontrá-lo no Apêndice A deste livro.

Todos os homens enfrentam um problema em seu próprio nível. Ao serem confrontados com a existência e forma do universo externo e a "hombridade" do homem, como essas coisas se encaixam e qual o seu sentido'?

Imagine um livro que tenha sido rasgado, deixando apenas urna tira de três centímetros de texto impresso em cada página. Embora obviamente seria impossível juntar e entender a história do livro, ainda assim algumas pessoas poderiam imaginar que aquilo que restou foi juntado por acaso. Entretanto, se as partes rasgadas de cada página fossem encontradas em um sótão e fossem recolocadas no seu lugar certo, então a história poderia ser lida e passaria a fazer sentido. Todo o homem ficaria aliviado

porque o mistério do livro foi resolvido e todo o homem se envolveria na leitura das partes completadas da história; mas a razão do homem seria a primeira a dizer-lhe que as porções que foram descobertas eram a solução adequada ao problema do livro.

Note dois aspectos desta ilustração. Em primeiro lugar, as porções de cada página deixada no livro nunca seriam capazes de contar do que trata a história. A sua importância seria como que um teste para determinar se os pedaços que foram encontrados no sótão são os corretos para completar o livro. Em segundo lugar, o homem que descobriu as partes faltantes usou sua razão para mostrar que elas se encaixam no livro rasgado. Mas, em seguida, em sua personalidade total, ele apreciou a leitura e compreensão da história completa das peças originais e das partes adicionadas. Este seria o caso, particularmente se o livro *total* abrisse o caminho para restaurar a comunicação com alguém importante para o leitor.

É isso que acontece com o Cristianismo: as páginas rasgadas remanescentes no livro correspondem ao universo anormal e ao homem anormal que temos hoje. As partes das páginas que foram descobertas correspondem às Escrituras que representam a comunicação proposicional de Deus para o homem, que não tange apenas a verdade "religiosa" mas também o cosmos e a história, os quais estão abertos à verificação. Nem o mundo externo anormal, nem a "hombridade" anormal do homem pode responder ao sentido total da ordem criada, ainda que ambos sejam importantes para saber que as Escrituras, a comunicação de Deus para com o homem, são o que reclamam ser. A questão é se a comunicação de Deus completa e explica as partes que tínhamos anteriormente e, especialmente, se explica o que era evidente antes, apesar de sem uma explicação – que o universo existe e o universo e a "hombridade" do homem não são só uma configuração casual de letras jogadas ao acaso. Em outras palavras, o que fala daquilo que existe: a Bíblia ou a música de John Cage?

O homem não poderia responder adequadamente a esta pergunta racionalista ou autonomamente, com base na parte remanescente do livro. Sem as páginas encontradas, o homem jamais seria capaz de obter a resposta. Isto também não significa salto de fé, porque as partes remanescentes unem-se em um todo coerente sobre o campo unificado total do conhecimento. Com a perspectiva da comunicação proposicional de um Deus pessoal, as coisas relativas ao cosmos e à história não apenas fazem sentido, mas toda a história superior e inferior passa a fazer sentido: a graça e a natureza; um absoluto moral e a ética; o ponto de referência universal de todos os particulares, mas igualmente também as realidades emocionais e estéticas do homem.

É claro que o homem individual não reconhecerá que estas coisas fazem sentido, enquanto rejeitar a comunicação só porque não pensou nisto por si mesmo. Isso seria como se o homem da nossa ilustração rejeitasse os fragmentos do livro encontrados no sótão, porque ele queria inventar a sua própria história.

A natureza da prova

Quando lidamos com a questão das provas, que se levanta a partir da ilustração do livro, gostaria de sugerir que a prova científica, a prova filosófica e a religiosa sigam as mesmas regras. Poderíamos até estar diante de um problema que desejamos solucionar; poderia referir-se a uma reação química, ou ao sentido do homem. Depois de termos definido a questão, em cada um destes casos, a prova consistirá de dois passos:

a. A teoria não pode ser contraditória e precisa dar resposta ao fenômeno em questão.

b. Temos que estar em condições de viver de forma consistente com a nossa teoria. Por exemplo, a resposta dada à reação química deve corresponder ao que observamos no tubo de ensaio. Com relação ao homem e sua "hombridade", a resposta dada deve conformar-se ao que observamos de maneira genérica no homem e seu comportamento.

Especificamente em relação à questão do homem, será que a resposta cristã corresponde ou explica o que observamos em relação ao homem como ele é (incluindo o meu conhecimento acerca de mim mesmo, enquanto homem)? A resposta cristã significa que o homem não está morto, mas que ele já era essencialmente humano e pessoal desde o momento quando foi criado por uma fonte pessoal; e, ainda que ele tenha sido normal no começo, agora ele é anormal. O leitor deve recordar-se bem a esta altura do exemplo da fonte de água no segundo vale e do material que, nos capítulos anteriores, lidavam com a origem pessoal e com a atual anormalidade do homem.

Além disso, há de se mencionar o lado negativo. Depois da definição cuidadosa ter erradicado o trivial, as outras respostas possíveis, que não envolvem um salto de fé místico são da seguinte natureza:

1. Que o impessoal, mais o tempo, mais o acaso, produziram um homem pessoal. Esta teoria vai contra toda a experiência e, assim, costuma advogar, no final, um salto de fé, muitas vezes escondido pelo uso de palavras conotativas.

Que o homem não é pessoal, mas morto; na realidade, ele é uma máquina e, por isso, a personalidade é urna ilusão. Esta teoria poderia encaixar-se no primeiro critério de ser não-contraditório. Mas ela não se encaixa na segunda teoria, pois o homem simplesmente não pode viver corno se fosse uma máquina. Ao que tudo indica, isso pode ser observado desde as origens mais remotas da história do homem – por exemplo, da arte e utensílios encontrados nas cavernas ou dos rituais de morte do homem. Já demos exemplos suficientes da forma como o homem, como um cientista apaixonado, foi levado a uma situação de *Dr. Jekill e Mr Hide,** com base nesta conclusão. Ele é urna coisa em seu laboratório, mas algo completamente diferente em casa com a sua esposa e filhos. Inclui-se aqui toda a luta do homem moderno, o desespero

evidenciado pela aceitação do salto irracional em uma tentativa desesperada de obter respostas às custas da razão e o grito dos artistas modernos por não encontrarem sentido para o homem. Por mais que o homem possa dizer que ele não é mais que uma máquina, toda a sua vida nega isso.

0. Que, no futuro, o homem encontrará outra resposta razoável. Mas existem aí dois problemas insuperáveis quanto a esta resposta. Em primeiro lugar, isso se aplica a qualquer resposta a qualquer pergunta, e levaria todo e qualquer pensamento e ciência ao fim. É preciso que se veja que isto é urna evasiva e uma resposta especialmente frágil, se a pessoa a estiver aplicando somente a esta única questão. Em segundo lugar, ninguém seria capaz de conviver com esta resposta, porque é simplesmente impossível parar de respirar e esperar até que alguma solução seja encontrada no futuro. O indivíduo continuamente emite juízos morais, que afetam a ele mesmo e aos outros, e precisa fornecer alguma hipótese de trabalho da qual possa partir. Assim, se a pessoa oferece este tipo de resposta seriamente, como teoria alternativa, deve estar preparada para entrar em profundo congelamento e parar de emitir juízos que dizem respeito ao problema do homem. Bertrand Russel, por exemplo, deveria ter parado de tomar decisões sociológicas que envolvessem os outros. Este posicionamento só seria possível se parássemos o relógio.

Que a teoria científica da relatividade poderia provar-se, no futuro, uma resposta suficiente para a vida humana. Mas a teoria científica da relatividade não pode ser aplicada à vida humana. A teoria científica está sendo testada, mas como uma teoria e por medição. Assim, ela não significa que "vale tudo", como se faz quando a relatividade é aplicada aos valores humanos. Mais ainda: de acordo com a ciência, a velocidade da luz no vácuo é considerada um padrão absoluto. Por isso, a relatividade científica não implica que todas as leis científicas estejam em constante estado de mudança. Usar a relatividade científica de forma a aplicar o conceito de relatividade à vida humana e valores humanos é completamente inválido.

Poderíamos citar mais algumas parcas tentativas de encontrar respostas possíveis, mas as possibilidades são, de fato, bastante restritas.

Em contraste a estas respostas, se o escopo do fenômeno em questão é suficientemente

largo (isto é, se incluir a existência cio universo e a sua forma,' e a "hombridade" do homem, como ele é agora), o Cristianismo — o qual começa pela existência do Deus pessoal infinito, a criação do homem à sua imagem, e a queda espaço-temporal — oferece uma resposta não contraditória em si mesma que explica o fenômeno e com a qual poderíamos viver, tanto na vida privada, quanto na acadêmica.

Eu sugiro uma questão séria que deve ser encarada: a razão por que o homem moderno rejeita a resposta cristã, ou por que ele muitas vezes nem sequer a considera, é por que ele já aceitou, com uma fé implícita, a pressuposição da uniformidade das causas naturais em um sistema fechado.

Isto não significa que a resposta deva ser aceita por razões pragmáticas, mas isso significa que a solução apresentada pela Bíblia responde ao problema do universo e do homem como nenhuma outra é capaz.

Devemos acrescentar a isso, como conclusão, que o cristão, depois se torna tornar cristão, tem anos de evidências experimentais para acrescentar a todas as razões acima. Mas devemos parar no mesmo lugar que Paulo em Romanos, capítulo 1, dizendo que a existência cio universo externo e a sua forma e a "hombridade" do homem demonstra a verdade da posição cristã histórica. Ele não apela para a experiência cristã em Romanos 1: "A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis."2

Racionalidade verdadeira, mas não só isto

Embora a racionalidade seja importante, ela nunca será exclusiva.[3] A racionalidade não significa o fim cia matéria.' Esta problemática é paralela ao problema da forma e liberdade da arte. O artista, para ser artista, necessita ser livre. Por outro lado, se não há forma na sua pintura, o artista perde toda comunicação com os apreciadores. A

forma torna possível ao artista ter liberdade acrescida de comunicação. Semelhantemente, a racionalidade deve necessariamente abrir a porta para um relacionamento vital com Deus.

É aí que entra o estudo da comunicação não-verbal. O que a forma é para o artista, as palavras são para a comunicação geral. O uso de palavras claramente definidas e tratadas racionalmente dá-lhe forma e certeza de comunicação. O mesmo vale para os símbolos científicos cuidadosamente definidos.

É possível acrescentar muitas coisas à verbalização racional e, desta forma, enriquecê-la. Por exemplo, a poesia sem dúvida adiciona algo à prosa. Nos Salmos algo nos foi comunicado que não o seria por conta de mera prosa. O mesmo é válido quando o artista pinta um retrato. Entretanto, se há um divórcio absoluto entre a verbalização definida e racionalmente compreendida por um lado (por exemplo) e *forma puramente poética,* de outro, o leitor não encontrará comunicação certa. O máximo que o leitor será capaz de fazer é *usar a forma puramente poética* corno uma pedreira da qual ele terá que criar algo, seguindo as suas próprias emoções.

Enquanto existir uma continuidade genuína entre a verbalização definida e o que se acresceu a isso, então, todo tipo de enriquecimento será bem-vindo. Mas, se há descontinuidade, então ninguém será capaz de dizer com certeza o que significam as coisas acrescentadas. Isso vale para a arte, para a experiência e até para o uso de figuras de linguagem. As figuras de linguagem ampliam o nível de comunicação, desde que sejam adequadas à estrutura geral da linguagem definida, o que pode ser levado em consideração de forma racional. Mas se alguém escreve um livro ou drama, composto somente de figuras de linguagem, sem qualquer relação ao contexto racional definido, não apenas a comunicação estará perdida, mas também o propósito da figura de linguagem em si (para ser enriquecedora) estará perdido.

Por isso, não se trata de que a racionalidade tenha importância exclusiva, mas antes que a racionalidade define e providencia uma forma para o todo. Temos nas Escrituras um bom exemplo disto, quando João esclarece que o verdadeiro teste dos espíritos e dos profetas só pode ser algo dotado de conteúdo e racionalmente fundamentado: "Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a

> Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo".5

> O cristão não é racional ista; ele não tenta partir de si mesmo, de forma autônoma, e elaborar um sistema. Mas ele *é* racional: ele pensa e age partindo do pressuposto de que A é A e A não é não-A. Contudo, ele não fica apenas com a racionalidade, pois em sua resposta ao que Deus disse toda a sua personalidade está envolvida. Até porque, se o controle da verbal ização é perdido, então ele perde seu caminho. Não haveria desta forma nenhum método especial para se testar os espíritos, Os profetas ou a experiência. Tudo isso se torna, portanto, a mera "sombra" grega do andar superior e da nova teologia, à qual nos referiremos antes.

> Por isso, o mais importante de tudo é alcançar o equilíbrio entre o verdadeiramente racional e o envolvimento do homem como um todo, em todos os níveis do seu ser, em decorrência do primeiro princípio. Podemos acrescentar muitas coisas ao racional, mas, se abrirmos mão do racional, tudo estará perdido.
>
> Esclarecer isto será de grande ajuda, se retomarmos a ilustração anterior do livro rasgado. É a razão do homem que está envolvida no reconhecimento de que a comunicação corresponde à verdade das coisas; mas, então, é o homem por inteiro que se rejubila em descobrir a resposta que faltava e a leitura dos fragmentos agora *completos.* Estas peças combinadas dão acesso ao conhecimento do Deus pessoal infinito que existe e mostram como a comunicação com ele pode ser restaurada. A razão deu início ao processo e, daí para frente, o homem por inteiro foi envolvido no processo.

Há alguns anos, eu estava em um grupo de discussão em Detroit. Havia ali um pastor negro de mais idade. Nós discutimos vários problemas intelectuais e culturais e as soluções oferecidas pelo Cristianismo. Podemos dizer que aquela discussão foi muito mais "intelectual" do que religiosa. Ao despedir-se, o pastor negro estendeu-me a sua mão e agradeceu-me. Se ele tivesse dito "Obrigado, por me ajudar a defender melhor o meu povo" ou "Agradeço-lhe por ajudar-me a ser um melhor evangelista" eu teria ficado muito contente com o fato de que eu disse algo útil, e neste caso, possivelmente eu não teria mais pensado no assunto. Mas o que ele disse, na realidade, foi "obrigado por ter-me aberto estas portas; agora eu posso servir melhor a Deus". Eu nunca me esquecerei disso, porque ele foi um homem que realmente entendeu. Se esta não for a nossa primeira atitude, e se não for esta a atitude também daqueles a quem estamos tentando ajudar, podemos ter certeza de que cometemos algum equívoco, em algum lugar.

Seção Quatro

FALANDO DO CRISTIANISMO HISTÓRICO AO SÉCULO 20

DESCOBRINDO O PONTO DE TENSÃO

A comunicação com o próximo

Comunicação significa que uma idéia passou da minha cabeça para os meus lábios (ou dedos – na maioria das artes), e alcançou a mente de outra pessoa. *Comunicação adequada* significa que aquilo que alcançou a mente do receptor é substancialmente idêntico ao que saiu da minha. Isto não significa que o conteúdo será exatamente o mesmo, mas que ele entendeu o ponto essencial daquilo que eu estava querendo lhe transmitir. As palavras que usamos não são apenas uma ferramenta para traduzir idéias que desejamos comunicar; não estamos meramente tentando emitir uma série de sons verbais.

O fato de sermos obrigados a usar palavras para comunicar idéias implica o surgimento de muitos problemas de linguagem. O mais óbvio de todos surge entre os diferentes grupos de linguagem. Se quisermos conversar com alguém, a primeira medida a tomar é aprender a sua linguagem.

Outro problema *é* a questão do tempo. A linguagem muda de significado no decorrer da história; as palavras podem não ter o mesmo significado hoje que elas tinham em outras épocas. As palavras mudam de sentido naturalmente, à medida que o tempo passa, e isso é verdade hoje mais do que nunca, devido à enorme distância que há entre acima e abaixo da Linha do Desespero.

Surge ainda outra barreira lingüística quando tentamos conversar com pessoas de classe social muito diferente da nossa, como por exemplo, com um sem-teto.

Os problemas de linguagem não têm como ser resolvidos automaticamente em nenhum desses casos. Se quisermos nos comunicar, seremos obrigados a nos dar o tempo e ao trabalho de aprender os usos de linguagem dos nossos ouvintes, a fim de que eles entendam precisamente o que queremos transmitir. Isto *é* particularmente difícil para nós cristãos de hoje, porque quando usamos palavras como *Deus* ou *culpa,* num sentido estrito e bem definido, e não como palavras conotativas, constatamos que os conceitos destas palavras encontram-se universalmente alterados. E, em casos como este, ou tentamos encontrar uma palavra sinônima, sem nenhuma falsa conotação, ou então teremos que definir a

palavra em toda a sua extensão, sempre que a usamos, para garantir que nosso ouvinte entenda da forma mais completa possível aquilo que estamos transmitindo. Neste último caso, já não estamos usando a palavra como um termo técnico, no sentido de que assumimos uma definição comum.

Eu sugiro que, se a palavra (ou frase) que estamos habituados a usar já não é mais que um chavão evangélico ortodoxo que se tornou um termo técnico entre os cristãos, devemos evitá-la sempre que sairmos do círculo mais estreito para conversar com as pessoas ao nosso redor. Se, por outro lado, a palavra é indispensável, como a palavra *Deus,* então deveríamos elucidá-la o quanto for preciso para nos tornarmos claros. Termos técnicos, utilizados sem explicação suficiente, podem impedir que os de fora realmente dêem ouvidos à mensagem cristã, e que nós mesmos, dentro das nossas igrejas e missões, acabemos nos tornando um grupo de linguagem isolado e introvertido.

> Quando nos voltamos para analisar em maiores detalhes como podemos falar às pessoas do século 20, devemos enfatizar, antes de tudo, que não existem regras mecânicas. Dentre todas as pessoas, deveríamos nos dar conta disso, pois, corno cristãos, acreditamos que a personalidade de fato existe e *é* muito importante. Podemos estabelecer certos princípios gerais, mas não pode haver aplicação automática. Se formos seres realmente dotados de personalidade, enquanto criaturas de Deus, então cada indivíduo será distinto de todo o resto do mundo. Por isso, é preciso lidar com cada pessoa corno indivíduo e não como caso, estatística ou máquina. Se fôssemos trabalhar com estas pessoas, não poderíamos aplicar os assuntos tratados neste livro de forma mecânica. Não podemos deixar de apelar sempre para o Senhor em oração, e para a ajuda do Espírito Santo, para que tudo isso seja aplicado de forma efetiva.

Além do mais, devemos lembrar que a pessoa a quem estamos nos dirigindo, por mais distante da fé cristã que possa estar, será sempre portadora da imagem de Deus. Ela tem um grande valor e a nossa comunicação com ela deve ser pautada por

amor genuíno. Amor não é algo fácil; não se trata meramente de uma necessidade emocional, mas de urna tentativa de mudar de postura e colocar-se no lugar do outro; ver seus problemas como ele os vê. Amar é ter pelo outro a mesma preocupação genuína que temos "conosco mesmos". É por aí que devemos começar. Portanto, engajar-se em seu "testemunho" pessoal, como um dever ou devido à pressão social exercida pelo círculo cristão sobre si, é passar longe deste ponto, deste alvo. O motivo para fazermos é o fato de que a pessoa diante de nós é um portador da imagem de Deus, e é um indivíduo único neste mundo. Este tipo de comunicação não é fácil. Entender e falar a esses sinceros porém totalmente desnorteados integrantes do século 20, é custoso. É desgastante; vai nos deixar suscetíveis a todas as ten tações e pressões. Amor genuíno, em última análise, significa disposição para colocar-se totalmente à mercê da pessoa com quem estamos falando.

A pessoa que está diante de nós é da nossa própria espécie. A Bíblia ensina que há duas humanidades; de outro ponto de vista, há urna só humanidade. Há duas humanidades, no sentido de que há aqueles que continuam se rebelando contra Deus, enquanto outros voltaram para Deus, por meio de Jesus Cristo. Mas isso não deve nos deixar insensíveis para o fato de que Deus "de um só fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra".' Isto não significa apenas que a raça biologicamente humana é uma só, no sentido de que sejamos capazes de nos reproduzir, mas que somos todos descendentes de Adão, o nosso ancestral comum. Assim, do ponto de vista emocional, da mesma forma como do intelectual, é preciso encarar o ser humano à nossa frente como *nosso semelhante.* Este ser é a nossa contraparte: ele está perdido, mas nós estivemos da mesma forma. Somos uma carne, um sangue, uma espécie.

Finalmente, à medida que consideramos como devemos nos comunicar com o homem, devemos ter em mente que estamos nos referindo a ele, enquanto unidade. Não estamos apenas lidando com uma só parte dele, chamada de "alma", num esforço por levá-la aos céus. Estamos conscientes de que a Bíblia ensina a unidade da personalidade. Assim, à medida que tentamos nos comunicar com essa totalidade, isso deve refletir-se na nossa postura, tanto quanto naquilo qúe falamos.

Conclusões lógicas

Podemos olhar agora para alguns princípios básicos, para nortear a nossa comunicação com o homem do século 20.

Lembremo-nos de que cada pessoa com a qual conversamos, seja a balconista da loja, seja o estudante universitário, de for ma consciente ou não, tem um certo conjunto de pressupostos. O ponto que se encontra no esquema abaixo representa os pressupostos de uma pessoa não-cristã, enquanto que a flecha representa a conclusão lógica das pressuposições não-cristãs.

UM HOMEM COM SUAS	A CONCLUSÃO LÓGICA
PRESSUPOSIÇÕES •	DE SUAS PRESSUPOSIÇÕES
NÃO-CRISTÃS	NÃO-CRISTÃS

Se um homem fosse completamente lógico com seus pressupostos, acabaria chegando à coluna da direita. Se ele chegasse àquele lado em seu pensar e em seu viver, ele seria coerente com suas posições.

Mas, na realidade, nenhum não-cristão pode ser consistente com a lógica dos seus pressupostos. A razão para isso é simplesmente que um homem precisa viver inserido na realidade e a realidade consiste de duas partes: o mundo externo e a sua forma, e a "hombridade" do homem, incluindo sua própria "hombridade". Não importa em que uma pessoa acredite, isso não mudará em nada a realidade das coisas como são. Já que o Cristianismo é a verdade do que aí está, negá-lo tomando por base outro sistema qualquer de pensamento significaria alienar-se do mundo real.

O MUNDO REAL -	A CONCLUSÃO LÓGICA
O MUNDO EXTERNO <=	=> DAS PRESSUPOSIÇÕES

Portanto, todo ser humano, independente de seu sistema, é pego nisto. À medida que vai tentando ampliar a sua posição de modo lógico para então viver de acordo, ele é pego nos dois campos, que, por assim dizer, lhe dão um tapa no rosto. Sem indicar se sua psicologia e filosofia são corretas, é preciso reco nhecer que Carl Gustav Jung observou acertadamente que há duas coisas que vão além de toda vontade humana – o mundo externo, na sua estrutura total e as coisas que surgem do homem. Os pressupostos não-cristãos simplesmente não se encaixam naquilo que Deus criou, incluindo o próprio homem. E, se isso for verdade, todo ser humano encontra-se sob tensão. Nenhum homem *é* capaz de construir o seu próprio universo e viver de forma coerente com ele.

A Bíblia leva este ponto um passo mais adiante, quando diz que, mesmo no inferno, um ser humano não seria capaz de ser coerente com os pressupostos não-cristãos: "se fizer no inferno a minha cama, eis que tu (Deus) ali estás também".[2] O homem estará separado da comunhão com Deus no inferno, mas ninguém será capaz de transformar o inferno com o intuito de criar o seu próprio universo numa área limitada. Mesmo lá, o homem continuará inserido no universo de Deus. Portanto, ninguém consegue ser coerente com suas pressuposições não-cristãs, nem mesmo no inferno.

O mesmo acontece na vida presente. É impossível para qualquer indivíduo ou grupo não-cristão ser consistente com o seu sistema de pensamento em sua lógica ou prática. Assim, sempre que encaramos o homem do século 20, não importa se um homem brilhante ou a pessoa mais simples e comum do mundo, um acadêmico universitário ou um marinheiro, estaremos sempre diante de uma pessoa sob tensão; e esta tensão trabalhará a nosso favor, na medida em que estiver-mos conversando com ela. Se eu não soubesse disso, pela Palavra de Deus e pela experiência pessoal, eu não teria a coragem de me intrometer nos meios em que me intrometo. Um homem pode até tentar esconder esta tensão e você pode ter que tentar ajudá-lo a identificá-la, mas, em algum lugar, haverá sempre um aspecto incoerente. Ele terá se colocado numa posição que não poderá manter até o fim; e não estamos falando apenas de um conceito intelectual de tensão, mas do que está envolvido no que ele é como ser humano.

Ferido por duas consistências

A apologética cristã não começa em algum lugar além das

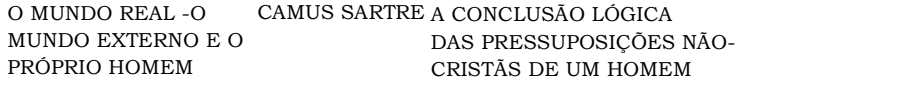
estrelas. Ela parte do homem e do que ele sabe acerca de si mesmo. Quando alguém está perdido, ele o estará em relação a tudo o que existe a seu redor, incluindo o seu próprio ser. Por isso, quando ele se coloca diante de Deus para ser julgado, para mostrar-lhe o quanto tem sido equivocada a sua visão das coisas, só precisará se referir àquilo que ele, como indivíduo, sabe a respeito do mundo externo e de sua "hombridade". No que diz respeito à moral, bastará julgá-lo de acordo com os padrões por ele mesmo colocados para condenar os outros, pois, como Paulo esclarece, o homem tem o péssimo hábito de quebrar deliberadamente os seus próprios padrões.'

Desta forma, a pessoa à sua frente não se encontra no vácuo. Ela conhece algo acerca do mundo externo, e algo de si mesma.

Cada pessoa se encontra em algum lugar da linha entre o mundo real e as conclusões lógicas dos seus pressupostos não-cristãos. Cada pessoa sente a pressão de ambas as consistências, o impulso em direção ao mundo real e o impulso em direção à lógica do seu sistema. É possível até deixar o pêndulo balançar de um extremo para o outro, mas não é possível sustentar as duas posições ao mesmo tempo. Estará vivendo mais próxima de um extremo ou do outro, dependendo da força momentânea do impulso. Ter que decidir entre uma realidade ou outra é urna verdadeira desgraça para o homem. *Quanto mais lógico alguém que mantém um posicionamento não-cristão é em relação aos seus próprios pressupostos, mais distante ele se está do seu mundo real; e quanto mais próximo se encontrar do mundo real, menos lógico é em relação aos seus pressupostos.*

As tensões são sentidas em intensidades diferentes

Dissemos que todas as pessoas, não importando qual o seu nível de inteligência ou falta de inteligência, encontram-se em algum ponto ao longo da linha que leva às conclusões coerentes com seu próprio posicionamento. Algumas pessoas estão dispostas até a levar o mundo real mais a sério do que outras, em uma tentativa de serem mais lógicas quanto aos seus próprios pressupostos. A postura dos existencialistas franceses Camus e Sartre poderia ser representada da seguinte forma:



Sartre dizia que Camus não estava sendo suficientemente

coerente com os pressupostos de ambos. A razão para isto foi o fato de que Camus jamais abriu mão da "esperança", centrada em uma felicidade pessoal aleatória, embora ela fosse contra a lógica de sua posição. Ou, como foi declarado quando Camus recebeu o Prêmio Nobel, porque ele nunca desistiu de buscar a moral, por mais que o mundo parecesse ser desprovido de sentido. Estas são as razões por que, dos dois, Camus era o mais amado no mundo intelectual. Ele nunca foi capaz de entender o mundo real, como observamos no seu livro A peste, mas ele esteve mais perto disso do que Sartre.

Sartre estava certo em dizer que Camus era ilógico em suas suposições; mas, como vimos anteriormente, ele também não conseguia ser coerente com isso. Quando assinou o Manifesto da Argélia, assumindo uma postura segundo a qual a moral parece ter sentido real, ele também não estava sendo coerente com os seus pressupostos. Sartre, portanto, também se encontrava sob tensão.

Cada pessoa pode ir para cima ou para baixo da linha, em diferentes fases da sua vida, de acordo com as suas circunstâncias, mas a maioria das pessoas acaba se estabilizando mais ou menos no mesmo ponto. Todo não-cristão, não importando se está dormindo debaixo da ponte ou se é burguês, encontrar-se-á sempre em algum ponto ao longo da linha.

O MUNDO REAL -	A CONCLUSÃO LÓGICA
O MUNDO EXTERNO	DAS PRESSUPOSIÇÕES
E O PRÓPRIO HOMEM	NÃO-CRISTÃS DE UM HOMEM

Isso não é uma abstração, pois cada uma dessas pessoas foi criada à imagem de Deus, e se encontra, assim, sob tensão, porque alguma coisa no seu interior lhe fala do mundo real. Homens de diferentes culturas têm diferentes padrões de moral, mas não há ninguém que não tenha nenhum senso de moral. É só acompanharmos uma moça qualquer de hoje no seu dia-adia. Ela pode parecer totalmente amoral. Mas, se você fosse conhecê-la mais a fundo, descobriria logo que ela acaba sentindo o ímpeto da moral em algum momento. O amor pode expressar-se de diferentes maneiras, mas o fato é que todos os seres humanos já sentiram algum tipo de impulso amoroso. O indivíduo sentirá esta tensão de diferentes maneiras – para alguns, será a beleza; para outros, o sentido da vida; para outros, ainda, a racionalidade ou então o medo do vazio da não-existência.

O homem de hoje busca fugir desta tensão, dizendo que não é mais do que uma máquina. Mas, se ele não passasse de uma máquina, certamente teria dificuldade em continuar seguindo, passo a passo, pela linha até a conclusão lógica das suas pressuposições não-cristãs. Acontece que o homem não é uma máquina, mesmo que ele diga que é.

Suponha que um satélite fosse posto em órbita ao redor da Terra com

uma câmara capaz de fotografar toda a superfície do mundo. Se esta informação fosse então alimentada em um com putador gigante, que não necessitasse de programação, poderia concluir que todos Os comportamentos são mecânicos. Acontece que o observador final nunca será um computador, e sim um indivíduo humano. Sempre há alguém no ambiente, que não permite que tudo seja visto como máquina; sou eu mesmo, o observador, porque eu conheço-me a mim mesmo.

Os cristãos devem ser cuidadosos neste ponto. Por mais que a Bíblia diga que os homens estão perdidos, ela não diz que eles são *nada.* Se alguém diz a seu próprio respeito que é uma máquina ou é *nada,* ele se coloca numa posição inferior à perspectiva bíblica do homem caído.

Por isso, o primeiro desafio a ser considerado na nossa apologética para o homem moderno, não importando se estamos lidando com um peão de fábrica ou um pesquisador, é encontrar o ponto de tensão. Isso nem sempre será empreitada fácil. Muitas pessoas nunca se deram conta do seu próprio ponto de tensão. Desde a queda o homem encontra-se separado de si mesmo. O ser humano é complexo e tenta enterrar-se dentro de si mesmo. Sempre levará certo tempo e implicará custos fazer a pessoa com quem estamos falando descobrir o que muitas vezes ela ainda não descobriu por si mesma. No fundo, o homem acha mais fácil mentir para si mesmo. Olhando para a obra do Espírito Santo, contudo, devemos, com todo o amor, tocar no fundo daquela pessoa, e tentar descobrir onde se encontra o seu ponto de tensão.

Capítulo 2

DO PONTO DE TENSÃO ATÉ O EVANGELHO

Por que existe um lugar para conversar'

Se a pessoa diante de você fosse lógica com as suas pressuposições não-cristãs, você não teria nenhum ponto de comunicação com ela. Seria impossível ter comunicação se ela fosse coerente. Mas, na realidade, ninguém é capaz de conviver de forma coerente com os pressupostos não-cristãos e, conseqüentemente, por ser confrontado com o mundo real e consigo mesmo, *na prática* sempre será possível encontrar algum meio para conversar. Ninguém poderia manter-se onde está, suspenso entre o mundo real e as conclusões lógicas das suas pressuposições. Vamos ilustrar isto: é ilógico para John Cage colher cogumelos como ele faz, em um universo que para ele, é intrinsecamente do acaso; mas ele, ilogicamente continua colhendo-os do mesmo jeito. Assim, é possível dar início a uma conversa com ele, sobre a inadequação do seu sistema, confrontando a sua música caótica com a sua relação com os cogumelos.

Na *prática,* então, temos um ponto de diálogo, mas este ponto não deve ser visto como propriamente "neutro". Não há fatos "neutros", pois os fatos são os fatos de Deus. Contudo, há um

terreno comum entre cristãos e não-cristãos pois, não importa qual o sistema de pensamento adotado, o fato é que ele terá que viver neste mundo de Deus. Se ele fosse coerente com os seus pressupostos não-cristãos, ele se encontraria separado do universo real e do homem real e não seria possível, nem a comunicação, nem a conversação.2

Desta forma, não me parece que uma apologética pautada por tais pressupostos devesse ser vista como algo que põe fim ao nosso diálogo com as pessoas à nossa volta. Por outro lado, se tentarmos trabalhar abaixo da Linha do Desespero, sem urna noção clara e definida da apologética dos pressupostos, isto significa simplesmente destruir a possibilidade de prestarmos socorro às pessoas do século 20. É inútil conversar com alguém hoje em dia, sem levar em conta os pressupostos referentes à natureza da verdade e ao método de obtenção desta verdade.

Ataque e defesa

Depois que tivermos, da melhor forma que pudermos, descoberto o ponto de tensão de urna pessoa, o próximo passo será o de forçá-la a levar os seus pressupostos até à sua conclusão lógica.

O MUNDO REAL - O MUNDO EXTERNO E O PRÓPRIO HOMEM	A CONCLUSÃO LÓGICA DAS PRESSUPOSIÇÕES NÃO-CRISTÃS DE UM HOMEM

Nós não devemos tentar demover as pessoas das conclusões lógicas a que o seu posicionamento as levou, mas, ao contrário, devemos impeli-las na direção da flecha. O que precisamos fazer é empurrá-las na direção natural a que os seus pressupostos os levam. E, assim, nós as estaremos empurrando em direção ao ponto em que acabariam por chegar, se elas não tivessem parado logo.

À medida que busco proceder assim, preciso me lembrar constantemente de que não é um jogo que estou jogando. Se eu começo a gostar da coisa, corno uma espécie de exercício intelectual, então sou cruel e não devo esperar obter resultado espiritual verdadeiro algum. À medida que empurro alguém para fora de seu falso equilíbrio, ele deve sentir que me importo com ele. Do contrário, acabarei por destruí-lo, e toda esta crueldade e terror acabará por me destruir igualmente. Ser meramente abstrato e frio mostra que não estou acreditando de fato que esta pessoa foi criada à imagem de Deus e que, portanto, ela seja um ser da minha espécie. Empurrá-la em direção às conseqüências lógicas dos seus pressupostos significa infringir-lhe dor; por isso, eu não devo pressioná-la mais do que o preciso.

Se a percebemos disposta a aceitar a Cristo como seu Salvador, então já não deveríamos falar de pressupostos, mas falar-lhe acerca das Boas Novas. Todo o propósito do nosso diálogo com a geração do século 20, da forma corno o esboçamos até aqui, não é fazê-la admitir que estamos certos, por motivos pessoais ou por alguma questão de superioridade, nem de esfregar o seu nariz na sujeira, mas de fazê-la reconhecer a sua necessidade, de modo que passe a dar ouvidos ao Evangelho. Assim que a pessoa à nossa frente mostrar-se pronta para ouvir o Evangelho, já não devemos mais pressioná-la – é horrível ser lançado no vazio, contra o testemunho do mundo externo e o nosso próprio testemunho.

Se quisermos preparar-nos para falar às pessoas acerca da solução de Deus para as suas necessidades, devemos garantir que estas pessoas entendam que estamos falando sobre a *verdade* real e não sobre algo vagamente religioso, que parece ser psicologicamente condicionado. Devemos ter certeza de que ele entendeu que estamos falando da *culpa* real que temos diante de Deus, e que não estamos oferecendo a ele mero alívio dos seus sentimentos de culpa. Devemos ter certeza de que ele está entendendo que estamos falando de algo *histórico,* e que a morte de Jesus não representou mais um ideal ou um símbolo somente, mas um fato que se deu no tempo e no espaço. E, se acaso estivermos falando com alguém que não tem noção do que se entende por "história espaço-temporal", poderíamos indagar: "Você acredita que Jesus morreu de tal forma que, se você tivesse estado lá naquele dia, poderia ter esfregado o seu dedo na cruz e levar uma farpa no dedo?" *Enquanto ele não entender estes três pontos em profundidade, não estará absolutamente pronto para tornar-se um cristão.*

Empurre-o às últimas conclusões lógicas dos seus pressupostos, dentro do âmbito do seu verdadeiro interesse próprio. Se ele se interessa pela ciência, nós o estaremos empurrando do ponto de tensão até às conclusões lógicas dos seus pressupostos. Se for pela arte, devemos conduzi-lo de forma amena, mas firme, do ponto de tensão até as últimas conseqüências das suas pressuposições. Em todos os casos, é preciso que lhe permitamos levantar toda e qualquer pergunta que quiser ao longo de toda a conversação. Não se pode dizer, por um lado, que acreditamos na unidade da verdade para depois, por outro lado, de repente, fugir da conclusão da discussão, e dizer que acredite em autoridade cega. Ele tem o direito de fazer perguntas. É evidentemente verdade que nem todos os cristãos procedem desta forma com todos as pessoas modernas, e, ainda assim, conseguem trazê-las para Cristo. Devemos dar graças a Deus por cada pessoa que é salva. Mas fugir dizendo ou implicitamente mandando que a pessoa "se cale,

limitando-se a acreditar" poderá, mais tarde, levar ao enfraquecimento espiritual, mesmo que ela se converta ao Cristianismo, pois restarão aí questões cruciais sem qualquer resposta. Por isso, no meio de nossas tentativas de apresentar nosso lado, também devemos estar dispostos a ser massacrados com respostas à altura. E será mais importante, quanto mais o nosso interlocutor for um autêntico integrante do século 20, se você pretende vê-lo tornar-se um cristão, que você aceite os golpes das perguntas, em nome de Jesus Cristo, e em nome da verdade. Por outro lado, é preciso manter a pressão da nossa parte, para que *ele* também responda a certas questões. À medida que gastamos tempo para entender o mundo moderno em que vivemos e, mais particularmente, na perspectiva da Bíblia, acabaremos descobrindo mais e mais respostas. É preciso que saibamos responder à pergunta: "Será o Cristianismo verdadeiro?" a nós mesmos. Precisamos ser verdadeiros homens das Escrituras, para que possamos conhecer o conteúdo do sistema bíblico. A cada dia de nossas vidas deveríamos estar estudando as Escrituras para garantir que o que estamos apresentando é verdadeiramente o posicionamento cristão, e que aquilo que estamos apresentando seja algo plausível nos nossos dias.

Arrancando o teto

Poderíamos pensar sobre este assunto de uma forma um pouco diferente. Todo ser humano mantém um teto sobre a sua cabeça para proteger-se contra o seu ponto de tensão:

O MUNDO REAL -	A CONCLUSÃO LÓGICA DAS
O MUNDO EXTERNO	PRESSUPOSIÇÕES
E O PRÓPRIO HOMEM	NÃO-CRISTÃS DE UM HOMEM

No ponto de tensão, a pessoa não está numa posição muito coerente com o seu sistema de pensamento, e o teto é uma *proteção contra os golpes do mundo real,* tanto interno quanto externo. Ele funciona como aquelas enormes rampas, construídas nas encostas das montanhas, para proteger os veículos contra os deslizamentos de terra e pedras que, de quando em quando, precipitam-se montanha abaixo. A avalanche, no caso dos não-cristãos, representa o mundo real e anormal, caído, que o rodeia. O dever do cristão é de amorosamente remover este teto, permitindo à verdade do mundo externo e do que o homem é precipitar-se sobre ele. Quando se remove o teto, as pessoas ficam expostas e ficam feridas sob o peso da verdade das coisas que existem.

A verdade que deixamos entrar em primeiro lugar não são as afirmações dogmáticas da verdade das Escrituras, mas a verdade do mundo

externo e a verdade do que o homem é em si. É isso que mostra suas necessidades reais. As Escrituras revelam a verdadeira natureza do nosso estado de perdição e a resposta para isso. Esta, estou convencido, é a ordem correta de se proceder na apologética da segunda metade do século 20, destinada às pessoas que vivem abaixo da Linha do Desespero.

O MUNDO REAL
() MUNDO EXTERNO
E O PRÓPRIO HOMEM

A CONCLUSÃO LÓGICA DAS
PRESSUPOSIÇÕES
NÃO-CRISTÃS DE UM HOMEM

É desagradável ser soterrado por uma avalanche, mas temos que permitir que as pessoas passem por esta experiência, para que possam perceber que seu sistema não tem resposta alguma às questões mais importantes da vida. Eles precisam descobrir que o seu teto é uma falsa proteção contra a avalanche da realidade em que vivemos; e, então, estaremos em condições de lhes falar acerca da tempestade do julgamento de Deus.

Remover o teto não é alguma espécie de exercício opcional. É algo estritamente bíblico em sua ênfase. De acordo com o pensamento do homem do século 20, é absurdo o conceito de julgamento e de inferno e, por isso, insistir neste ponto seria corno papaguear em urna língua que não atinge ninguém. O inferno ou qualquer outro conceito semelhante a este é inconcebível para o homem moderno, porque ele passou por uma lavagem cerebral que o fez aceitar a monolítica fé consensual que é predominante do naturalismo. Nós do Ocidente podemos não ter passado pela lavagem cerebral da parte do nosso Governo, mas passamos pela lavagem cerebral da nossa cultura. Mesmo os radicais modernos são radicais somente em um círculo muito limitado.

Antes da sua passagem para baixo da Linha do Desespero, a grande maioria dos homens já sabia que era culpada, mas raramente passava por sua cabeça que também já estavam mortos. Em contrapartida, *é* raro o homem moderno considerar-se culpado, por mais que ele freqüentemente admita que está morto. A Bíblia diz que as duas coisas são verdade. O homem que se rebela contra o Deus que existe é culpado e já se encontra debaixo da ira de Deus. Porque ele é culpado, está separado do seu único e verdadeiro ponto de referência e, por isso, ele também está morto. A Bíblia não diz que o homem se perderá, mas que ele já *está* perdido. De acordo com os ensinamentos da Bíblia, o abismo não se abre na morte, mas no ponto de convergência, quando o indivíduo passa da morte para a vida. Eis aí o ponto de tensão pessoal de cada um; mas o homem já estava

realmente morto antes disso.

Devemos começar a lidar como o "homem moderno" entende, falando das coisas que ele é capaz de entender. Muitas vezes ele entende o ponto horrível da falta de sentido. Muitas vezes ele reconhece a tensão entre o mundo real e a lógica das suas pressuposições. Muitas vezes ele avalia o horror de estar morto, e ainda assim vivo. A Palavra de Deus é surpreendentemente clara nos seus ensinamentos de que existem dois aspectos da perdição: o presente e o futuro. *Quando eu aceito a Cristo como meu Salvada; passo da morte para a vida, portanto eu estava evidentemente morto antes disso.* Por isso, quando o homem moderno sente-se morto, estará vivendo na pele o que a Palavra de Deus diz a seu respeito. Ele nunca estará em condições de definir este estado de morte por si mesmo, pois ele não sabe bem o que esta morte é – e muito menos conhece solução para ela. Em todos os casos, está perfeitamente consciente de uma coisa: que está morto. Nossa tarefa é a de contar a ele que a morte presente, de que ele tem consciência, é uma morte moral, e não apenas um estado de perdição metafísica, e então lhe apresentar a solução de Deus. Mas nós partimos da perdição presente com o qual está se confrontando. Isso não significa absolutamente que acrescentamos alguma novidade ao Evangelho; mas que aplicamos na prática a verdade da Palavra de Deus, que diz, no fundo, que o homem rebelde contra Deus não tem sentido na vida e que está morto.

É isso que queremos dizer com "arrancar o teto". Mas não podemos pensar que isto *é* fácil. A coisa mais difícil de todas é que, depois que expomos o homem moderno ao seu ponto de tensão, ele pode continuar não estando disposto a enfrentar a solução verdadeira. Conseqüentemente, poderemos parecer estar deixando-o em estado pior do que o encontramos antes. Mas é precisamente isso o que acontecia com os evangelistas do passado. Sempre que o evangelista pregava acerca da realidade do Inferno, as pessoas que não se dispunham a acreditar sentiam-se ainda mais miseráveis depois de ouvir a sua pregação do que se eles nunca tivessem ouvido falar nisso. E no nosso caso dá-se o mesmo. Confrontamos as pessoas com a realidade; removemos seus mecanismos de defesa e de escape; permitimos que elas sejam soterradas pelo deslizamento. Se elas, mesmo assim, não se tornam cristãs, então de fato ficarão numa situação pior do que antes de conversarmos com elas.

Capítulo 3

APLICANDO O EVANGELHO

Como ousamos fazê-lo?

> Como ousamos tratar as pessoas desse jeito? Uma única razão – o Cristianismo é verdadeiro. Se nós *não* estamos trabalhando na área em que isso é absolutamente verdade, este tipo de evangelismo é de uma crueldade sem par. Mas, se isso é verdade, se é verdade que esta pessoa diante de mim está separada de Deus e perdida agora e pela eternidade, então, mesmo que haja casos individuais de pessoas que não aceitem a Cristo e fiquem em piores condições do que de início, ainda assim tenho que ter a coragem de falar com ela. Se existe uma tese, tem de haver uma antítese. Se há algo aí que é verdadeira verdade, há também o que é falso. Se existe uma verdadeira salvação cristã (em contraste com o conceito da salvação, na nova teologia), existe também a perdição.

Quando, há alguns anos, eu comecei a me aproximar assim das pessoas, minha esposa levantou a seguinte questão: "Você não tem medo que alguém cometa suicídio algum dia?". Depois disso, tivemos o caso de uma garota que tentou fazer isso; felizmente, ela não morreu e, mais tarde, fez a sua profissão de fé. Mas, mesmo que ela tivesse se matado, depois de andar nas montanhas e chorar diante de Deus, eu faria tudo de novo com a primeira pessoa que viesse.

Não podemos fazer isto até que tenhamos encarado a questão de se o sistema judaico-cristão é verdadeiro, no sentido a que nos referíamos aqui. Quando tivermos certeza disso para nós mesmos, então, se amamos as pessoas, ternos de ter a coragem de tirar o teto sobre a vida dessas pessoas, e expô-las ao colapso de todas as suas defesas. Nós mesmos, ao encarar estas pessoas, temos que ser íntegros o bastante para continuar abertos para as questões: *Deus existe? O conteúdo do sistema judaico-cristão é verdadeiro?*

Quanto mais compreensivos formos quando arrancamos o teto, pior o homem se sentirá, se rejeitar a resposta cristã. Em um mundo caído, temos que estar dispostos a encarar o fato de que, não importa com quanto amor nós estamos pregando o Evangelho, se um homem o rejeita, ele será miserável. Está escuro lá fora. Acredito que uma razão pela qual estou habilitado a conversar com este tipo de pessoa do século 20, é porque eu tenho noção do quão escuro pode estar lá fora. É preciso que as pessoas saibam que estamos encarando com toda integridade a realidade do caminho escuro que eles estão percorrendo.

Certa vez, na universidade de Cambridge, um pós-graduando disse-me diante do grupo todo reunido naquele quarto: "Sr. Schaeffer, ouvi sua palestra no ano passado.

Desde então venho preparando um texto que gostaria de ler para o senhor. Eu ouso lê-lo porque penso que entenderá tudo muito bem. Sr. Schaeffer, estou no horror da grande escuridão." Não há romantismo em alguém levar um homem na direção da honestidade. Com base em seu sistema de pensamento, você o estará empurrando cada vez mais em direção ao que não só é totalmente contrário a Deus, mas também ele mesmo. Você o estará pressionando para fora do universo real. É claro que isso dói, é claro que a escuri dão predomina quando uma pessoa chega, para ser consistente com os seus pressupostos não-cristãos, ao ponto em que se vê obrigada a negar o que está aí nesta vida, da mesma forma como na próxima.

Muitas vezes leva mais tempo para empurrá-lo em direção à conclusão lógica do seu posicionamento do que leva para apresentar a resposta mais tarde. Lutero falava da Lei e do Evangelho; e a lei, a necessidade, sempre precisa ser esclarecido, antes de qualquer coisa. Então podemos dar urna resposta cristã, pois ele já sabe que tem necessidade de algo mais; e nós podemos dizer-lhe o que esse seu estado de morte significa, e qual é a solução na estrutura total da verdade. Mas, se não nos dermos tempo suficiente para arrancar o teto, o homem do século 20 jamais conseguirá compreender o que estamos tentando comunicar, nem a causa da sua morte, nem a solução. Nunca devemos nos esquecer de que a primeira parte do Evangelho não diz "Aceite a Cristo como o seu Salvador", mas "Deus existe". Somente aí estaremos prontos para ouvir a solução de Deus para o dilema *moral* do homem, por meio da obra substitutiva de Cristo na história.

Quando chegamos com uma pessoa a este ponto, descobrimos que por mais complicado que seja o homem abaixo da Linha do Desespero, por mais sofisticado, refinado ou dotado de cultura que ele seja, quando reconhece a sua necessidade, as boas novas serão as mesmas como sempre foram. O mais maravilhoso é que, neste ponto, não só pode-se dar as mesmas idéias, mas até as mesmas palavras podem ser usadas para todos.

> Recordo-me de uma ocasião em que, há alguns anos, duas pessoas professaram sua fé em Cristo no mesmo dia. Um era um médico extremamente inteligente e outro, um camponês suíço muito simples. Nas conversas que mantive com eles anteriormente, o camponês teria entendido muito pouco do que eu disse ao médico. Contudo, naquele dia, quando ambos haviam entendido a sua necessidade, fui falar com um e depois com outro e não somente pude falar do mesmo conteúdo, mas usei exatamente as mesmas palavras ao lhes falar da resposta às suas necessidades. Não precisamos usar termos complicados, depois que a pessoa, simples ou inteligente, entende a sua necessidade; as mesmas idéias e até mesmo as mesmas palavras são tudo que é preciso.
>
> O problema que nos confronta ao abordar o homem moderno de hoje não é adaptar os ensinamentos cristãos a fim de torná-los mais digeríveis, pois fazê-lo significaria jogar fora toda a chance de oferecer uma solução real para o homem em desespero. Ao contrário, o problema está mais precisamente em como comunicar o

Evangelho, de modo que possa ser verdadeiramente compreendido.

A fé no sentido bíblico

Em primeiro lugar, a fé cristã leva à realidade da existência de Deus, o fato de ele existir.' Então, leva à aceitação de que o dilema humano *é* moral, e não metafísico. Cada pessoa terá que encarar estas duas coisas em seu próprio nível como sendo a grande questão.

O carcereiro de Filipos perguntou a Paulo e a Silas: "O que preciso fazer para ser salvo?" A passagem que segue diz: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e a tua casa. E lhe pregaram a palavra de Deus; e a todos os de sua casa."'

O que Paulo e Silas disseram em resposta à questão não caiu no vazio. Pelo terremoto e a forma marcante como Paulo e Silas se comportaram na prisão, o carcereiro tinha razões para conscientizar-se da existência de um Deus pessoal – alguém que age na história, responde às orações e torna real a vida do homem. Mas não foi só isso. A cidade toda estava em alvoroço, por causa das coisas que Paulo e Silas estavam dizendo e fazendo *antes* de terem ido para a prisão. Finalmente, pela exatidão da pergunta do carcereiro e do que sabemos de outra fonte acerca do estilo de pregação de Paulo, tudo leva a crer que o carcereiro já tivesse ouvido a mensagem cristã do próprio Paulo.

Depois de o carcereiro tê-los levado para a sua casa, lemos que Paulo e Silas falaram mais do Senhor a ele e a sua casa. Somente depois disso – e tudo leva a crer que não foi uma conversa de poucos minutos – todos eles creram.

A fé cristã verdadeira funda-se em conteúdo. Não se trata de algo vago, que pretende substituir uma compreensão real, nem tampouco é a força da fé que é valiosa. *O verdadeiro fundamento da fé não se encontra na fé por si mesma, mas na obra completada por Cristo na cruz.* Minhas crenças não são a base de eu ter sido salvo – mas o é a obra de Cristo completada na cruz. A fé cristã está voltada para fora, para uma pessoa que existe objetivamente: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo".

Uma vez que a verdade da existência de Deus é conhecida por nós, e nós sabemos que temos uma culpa moral verdadeira diante do Deus sagrado, então, deveríamos ficar satisfeitos em conhecer a solução para o nosso dilema. E a solução vem da parte de Deus, não da nossa.

Agora, o conteúdo das promessas propostas por Deus começa a se tornar maravilhoso para nós. Paulo e Silas apresentaram urna proposta desse tipo ao carcereiro e, na Bíblia, Deus mesmo apresenta este tipo de proposta de forma mais ampla. Em João 3.36 lemos, por exemplo, "... quem crê no Filho, tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus". Há uma forte antítese aqui. A segunda parte do versículo fala da perdição presente e futura do homem; a primeira parte do versículo fornece a solução de Deus. O chamado para a fé cristã baseia-se nas promessas e propostas de Deus. Somos desafiados a analisar qual destas coisas é verdadeira, mas, neste caso, estamos nos confrontando com uma escolha – ou acreditamos nele, ou chamamos Deus de mentiroso e vamos embora, sem querer nos curvar a ele.

Quando uma pessoa é confrontada com as promessas de Deus, a fé cristã significa que terá de curvar-se duas vezes: em primeiro lugar, será necessário curvar-se no campo do Ser (metafisicamente) – isto *é,* pelo reconhecimento de que somos criaturas entrando na presença do Criador pessoal infinito que aí está. Em segundo lugar, será necessário curvar-se no campo da moral – isto *é,* admitindo o próprio pecado e, portanto, a culpa moral verdadeira diante do Deus que existe. Se admitirmos a culpa moral verdadeira diante de um Deus infinito, surge o problema de que, enquanto finitos, não temos como remover tal culpa. Assim, o que se faz necessário é uma solução não-humanista. Neste momento, ele é confrontado com a promessa proposicional de Deus "Crê no Senhor Jesus e serás salvo".

O que resta é o sentido de "crê no Senhor Jesus". O que significa crer em Cristo, confiar a sua vida a ele? Sugeriria que há aí quatro questões cruciais. Outros detalhes poderiam ser citados, mas estas são indispensáveis. Não se trata de nenhuma ladainha a ser mecanicamente repetida, e nem sequer é preciso expressá-las nas mesmas palavras, mas cada pessoa precisa chegar a urna conclusão positiva e uma convicção a respeito delas, se vai acreditar no sentido bíblico:

1. Você acredita que Deus existe e que ele é um Deus pessoal, e que Jesus Cristo é Deus – lembrando que nós não estamos falando cia *palavra* ou da *idéia* de deus, mas do Deus infinito pessoal que aí está?
2. Você concorda que é culpado na presença deste Deus –lembrando que não estamos nos referindo a meros sentimentos de culpa, mas à culpa moral verdadeira?
3. Você acredita que Jesus Cristo morreu no espaço e no tempo, na história, na cruz, e que, ao morrer assim, a sua obra substitutiva, o fato de ter sofrido todo

o castigo de Deus, devido ao pecado, foi totalmente suficiente e acabada?

4. Com base nas promessas de Deus e sua comunicação escrita conosco, a Bíblia, você está disposto a confiar a sua vida (ou já confiou) a Cristo como o seu Salvador pessoal – deixando de confiar nas próprias obras que você fez ou fará?

5. Mas, observe com cuidado a promessa de Deus: "quem crê no Filho tem a vida eterna", tem o seu fundamento no fato de que Deus existe; de que Cristo é a segunda pessoa da Trindade, cuja morte tem, portanto, infinito valor; de que eu não tenho a petulância de achar que eu sou capaz de me salvar a mim mesmo, mas que me confio inteiramente à obra acabada de Cristo e às promessas escritas de Deus. Minha fé encontra-se simplesmente nas mãos vazias pelas quais eu aceito o presente gratuito de Deus.

6. Em *The Pilgrim's Progress,* John Bunyan nos ajuda na compreensão disso, expressando nos seguintes termos:

> "Ele [Sr. Esperança] ordenou que eu fosse vê-lo. Então eu disse que isso seria uma presunção. Respondeu ele que não, já que eu havia sido convidado a vir.' Então ele me deu um livro escrito por Jesus, para encorajar-me a comparecer por livre vontade; e sobre o livro, ele me disse que cada letra ali impressa era mais sólida e certa do que os céus e a terra. Então eu o indaguei mais acerca de como eu deveria dirigir-me a ele; e ele disse: `Vá e você o encontrará sentado no trono da graça, onde ele está assentado durante todo o ano para oferecer perdão e misericórdia a todos quanto comparecem'. Eu retruquei que eu não saberia o que dizer, caso comparecesse; e ele recomendou que eu dissesse algo do tipo: 'Tenha misericórdia de mim, pois sou pecador, e ajude-me a conhecer e crer em Jesus Cristo; pois eu reconheço que, se não fosse a sua justiça, ou, se eu não cresse nesta justiça, ficaria totalmente perdido. Senhor, ouvi dizer que o Senhor é um Deus gracioso e que enviou o seu Filho, Jesus Cristo, para salvar o mundo; e mais ainda, que o Senhor está disposto a aplicar a sua salvação a um pobre pecador como eu –pois sou mesmo um pecador. Senhor, peço então que aproveite esta oportunidade e aplique ao máximo a sua graça para salvar a minha alma, através do seu Filho Jesus Cristo'." Bunyan diz que Esperança não entendeu estas palavras de imediato, mas, daí a algum tempo, parece que elas finalmente tiveram eco em sua mente, dizendo: "O que eu pude entender de tudo isso é que eu devo buscar a justiça na pessoa de Jesus e pela compensação dos meus pecados por meio do seu sangue; tudo o que ele fez, foi em obediência à ordem do seu Pai, e quando ele pagou o preço para isso, não foi em benefício de si mesmo, mas de todo aquele que o aceitar como salvador, sendo-lhe grato por isso.'"

É isso que a expressão "crer no Senhor Jesus Cristo" significa. Se alguém acredita nisto tudo, tem a palavra de Deus de ser considerado cristão.'

Evidentemente, o tornar-se cristão representa só o começo, mas estaremos traçando maiores reflexões sobre isso na última parte deste livro.

Depois de alguém se tornar um cristão, há quatro coisas que podem ajudá-lo:

1. Um estudo constante da Bíblia, que é a comunicação de Deus conosco.
2. Permanente oração. Agora que a culpa foi toda removida, não resta mais nenhuma barreira entre nós e Deus e estaremos em condições de conversar livremente com ele. Há dois tipos de oração que nos é necessário praticar: horas reservadas exclusivamente para a oração, e olhar sempre para o Senhor, ao longo dos afazeres do dia.
3. Falar com os outros sobre o Deus que existe e a sua solução para o dilema humano.
4. Freqüentar uma igreja que acredite na Bíblia. Não uma igreja qualquer, mas uma que seja fiel ao conteúdo da Bíblia –não uma que se limita a recitar palavras bonitas, mas uma onde haja vivência da verdade na comunidade e da compaixão com relação aos de dentro e de fora da igreja.

Seção Cinco

A PRÉ-EVANGELIZAÇÃO NÃO É UMA OPÇÃO FÁCIL

Capítulo 1

TESTEMUNHANDO A FÉ CRISTÃ PARA
A NOSSA GERAÇÃO

A defesa da fé

Existem dois propósitos para a apologética. O primeiro deles é a defesa. O segundo é a comunicação do Cristianismo, de forma tal que qualquer geração possa entender.

A defesa é apropriada e necessária, pois, em toda e qualquer geração, o Cristianismo histórico encontrar-se-á sob ataque. *Defender* não significa *estar na defensiva.* Não precisamos ficar envergonhados por usar a palavra *defesa*. Os proponentes de quaisquer posições que queiram apresentá-las à sua própria geração precisam saber responder de forma satisfatória, sempre que são levantadas questões a seu respeito. Assim, a palavra *defesa* não está sendo usada aqui em sentido negativo, porque, em qualquer conversação, em qualquer comunicação em que haja diálogo verdadeiro, respostas devem ser dadas a todas as objeções levantadas.

Tais respostas são necessárias, em primeiro lugar, para a minha própria pessoa, como cristão, se pretendo manter a minha integridade intelectual, e se eu pretendo manter a minha vida pessoal, devocional e intelectual unidas. Em segundo lugar, estas respostas são necessárias por amor àqueles que estão sob minha responsabilidade.

Não é razoável esperar que as pessoas da próxima geração em qualquer época dêem continuidade ao posicionamento histórico cristão, quando ninguém os ajudar a reconhecer em que ponto os argumentos e insinuações contra o Cristianismo e contra os próprios cristãos estão equivocados. Devemos preparar os jovens cristãos para enfrentar a cultura monolítica do século 20, ensinando-lhes qual é o verdadeiro ataque específico da nossa geração, em contraste com os ataques das gerações anteriores.

Por onde quer que vá – tanto nos Estados Unidos quanto em outros países – é possível constatar que os filhos dos cristãos estão se afastando do Cristianismo histórico. Isso está acontecendo, não apenas nos grupos pequenos de regiões geográficas menores, mas por todos os lados. E estão se afastando porque os pais são incapazes de compreender os seus filhos, e por isso não conseguem realmente ajudá-los quando eles mais precisam. Esta falta de compreensão não existe apenas isoladamente da parte dos pais, mas muitas vezes das igrejas, escolas e missões cristãs. Certas escolas cristãs (e não estou me referindo às escolas "liberais") perdem muitos dos seus melhores estudantes antes mesmo de se formarem. Nós deixamos a geração que se seguiu à nossa totalmente à mercê do pensamento do século 20 pelo qual estão cercados.

Assim, a defesa, para mim mesmo e para aqueles por quem eu sou responsável, precisa ser uma defesa consciente. Nunca devemos supor que, por sermos cristãos, no sentido inteiramente bíblico, e cheios do Espírito Santo, automaticamente devemos estar livres

da influência à nossa volta. O Espírito Santo pode fazer aquilo que Deus deseja, mas a Bíblia não separa a sua atuação do conhecimento; nem a atuação do Espírito Santo nos isenta da nossa responsabilidade como pais, pastores, evangelistas, missionários ou professores.

A comunicação da fé

Mesmo tendo dito isso, a apologética cristã nunca deverá ser restrita a proteger-se de ataques. Temos a responsabilidade de comunicar o evangelho à nossa geração.

Apologética cristã não significa viver fechado em um castelo com ponte levadiça e, de quando em quando, atirar uma pedra por sobre o muro. Ela não deve fundar-se numa mentalidade de fortaleza – sentar do lado de dentro, dizendo: "Você não pode me atingir aqui!". Se o cristão adotar uma postura corno esta, na teoria ou na prática, seus contatos com quem aderiu ao pensamento do século 20 estarão cortados. A apologética não deve ser um assunto meramente acadêmico, alguma espécie de novo escolasticismo. Ela deve ser entendida e praticada de forma coerente com os sobressaltos e o contato vivo com a geração presente. Assim, o cristão não deve preocupar-se em somente apresentar um sistema perfeitamente harmônico consigo mesmo, corno algum sistema metafísico grego, mas antes alguma coisa que tem contato constante com a realidade – a realidade das questões que estão sendo feitas em sua própria geração, bem como nas gerações vindouras.

Ninguém se torna cristão a não ser que entenda o que o Cristianismo está dizendo. Muitos pastores, missionários e professores cristãos parecem ficar perdidos sempre que tentam conversar com pessoas instruídas ou mesmo com pessoas do povo. Eles não parecem estar conseguindo encarar o fato de que a nossa tarefa é conversar com a *nossa* geração; o passado já foi e o futuro ainda

não está aqui. *Assim, o lado positivo da apologética é a comunicação do evangelho à geração presente, de modo que possam entender.*

O propósito da "apologética" não é meramente ganhar uma disputa ou uma discussão, mas que as pessoas com as quais estamos lidando tornem-se cristãs que realmente colocam a sua vida sob o senhorio de Cristo, deixando-o tomar conta de toda a sua vida.

Antes de qualquer coisa, é importante lembrar que não podemos separar a verdadeira apologética da obra do Espírito Santo, tampouco de um relacionamento vivo com o Senhor, em oração, cia parte do cristão. É preciso entender, afinal de contas, que a nossa batalha não é só contra carne e sangue.

Contudo, a ênfase bíblica de que o conhecimento é anterior à salvação nos influencia a buscar este conhecimento necessário para comunicar o Evangelho. O Cristianismo histórico nunca realmente separou-se conhecimento. Ele insiste em afirmar que a verdade é uma só e que precisamos viver e ensinar isto, mesmo se o pensamento e a teologia do século 20 o neguem.

O convite para agir só vem depois que se tenha fornecido uma base adequada de conhecimento. Isto combina com a razão que João citou para estar escrevendo seu Evangelho: "Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome."' A palavra "sinal" está relacionada a eventos históricos da vida, morte e ressurreição de Cristo, como os que se encontram relatados neste Evangelho. Na linguagem do século 20, poderíamos traduzir "sinais" por "provas espaço-temporais": "fez Jesus diante dos discípulos muitas outras provas espaço-temporais que não estão escritas neste livro." Note, em primeiro lugar, que estas provas espaço-temporais, são por sua natureza própria observáveis, onde quer que tenham sido registradas, foram acontecimentos que se deram na presença dos discípulos que as observavam. E não é só isso: elas foram registradas de forma verbalizada. Isso signi fica, é claro, que estas provas espaço-temporais podem ser estudadas, usando a linguagem normal, respeitando todos os livros de gramática e os léxicos.

A ordem destes versos é importante. Em primeiro lugar, elas são provas espaço-temporais em forma escrita e que, conseqüentemente, foram capazes de ser cuidadosamente consideradas. Em segundo lugar, estas provas são de natureza tal que dão boas e suficientes evidências sobre o fato de que Cristo é o Messias, conforme profetizado no Antigo Testamento, e também que ele é o Filho de Deus. De modo que, em terceiro lugar, não somos convidados a acreditar enquanto não tivermos encarado a questão de se isso é verdadeiro, com base nas evidências espaço-temporais.

O mesmo tipo de trabalho de base do verdadeiro conhecimento encontra-se registrado no prólogo do Evangelho de Lucas:[2]"Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, (certas coisas aconteceram na história, no espaço-tempo diante de "nós") conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares (esta história está aberta para a verificação de testemunhas oculares) e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo (o que está aberto para verificação também pode ser comunicado verbalmente, por escrito) uma exposição em ordem para que tenhas plena certeza das verdades (sobre as coisas ou palavras) em que foste instruído." Não há nenhum salto no escuro, pois é possível "conhecer a verdade". Somente quando nós entendemos essa introdução é que estaremos preparados para entender todo o resto do Evangelho de Lucas, que começa com o seguinte versículo: "Nos dias de Herodes, rei da Judéia, houve um sacerdote..." Desde o prólogo ficamos sabendo que Lucas está tratando da estrutura da verdade histórica, e que ele está nos situando Herodes, Zacarias e Cristo dentro desta estrutura espaço-temporal.

O conhecimento precede a fé. Isto é crucial para a compreensão da Bíblia. *Dizer (como todo cristão deveria) que somente aquela fé que acredita em Deus com base no conhecimento é verdadeira fé, é dizer algo que cai como urna bomba no inundo do século 20.*

Capítulo 2

A IMPORTÂNCIA DA VERDADE

Há algum tempo, eu estava palestrando na Universidade de Oxford a um grupo de estudantes de teologia acerca da questão da comunicação do Evangelho às pessoas que estão dominadas pelo consenso do pensamento do século 20. Quando eu terminei de falar, um canadense, estudante de pós-graduação levantou-se e disse: "Senhor, se nós o entendemos bem, você está dizendo que, antes da evangelização, deve ser feita uma pré-evangelização. Se for isso mesmo, então temos cometido um grave erro em Oxford. A razão pela qual não temos alcançado muitas dessas pessoas é porque não dedicamos tempo suficiente à pré-evangelização". Eu disse que concordava plenamente com isso.

A verdade é anterior à conversão

Antes de um ser humano estar pronto para se tornar um cristão, ele precisa ter uma compreensão adequada da verdade, não importando se ele tem total consciência do seu conceito de verda de ou não. As pessoas em geral, de forma consciente ou não, mantêm alguma estrutura que dê conta do conceito de verdade. O nosso conceito de verdade irá afetar fortemente a nossa compreensão do que significa tornar-se um cristão. Não estamos muito preocupados, neste ponto, com o *conteúdo* da verdade, mas muito mais com o *conceito* do que a verdade é.

Alguns que se autodenominam cristãos verdadeiros encontram-se

impregnados das formas de pensamento do século 20. Mas, se houve conversão, no sentido atribuído pelo Cristianismo, a verdade deve vir em primeiro lugar. A expressão "aceitar a Cristo corno salvador" pode significar qualquer coisa. Não estaremos dizendo o que queremos realmente dizer se não deixarmos completamente claro que, quando dizemos que o Cristianismo é verdadeiro, estamos nos referindo a verdades objetivas e que, portanto, "aceitar a Cristo como salvador" não significa meramente uma espécie de "salto para o andar de cima".

Verdade e espiritualidade

Da mesma forma corno a questão da verdade objetiva precisa ser enfatizada antes de empreendermos qualquer ação evangelística efetiva, o mesmo deve ser feito antes de ousarmos falar em espiritualidade verdadeira. Na visão bíblica, espiritualidade não está fragmentada. Por isso, ela tem sido assim tão distinta dos conceitos modernos de espiritualidade, tanto no mundo orientai quanto no ocidental, e, infelizmente, até em alguns meios evangélicos. A verdadeira espiritualidade não está fragmentada. porque diz respeito ao homem corno um todo, em cada um dos momentos de sua vida. Para além da resistência contra esta peupectiva bíblica verdadeira, boa parte do mundo evangélico tem sido platônica, no sentido de que ela tem dado demasiada ênfase à alma, em detrimento da pessoa total, incluindo o corpo e o intelecto.

É muito importante entender, para além dos conceitos modernos de "experiência espiritual", que a experiência baseada **na** Bíblia encontra-se firmemente fundada na verdade. Não é apenas uma experiência emocional, nem algo desprovido de conteúdo.

Podemos pensar na verdadeira espiritualidade como algo tendo três partes. De início, é indispensável analisar quem (ou o quê) efetivamente "existe", e como posso ter um

> relacionamento com essa pessoa (ou esta coisa). E este algo deve ser compreendido e definido. Não se pode ter um relacionamento pessoal com algo desconhecido. Então, uma vez entendido quem é a pessoa com quem estou tendo um relacionamento pessoal e de que maneira eu posso tê-lo, vem o próximo passo, que é o entrar verdadeiro naquele relacionamento. A Bíblia chama isto de ser convertido, de ser "nascido de novo", e este é um passo que cada pessoa deve dar, individualmente. É impossível nascer de novo em grupo; apenas um de cada vez. Mas dizer que isto é uma questão individual não é o mesmo que dizer que é individualista. Estas palavras podem ter a mesma raiz fonética, mas são mundos à parte. É isto que sustenta todo o conceito de cultura e sociedade.
>
> A verdadeira espiritualidade não pode ser abstraída nem da verdade nem do homem como um todo e da cultura como um todo. Se é que há espiritualidade verdadeira, ela deve abranger tudo. A Bíblia insiste que a verdade é urna só – e este é praticamente o último sistema de pensamento sobrevivente nesta nossa geração.

Para evitarmos confusão, é importante notar o que *não* se associa a esta ênfase na unidade da verdade. Em primeiro lugar, do ponto de vista bíblico, a verdade não está *extremamente* associada à ortodoxia. A ortodoxia é importante, e eu mesmo sou conhecido por ser um teólogo ortodoxo convicto. Mas a verdade não está *extremamente* relacionada à ortodoxia. Em segundo lugar, a verdade também não está *extremamente* relacionada às crenças. Eu admito também que as crenças do Cristianismo histórico são importantes, mas nós temos que perceber que, apesar de as crenças serem importantes, a verdade não está *extremamente* relacionada a elas. A verdade está relacionada a algo acima de ambos – acima da ortodoxia e das crenças.

Em terceiro lugar, a verdade não está *extremamente* associada nem sequer às Escrituras. Deixe-me explicar. Embora eu acredite firmemente no que a Igreja Primitiva e os reformadores ensinavam sobre a natureza das Escrituras, e que eu enfatize que aquilo que eles têm a dizer sobre as Escrituras é de suma importância, ainda assim, digo e repito que a verdade está intimamente relacionada com algo que vai além das Escrituras. As Escrituras são importantes, não porque elas foram escritas em certo tipo de papel, nem determinado tipo de couro, nem porque elas já ajudaram tantas pessoas. Esta não é a razão básica para que as Escrituras sejam assim tão importantes. A Bíblia, as crenças históricas e a ortodoxia são importantes, porque Deus existe e é esta, em última instância, a única razão porque todos estes têm sua importância.

Dei-me conta da contundência deste argumento há vários anos, quando um arquiteto suíço-germânico estava nos falando, em um dos nossos Centros de Estudos na Suíça,

acerca dos últimos ensaios de Max Planck. Ele destacou que Planck dizia, com base na sua visão de especialista em física, não em religião, que o homem moderno já derrubou várias concepções nesta geração, e a grande questão que ele destacava era: qual será, em última instância, a concepção final? Planck estava dizendo com isso que nós não sabemos qual é a concepção final, considerando a atual estrutura material do universo. Esta idéia de concepção final ficou me aborrecendo na minha mente de cristão, e como alguém que pretende falar ao mundo do século 20. Qual é o conceito final de verdade?

A resposta só pode ser a existência de Deus e quem ele é. Portanto, a verdade cristã é aquilo que está em um relaciona mento com tudo o que existe, mas, em última instância, com o Deus que aí está. E a verdadeira espiritualidade consiste em ter um relacionamento adequado com o Deus que está aí; primeiro, através do ato único e suficiente da justificação; segundo, por estar naquele relacionamento correto, como uma realidade contínua, momento a momento. Esta é a ênfase dada na Bíblia à verdadeira espiritualidade. Trata-se de um relacionamento adequado e continuado, a cada instante da vida, com um Deus que existe de fato.

O Deus por trás da verdade

Eu escolhi usar esta expressão: "Deus que aí está", como sendo equivalente a "Deus existe", não porque eu não esteja consciente da discussão teológica de hoje, nem porque eu já tenha visto alguém que, mantendo-se fiel à verdade da Bíblia, acredita em um universo de três níveis, mas para ir de encontro à teologia moderna e seu problema, que nega que Deus esteja aí, no sentido histórico e bíblico. É preciso ter a coragem de dizer que Deus existe, ou, para usar uma terminologia diferente, que o ambiente final no qual tudo existe, em última instância, é o próprio Deus, aquele que criou todas as coisas.

Notemos com cuidado aqui que, quando afirmamos que Deus esta aí, estamos dizendo que Deus existe e não estamos falando meramente sobre a *palavra* deus, ou a *idéia* deus. Estamos nos referindo a um relacionamento adequado com o Deus vivo que existe. Para entender o problema da nossa geração, temos de estar muito atentos a esta distinção.

A semântica (análise linguística), por certo período, foi o cerne dos estudos filosóficos modernos no mundo anglo-saxão. Embora o cristão não possa aceitar este tipo de estudo como uma filosofia, não há por que não deveríamos ficar satisfeitos com o conceito de que as palavras precisam ser definidas antes de poderem ser usadas na comunicação. Como cristãos, é preciso que entendamos, que não há palavra tão sem sentido como a palavra *deus* até que ela

seja definida. Nenhuma outra palavra tem sido usada para ensinar conceitos tão completamente opostos corno a palavra *deus.* Portanto, não nos deixemos confundir. Há muita "espiritualidade" ao nosso redor, querendo se associar à *palavra* deus ou à *idéia* deus, mas não é disso que estamos falando. A verdade e a espiritualidade na Bíblia não se associam à *palavra* ou *idéia* deus. Trata-se antes do relacionamento com aquele que existe. E é um conceito totalmente diferente.

Continuando a discussão sobre quem ou o que Deus é, surge já a segunda questão fundamental no mundo de hoje: "Quem ou o que sou eu?" Para tornar possível o relacionamento entre Deus e o homem, é preciso resposta a ambas as questões.

A resposta que dermos aqui afeta profundamente a nossa idéia de como se dá o relacionamento entre Deus e o homem. Não importa se atribuímos este relacionamento a algo mecânico, determinista ou — infinitamente mais maravilhoso — pessoal; teremos que voltar à nossa resposta à questão: "Quem é esse Deus que existe?" e "Quem sou eu?".

Muitas pessoas sensíveis de hoje quando se fazem a pergunta: "Qual o sentido da vida humana?", estão, na verdade, lutando por suas vidas. De fato, o homem moderno não conseguiu obter urna resposta satisfatória para esta questão, em qualquer dos seus campos de pensamento. Não importa se ele a abordou aplicando o seu racionalismo moderno explícito, ou promovendo um salto na escuridão do misticismo secular ou teológico moderno, o homem do século 20 fracassou em responder a esta questão.

Quando alguém me pergunta qual a resposta cristã para a questão do propósito, do sentido da existência humana, eu sempre os remeto ao primeiro mandamento de Cristo. É preciso notar, de passagem, que não há razão para achar que o primeiro mandamento — "Amarás, pois o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força"' — seja meramente o primeiro mandamento citado por Jesus. Sabemos que não *é* assim, porque ele o citou a partir do último livro escrito por Moisés, o livro de Deuteronômio. Mas podemos dizer algo mais. Certamente trata-se do primeiro mandamento porque é o único que expressa o propósito do homem e, particularmente, o meu propósito.

Mas não é suficiente citar isto por si só. Sem a resposta dada pelo Cristianismo histórico, de que Deus existe de fato, este tipo de resposta só pode ser considerado outro chavão para um questionador honesto, apenas mais uma "resposta religiosa" do século 20; e nós não o podemos culpar se ele deixar de dar ouvidos. Quando eu ouço este primeiro mandamento, de amar ao Deus que existe com tudo o que eu sou, isto implica um conceito total acerca da vida e da verdade. Um homem só pode amar a um Deus que existe e que é pessoal e de quem ele tem conhecimento. Assim, o fato de que este Deus tenha se comunicado é também de suprema importância. Mas este mandamento implica algo mais: ele me diz algo bastante fundamental e motivador sobre *mim mesmo.*

> Há de fato algo de estimulante em saber se nós conhecemos os dilemas da nossa geração. Se você pudesse imaginar os tipos de homem e mulheres sóbrios, sensíveis que procuram o nosso chalé, cheios de questões do tipo "quem ou o que sou eu?", realmente desejosos de descobri-lo, teria que admitir que deve haver algo de extremamente importante a descobrir sobre "mim mesmo".

No que diz respeito à mentalidade moderna, é perturbador ouvir-se dizer que não há nada de intrinsecamente absurdo em pedir que eu ame um Deus que existe, e que Deus é de natureza tal, ou que eu sou de natureza tal, que posso tornar esta proposição válida. Aqueles que entendem o que tudo isso implica jamais descartarão isso como "algo que eu ouvi falar desde a minha infância". Ficamos empolgados só de pensar em todas as implicações. O Deus que aí está tem uma natureza que lhe permite ser amado, e eu tenho uma natureza que me permite ser amado, e assim este primeiro mandamento, ou propósito básico do homem, representa precisamente o contrário de um pedido absurdo. Representa que descobri o que o homem é, e tenho consciência de quem eu sou.

Seção Seis

A VIDA PESSOAL E COLETIVA EM MEIO AO SÉCULO 20

Capítulo 1
DEMONSTRANDO O CARÁTER DE

A salvação não se encerra no indivíduo

Temos examinado a tensão que um não-cristão é obrigado a sentir – a tensão entre o mundo real e a conclusão lógica dos pressupostos não-cristãos do homem. E, se formos honestos, os cristãos também uma questão a enfrentar. Quando as pessoas nos observam, individualmente e em grupo, e ouvem nossos pressupostos, o que elas vêem a respeito de nossa coerência com nossos pressupostos?

O HOMEM, AGORA O CRISTÃO, E SUAS PRESSUPOSIÇÕES

A CONCLUSÃO LÓGICA DE NOSSAS

Nesta seção conclusiva, eu gostaria de investigar a questão de uma realidade que é visível ao mundo que nos observa.

Como cristãos, devemos considerar quais são as últimas conseqüências lógicas dos *nossos* pressupostos. Estamos nos referindo aqui à apologética, não a urna apologética abstrata, nem escolástica, nem a algum assunto a ser ensinado na escola do minical, mas como ela vem sendo praticada nos confrontos vividos na

nossa geração. A apologética cristã deve estar apta a demonstrar intelectualmente que o Cristianismo fala da *verdadeira verdade;* mas ela também deve exibir que não é só uma teoria. Isto é necessário para a defesa do povo de Cristo e, inclusive no sentido positivo, alcançar aqueles que estão honestamente investigando estas questões. Aquilo que é observável, tanto individual quanto institucionalmente, também faz parte da apologética cristã. Os cristãos devem sempre entender e considerar isto: é extremamente importante, tendo em vista as formas de pensamento da nossa geração, mostrar o fato de que o Cristianismo não se reduz a alguma dialética melhorada.

Como evangélicos ortodoxos, cometemos freqüentemente o erro de ficar só na salvação individual. Historicamente, a palavra *cristão* indicava pelo menos duas coisas. Em primeiro lugar, o nome *cristão* indicava que a pessoa se definia como alguém que aceitou a Cristo como seu Salvador. Isto é uma questão decisivamente individual. Mas há ainda uma segunda consideração. Ela diz respeito ao que se deduz da salvação individual, e trata-se do início da vida cristã individual. Está certo que há uma salvação individual, e esta representa, ao mesmo tempo, o início da vida cristã; porém, a salvação individual deve mostrar-se também em relacionamentos *coletivos.* Este é o clarõ ensino da Bíblia em relação à Igreja, e é o que encontramos, de alguma forma, quando analisamos a Igreja em seus mais fortes momentos através dos tempos.

Quando o homem caiu, várias separações ocorreram. A primeira e mais fundamental deu-se entre o ho e r&gL)dceus. Todas as demais ocorreram em decorrência desta. Fomos sepa_- rados de Deus, por nossa culpa – culpa moral verdadeira. Por- tanto, necessitamos ser justificados com base num ato substitutivo, completado pelo Senhor Jesus Cristo, ainda que fique bastante claro, pelas Esaiuras, e pela observação geral, que as separações não se encerraram com aparação do homem de Deus. Em segundo lugar, o homem foi separado de si mesmo. E isso que gera os problemas psicológicos da vida. Em terceiro lugar, o homem foi separado dos demais homens, o que gera os problemas sociológicos da vida. E em quarto lugar, o_ homem foi separado da natureza.

De acordo com os ensinamentos das Escrituras, a obra acabada do Senhor Jesus tem o sentido de apresentar uma forma de cura fiara cada uma destas fraturas: cura que será aperfeiçoada, sob todos os aspectos, quando Cristo voltar, no futuro isto (5:

Na justificação existe um relacionamento que ja e perfeito. Quando o indivíduo aceita a Cristo corno seu Salvador, com base na obra completa de Cristo, Deus, enquanto Juiz, declara que sua culpa desapareceu imediatamente e para sempre. Em relação às outras separações, fica óbvio, pelo ensino das Escrituras e pelas lutas do povo de Deus através dos melhores anos da Igreja, que nesta vida presente o sangue de Cristo deve nos trazer agora cura *substancial.* A salvação individual vem com a justificação e, com isso, toda culpa é instantaneamente apagada. Então, virá um dia no futuro em que o meu corpo será ressuscitado dos mortos, e todas as outras separações serão tratadas de forma completa. Agora, na presente vida, enquanto os homens podem nos observar, há urna forma de cura *substancial* daquelas outras separações. *Substancial* é a palavra certa para se usar, porque nela se encontram implícitas duas idéias. Em primeiro lugar, significa que ela ainda não é perfeita. Em segundo, significa que ela é real.

A qualidade visível

O mundo tem o direito de olhar para nós e julgar. Jesus nos disse que, enquanto amamos uns aos outros, o mundo irá julgar, não somente se somos ou não somos os seus discípulos, mas também se o Pai enviou o Filho.' A apologética final, com ajuda de defesa e apresentação racionais e lógicas da fé, *é aquilo que o mundo observa* no cristão individual e nos nossos relacionamentos como grupo. O mandamento de que devemos amar uns aos outros certamente se refere a algo muito mais profundo do que um relacionamento meramente institucional. Não que devamos minimizar a importância das relações institucionais apropriadas, mas precisamos atentar para os que se congregam uns com os outros em um grupo organizado, chamado de igreja, mas não demonstram nenhuma forma de cura substancial dos conflitos entre as pessoas na vida presente.

Por outro lado, por mais que exista uma "igreja invisível" (que é composta por todos aqueles que são cristãos, vivendo em qualquer lugar do mundo), ainda assim a igreja jamais deve estar escondida das vistas das pessoas de fora, onde não possa ser vista, como se ela não se incomodasse com o que os homens vêem. O que somos chamados a fazer, a partir da obra acabada de Cristo, pelo poder do Espírito Santo e por meio da fé, é demonstrar uma cura substancial, individual e coletiva dos conflitos, de modo que as pessoas ao redor tenham chance de observá-la. Isto também faz parte da apologética: uma exposição que fornece alguma prova de que essas coisas não são teóricas, nem um novo tipo de dialética, mas reais; não são perfeitas, mas são substanciais. Se os efeitos do Novo Testamento no indivíduo são as únicas coisas de que falamos e que mostramos, o mundo, psicologicamente condicionado como ele é hoje, encontrará algum tipo de explicação para elas. O que o mundo jamais poderá explicar são as mostras substanciais dos pressupostos cristãos nos grupos, quando levados às suas conclusões lógicas. Não é verdade que o Novo Testamento apresenta um conceito individualista de salvação. Individual, sim – temos que dar esse passo individualmente, um por vez – mas não deve ser individualista. Em primeiro lugar, deve haver uma realidade individual, e depois a coletiva. Nada será perfeito nesta vida, mas tudo deve ser real. Descobri que a dureza do coração dos homens do século 20 não espera dos cristãos que eles sejam perfeitos. Eles não vão jogar em nossos rostos se, individualmente ou em grupo, acharem menos do que perfeição em nós. Eles não esperam perfeição, mas esperam realidade, e eles têm o direito esperar realidade, com base na autoridade de Jesus Cristo.

Deve haver comunhão e comunidade entre componentes do povo de Deus; não uma comunidade falsa, de faz-de-conta, como se toda comunidade humana fosse um fim em si mesma; mas, na igreja local, em uma missão, em uma escola, onde quer que seja, a solidariedade verdadeira deve ser o fruto de urna salvação autêntica e individual. Esta é a real Igreja do Senhor Jesus Cristo – não se trata meramente de uma instituição, mas sim de um grupo de pessoas que ingressaram individualmente para o povo de Deus, sendo unificados pelo Espírito Santo para uma tarefa particular na comunidade local ou, então, num campo mais amplo. A Igreja do Senhor Jesus deve ser composta pelo

conjunto dos que foram redimidos e reunidos em torno de uma doutrina verdadeira. Mas subseqüentemente eles devem ser capazes de, juntos, demonstrar urna "cura sociológica" substancial das discórdias geradas e sobre elas acometidas em decorrência do pecado do homem.

A abordagem sociológica do Cristianismo afirma que os problemas sociais que possam existir, não importando de que natureza sejam, são resultantes da desigualdade que se instalou entre os homens em decorrência do pecado. Agora o mundo deve estar em condições de reconhecer as marcas externas da Igreja, as quais apontam para a existência de uma forma de cura sociológica substancial possível na geração presente. Não podemos jamais esperar que o testemunho da geração passada seja suficiente para o nosso próprio tempo. Podemos até destacar os maravilhosos feitos do passado, mas o ser humano terá o direito de revidar "Nosso momento é este, esta é a nossa história, e onde é que estão as realizações hoje?" Não basta que a Igreja se engaje e se articule com o governo na luta contra as doenças sociais, embora isso, muitas vezes, seja de extrema importância. Mas quando o mundo puder voltar os olhos e um grupo de pessoas de Deus, gente exibindo cura substancial quanto às relações humanas em sua vida presente, isso certamente será notado. Cada grupo de cristãos representa, por assim dizer, um projeto piloto, que prova que algo pode ser feito nas condições presentes, bastando começar da forma certa.

A vida comunitária na Igreja Primitiva era muito forte neste ponto. Não era perfeita, mas era forte. Temos até hoje testemunhos claros de que, quando os olhos se voltaram para estes cristãos, isto se tornou um dos fatores que abalaram o Império Romano — esta minúscula parcela do complexo espectro sociológico do Império Romano, incluindo escravos com os seus mestres e alguns da casa de César — e os não-cristãos foram forçados a dizer "Vejam como eles amam uns aos outros". E isto não se deu em um vácuo, mas amando uns aos outros no círculo da verdade.

Realismo em exibição

Precisamos olhar para o Filho de Deus, a cada momento, por estes motivos; estas coisas não podem ser feitas por nossas próprias forças. Devemos permitir que ele sustente o seu fruto por meio de nós. Podemos até proclamar a "ortodoxia" na carne, podemos nos comprometer na carne. Mas o nosso chamado *é* um chamado diferente: ele está aí para, pela sua graça, revelar a Deus e ao seu caráter, sua graça, na presente geração. É mister apresentá-lo a todos como pessoal, sagrado, amoroso. É possível até que na carne sejamos ao mesmo tempo ortodoxos e

> mortos — ou caridosos e com um compromisso. O que não *é* possível na carne é exibir ao mesmo tempo a justiça de Deus e o amor de Deus — isso só pode ser realizado pela obra do Espírito Santo. E qualquer coisa menos do que isto não poderá retratar a Deus, não passando de uma caricatura do Deus que existe.

Demonstrar o caráter de Deus deve ser existencial. Os existencialistas estão corretos neste ponto, embora estejam errados em dizer que a história não está indo para lugar algum. No que diz respeito à vida, estamos no fio da navalha do tempo. O que mais importa é o nosso relacionamento com o Senhor Jesus, individual e coletivamente, neste momento existencial. O que conta, quando o homem olha para nós individualmente e enquanto coletividade, é se estamos demonstrando a Deus e seu caráter *agora.* A posição cristã não é estática, mas viva.

Cristo diz "... sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste".[2] Como poderia um Deus perfeito dizer "peque apenas um pouquinho"? Isso seria impossível. O padrão é a perfeição do próprio Deus. E ainda assim a Palavra de Deus não nos deixa com uma noção romântica, de que tenhamos a obrigação de ter total perfeição nesta vida, do contrário tudo será destruído, de modo a não nos restar mais nada. Estou firmemente convencido de que muitas coisas maravilhosas têm sido destruídas porque as pessoas têm uma noção preconcebida e romântica nas suas mentes do que deve ser algo perfeito, e que nenhuma outra possibilidade tem importância, pelo que se destroem todas as alternativas possíveis.

> Temos razões para estar gratos pelas palavras do apóstolo João quando ele diz "Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, *(nós)* temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo"? Há uma tremenda e maravilhosa implicação na palavra *nós.* João, o apóstolo amado, põe-se entre *nós.* Por um lado, é preciso que rejeitemos todos os referenciais que visam menos do que a perfeição. Os padrões não são arbitrários, mas enviados pelo Deus sagrado, que existe e os comunicou na Bíblia, portanto é necessário levá-los totalmente a sério. Nada abaixo da totalidade destes padrões poderá substituí-los. O pecado não deve ser minimizado, nem na vida individual, nem na coletiva. A contrariedade, teórica ou prática, às normas referenciais é sempre errada e destrutiva.

Entretanto, por outro lado, precisamos igualmente rejeitar toda e qualquer idéia romântica de perfeição nesta vida. A Bíblia não nos promete perfeição nesta vida, exceto no que diz respeito à justificação. Ela não nos promete perfeição moral, física, psicológica ou sociológica nesta vida. Haverá vitórias morais e crescimento, mas isso é muito diferente de ter alcançado a perfeição. Daí que João pode referir-se a "nós". E Paulo foi capaz de apontar para a sua própria falta de perfeição.' Pode haver cura física, mas isto não quer dizer que aquele que foi curado passará a ser um espécime perfeito. No dia em que foi ressuscitado dos mortos, é possível que Lázaro tenha tido uma dor de cabeça e, com certeza, acabou morrendo algum dia novamente. As pessoas podem até apresentar melhorias psicológicas espantosas, mas isso não quer dizer que elas passarão a ser personalidades totalmente íntegras, a partir daí. A posição cristã entende que, deste lado da ressurreição, embora o nosso chamado *seja* para a perfeição total, ainda assim isso não significa destruir e acabar com o que não podemos trazer de volta à vida — só porque se mostra inferior às perfeições que nós romanticamente forjamos na nossa mente. Por exemplo, quantas e quantas mulheres eu pude encontrar — e quantos homens —que criticavam um casamento bom e até o destruíam porque alimentavam um conceito romântico do que o casamento deve ou pode ser, tanto física quanto emocionalmente.

A personalidade é central

Temos estado falando sobre aquelas coisas que são de vital importância em relação às conclusões lógicas dos pressupostos cristãos. Até este momento, falamos sobre duas: a *coletiva* e a *substancial.* Agora, adicionaremos uma terceira: a *22soql.*

Jamais existiu sistema de pensamento mais consistente do que o cristão. Sua beleza transcende todas as palavras, porque possui aquela qualidade que nenhum outro sistema de pensamento tem completamente — é possível partir do início e levar tudo até o fim. É simples assim. *E cada parte e aspecto deste sistema pode ser relacionado desde o começo.* Não importa que aspecto você esteja analisando; para entendê-lo de forma adequada, só o que precisa fazer é voltar ao começo e tudo acabará se encaixando em seu devido lugar. O início é simplesmente que Deus existe e que ele é o Deus pessoal infinito. A geração atual anseia pela realidade de personalidade, mas não a consegue encontrar. Mas o Cristianismo diz que a personalidade é válida, porque ela não surgiu no universo por acaso, pelo contrário, ela tem raízes no Deus pessoal que sempre existiu. Quando estamos falando ao mundo perdido, com muita freqüência deixamos de *começar pelo princípio* — e, por isso, o mundo recusa-se a ouvir. Sem esta ênfase na personalidade, não podemos esperar que as pessoas nos dêem ouvidos de fato, porque, sem ela, o conceito de salvação estará suspenso no vácuo.

Se entendermos isso, passamos a entender o sentido da vida. O sentido da vida não termina com a justificação, mas deve ser visto na realidade de que, quando aceitamos Cristo como o nosso Senhor, no sentido verdadeiramente bíblico, nosso relacionamento pessoal com o Deus pessoal é restaurado. Para onde quer que nos voltemos no Cristianismo descobrimos que somos colocados face a face com a maravilha da personalidade — o que é precisamente o oposto do dilema e sofrimento do homem moderno, que não consegue descobrir o sentido da personalidade. Considere as palavras de Paulo "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejamqualquer coisa, há o relacionamento pessoal com Deus mesmo – e isto é o mais maravilhoso de tudo, algo que não acontecerá só no Céu, mas é uma realidade substancial na prática desde já. Quando entendemos nosso chamado, ele não será apenas verdadeiro, mas também será belo – mais do que isso, empolgante. É difícil entender como pode um cristão ortodoxo, evangélico, crente na Bíblia, não se sentir empolgado. As respostas que podemos encontrar no campo intelectual já deveriam nos deixar extremamente empolgados. Mas o melhor de tudo é que podemos voltar a ter um relacionamento pessoal com o Deus que existe. Se formos cristãos não entusiasmados, deveríamos fazer uma auto-análise para descobrir o que está errado. Somos rodeados por uma geração que acredita que encontra "ninguém em casa" por todo o universo. Se há algo que marca a nossa presente geração é este fato. Ao contrário disso, enquanto cristão, eu sei muito bem quem eu sou; e conheço o Deus pessoal que existe. Seu eu falo, ele ouve. Não me encontro cercado de mera massa, ou somente de partículas de energia, mas ele está aí. E, se eu aceitei a Cristo corno o meu Salvador, então, embora não alcance perfeição nesta vida, ainda assim este relacionamento pessoal com o Deus que aí está é, a cada momento, uma realidade para mim, com base na obra acabada de Cristo.

Capítulo 2

LEI, MAS NÃO SOMENTE LEI

A maioria dos não-cristãos de hoje descarta toda e qualquer noção real de lei. Pensam assim, porque eles não têm *absolutos* no universo, e, sem um absoluto, não há como ter qualquer moral propriamente dita. Para eles, tudo é relativo; eles não têm nenhum círculo *real* de lei. Para eles, não existe nenhum círculo onde o que está dentro é certo, em contraste com o que está fora e, por causa disto, é errado. Para o cristão não é assim. Deus existe, e ele tem um caráter; há coisas que estão fora dos mandamentos que ele nos deu como expressão do seu caráter. Por exemplo, existe um conjunto de coisas apropriadas e legítimas relativas à Igreja visível. A Igreja visível deve ser uma Igreja verdadeira. Embora ela nunca chegue a ser perfeita, deverá ser sempre uma Igreja verdadeira. E o casamento é o círculo próprio de coisas apropriadas às relações sexuais. Já os seguidores da nova moralidade advinda da nova teologia e da negação da epistemologia cristã, não acham nenhum círculo real de leis e desta forma não encontram meios de estabelecer limites.

A falha da ortodoxia encontra-se no fato de que, apesar de apresentar um círculo de leis, ela tende a agir como se bastasse manter-se dentro do âmbito da legitimidade. Temos, sem dúvida, de estar gratos pela existência do círculo de leis — um absoluto real, algo que temos como conhecer e dentro do qual podemos operar — pois ele significa que nós não somos obrigados a agir, como se pudéssemos ou tivéssemos a obrigação de pesar todos os resultados dos nossos atos *ad infinitum,* se, na verdade, sendo finitos, não temos como enxergar todos resultados dos nossos atos, limitando-nos a um ou dois passos adiante. É doloroso agir como se fôssemos deuses finitos. Mas que trágico é só de pensar que, por estarmos dentro do campo da legitimidade, tudo está pronto e acabado, como se o casamento, a Igreja, e outros relacionamentos humanos fossem estáticos e que a única coisa importante é estar dentro do âmbito da legitimidade.

Mesmo na justificação, muitos cristãos, perfeitamente ortodoxos em sua doutrina, encaram a sua própria justificação como se fosse o fim de tudo — pelo menos, até que chegue a morte. Não é assim. O nascimento é essencial para a vida, mas os pais não se alegram *apenas* com o nascimento do filho. Eles ficam satisfeitos em ver a vida da criança, à medida que vai aflorando. Quem já viu um casal comprometer-se um com o outro porque desejava curtir a festa de casamento? O que eles querem mesmo é viver juntos. O mesmo vale para quem quer se tomar um cristão. Sob um ângulo, podemos dizer que o nascimento é tudo; de outro, podemos dizer que é muito pouco. É tudo porque é o início indispensável, mas é pouco em comparação aos relacionamentos existenciais vivos. O círculo de leis da justificação não tem limites estáticos; ele nos abre todos os canais de uma comunicação pessoal viva com o Deus que existe.

O mesmo se aplica ao casamento, à Igreja, bem como a todos os outros

relacionamentos humanos — deve sempre existir um relacionamento propriamente legítimo, mas não estático, do contrário acabará virando um monumento empoeirado. Deixa de ser belo. Torna-se como uma flor que morre numa redoma de vidro. Só poderá exibir sua beleza se ficar dentro de um âmbito de legitimidade adequado, dentro do qual podemos ter um relacionamento pessoal, que fala de um Deus pessoal que aí está. Esta é a nossa vocação, não só exibir algo de substancialmente real ao mundo que está observando, mas nos alegrarmos uns aos outros. Sou chamado para amar a Deus com todo o meu coração, alma e mente, e depois sou chamado a amar meu próximo como a mim mesmo: cada pessoa envolvida no círculo adequado e no relacionamento apropriado.

Se dissermos que a personalidade não é uma intrusa no universo, mas algo de significado central, o mundo tem o direito de ver os cristãos vivendo individual e coletivamente em um nível pessoal. As pessoas devem poder observar o quanto levamos a sério a personalidade das pessoas, e que, pela graça de Deus, podemos agir de forma apropriada a ela.

Deve haver indícios observáveis disto em meio à vida cotidiana neste presente mundo anormal, ou negaremos o principal pressuposto do Cristianismo.

A pessoa humana na nossa cultura

Quando usamos a frase "é só humano", estamos normalmente nos referindo a algo pecaminoso. Neste sentido, o cristão deve sentir um chamado para *não* ser "humano" ; em um sentido mais profundo, porém, o cristão é chamado a exibir as características da mais autêntica humanidade, porque ser humano não significa ser intrinsecamente um homem pecaminoso, mas ser o que éramos antes da queda, seres humanos feitos à imagem de Deus.

Portanto, os cristãos devem ser as pessoas mais *humanas* que você já viu em todos os seus relacionamentos. Esse é um ponto propício para se falar em Deus, em uma era de desumanidade, impessoalidade e massificação. Quando as pessoas olham para nós, a sua reação deve ser "Estes são pessoas humanas"; humanas, sim, porque sabemos que fomos diferenciamos dos animais, das plantas e das máquinas, e que a personalidade é inerente o ao que sempre foi. Isso não é nada de que se possa dar conta apenas intelectualmente – quando as pessoas nos observam, sua reação deve ser: "Estes *é que são* humanos!"

Se eles, ao olharem para nós, não estiverem em condições de dizer "Estas são pessoas de verdade" nada mais adiantará. Muito freqüentemente podemos observar jovens que, ao se converterem e passarem a procurar pessoas de verdade com quem ter comunhão nas igrejas, acabam descobrindo que esta é uma tarefa mais difícil do que pensam. Mais do que freqüentemente encontramos evangélicos que não passam de soldadinhos de chumbo.

Se não pregarmos estas coisas, falarmos delas uns com os outros, e as ensinarmos cuidadosamente do púlpito e das salas de aula cristãs, nunca podemos esperar que os cristãos ajam assim. Isso sempre foi importante, mas é ainda mais importante hoje, porque estamos cercados por um mundo em que a personalidade está sendo cada vez mais erradicada. Se nós, que nos tornamos filhos de Deus, não deixamos transparecer este Ser pessoal nas nossas vidas, na prática estaremos negando sua Existência. As pessoas devem poder reconhecer entre os cristãos a sua prática da centralidade do relacionamento pessoal – em todos o âmbito da vida e por toda a cultura. Isto equivaleria a entoar hoje, em meio a tantas pessoas que acham que tanto o homem quanto Deus estão mortos, as canções de adoração e exaltação do Antigo Testamento, que foram compostas porque Deus é um

Deus vivo e não um ídolo sem vida.

No último dia de uma série de palestras que eu estava ministrando em um Colégio cristão, há alguns anos, o presidente de uma comissão de estudantes entregou-me a seguinte carta, publicada em uma revista do Grêmio Estudantil:

Caro Dr. Schaeffer,

O senhor me ajudou muito nesta semana a identificar algumas razões da minha revolta contra a forma evangélica de ortodoxia e, até certo ponto, também contra Deus. Nem sei como lhe agradecer por isso, nem posso parar de agradecer a Deus por ajudar-me a ver a mim mesmo de forma um pouco mais clara. O problema estava obviamente no implementar das minhas conclusões, mantidas em meu próprio ser, ainda que eu tenha confiança de que elas vão ocorrer.

Também estou preocupado com o efeito que as suas mensagens podem ter tido sobre o resto do compus e sobre o evangelismo como um todo. Você afirmou que o Cristianismo representa um sistema ao mesmo tempo em que é uma ortodoxia e um relacionamento pessoal com Cristo. Assim sendo, há alguns absolutos, de acordo com os quais nós cristãos podemos nos orientar e para os quais podemos apontar, se pretendemos ser considerados verdadeiros cristãos. Concordo com isso, ainda que eu possa não cumprir com todos os absolutos que você indicou como sendo necessários a este "sistema" cristão. Mas o que importa é que para mim há muitos aqui em (...) e nos meios evangélicos que, por acreditar que são donos da verdade, impõe os seus próprios absolutos subculturais sociológicos e evangélicos àqueles entre nós, que tiveram os seus "tetos arrancados". O resultado disso é que os estudantes são muitas vezes forçados a se submeter ao evangelismo, com todos os seus absolutos, sejam eles vitorianos ou do início do século 20, ou então recair em profundo desespero. Acredite-me, senhor, quando eu digo que há muitos em (...) para os quais isso é verdade; de fato, isto acabou levando muitos a uma neo-ortodoxia e ao ceticismo.

Isto me leva ao meu último ponto, que é simplesmente este: agora que você obteve sucesso em "arrancar o teto" de alguns estudantes, e que admoestou o mundo evangélico a ir e agir de acordo com isso, poderia agora dizer-nos como é que o mundo evangélico pode erradicar alguns destes estranhos absolutos, que tomaram a ortodoxia (como nós a conhecemos) quase que intragável? Como podem os evangélicos tornar-se realmente sal da Terra, se muitos dos seus absolutos os proíbem de sequer ter contato com todo o resto dos habitantes da Terra? Como é que poderemos levantar na casa evangélica poeira suficiente para torná-la uma casa ortodoxa, e então assim, quem sabe, nos tornarmos importantes para o homem do século 20?

Muito Sinceramente

Presidente do Grêmio Estudantil.

Não acredito que eu concordaria com este estudante em todos os detalhes do seu pensamento, mas eu concordo que há muita poeira para se levantar e limpar. E a nossa maior tarefa é de eliminar a poeira, sem tocar fogo na casa ao querer expurgá-la.

APÊNDICES

Apêndice A

A QUESTÃO DA APOLOGÉTICA

Desde que *The God Who Is There* foi originalmente publicado, algumas questões foram levantadas sobre o que eu penso acerca do que é muitas vezes chamado de "apologética". Vou tentar esclarecer isto sob três títulos, *Apologética, Racionalismo e Evangeli.smo* e *Estilo de vida.*

Apologética

A resposta se sou um apologeta depende do que se entende por apologeta ou apologética.

Em primeiro lugar, não sou um apologeta, se isto significar construir uma casa

segura para se morar, a fim de que nós cristãos possamos sentar-nos confortavelmente, com segurança e tranqüilidade. Os cristãos devem sair para o mundo tanto como testemunhas quanto como sal, deixando de ficar sentados numa fortaleza cercados por um fosso.

Em segundo lugar, eu citaria um trecho de *The God Who There:*

> Quando nos voltamos para analisar em maiores detalhes como podemosfalas às pessoas do século 20, devemos enfatizar, antes de tudo, que não existem regras mecânicas. Dentre todas as pessoas, deveríamos nos dar conta disso, pois, como cristãos, acreditamos que a personalidade de fato existe e é muito importante. Podemos estabelecer certos princípios gerais, mas não pode haver aplicação automática. Se formos seres realmente dotados de personalidade, enquanto criaturas de Deus, então cada indivíduo será distinto de todo o resto do mundo. Por isso, é preciso lidar com cada pessoa como indivíduo e não como caso, estatística ou máquina. Se fôssemos trabalhar com estas pessoas, seria um contra-senso aplicar os assuntos tratados neste livro de forma mecânica. Não podemos deixar de apelar sempre para o Senhor em oração, e para a ajuda do Espírito Santo, para que tudo isso seja aplicado de forma efetiva.

À luz disso, fico muitas vezes abismado com o que tem sido dito acerca da "apologética de Schaeffer".

Não acredito que haja um só apologeta capaz de ir ao encontro das necessidades de todas as pessoas. E, como eu disse neste texto de *The God Who Is There,* eu não queria (e não quero) dizer com isso que aquilo que escrevi neste livro deveria ser aplicado mecanicamente, como uma fórmula pronta. Não há fórmulas capazes de irem ao encontro das necessidades de todas as pessoas. Duvido que isso vá ao encontro da necessidade de uma única pessoa — a não ser por um ato de graça de Deus.

Com a natureza humana sendo o que é, tenho certeza que algumas pessoas leram *The God Who Is There* ou vieram ao L'Abri foram embora achando que aquilo que elas aprenderam poderia ser aplicado mecanicamente, como uma fórmula. Eu e nós todos no L'Abri temos tentado fazer tudo para evitar isso. A citação que eu fiz de *The God Who Is There* acima o diz claramente.

Quando temos a oportunidade de falar com um não-cristão, qual (além de evitar fórmulas prontas) deveria ser nossa consideração predominante? Acredito que deveria ser o amor. Acredito que estas coisas voltam-se para o amor e compaixão para com as pessoas — não como objetos a serem evangelizados, mas como pessoas que merecem todo

o amor e consideração que lhes podemos dar, porque são da nossa espécie e feitos à imagem de Deus. Eles são valiosos, de modo que devemos ir ao encontro deles em amor e compaixão. Desta forma, encontramos a pessoa, onde quer que ela ou ele esteja.

Consequentemente, se eu estivesse com Paulo ou Silas na prisão em Filipos e o guarda filipense tivesse me dito "Senhor, o que devo fazer para ser salvo?", começar falar sobre epistemologia seria horrível para mim. Eu teria dito o que Paulo disse "Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo" porque o carcereiro, com base no conhecimento e fatos anteriores, estava pronto para esta resposta:

Agora, por outro lado, se estamos lidando com alguém que tem problemas sinceros e que realmente acredita que verdade é verdade — coisas são verdadeiras e coisas são falsas (e que anteriormente era o conceito geralmente aceito em quase todo lugar) — então seria uma necessidade diferente. Nesta condição, se ele ou ela tivesse dúvidas acerca da historicidade da ressurreição de Cristo etc., nós lidaríamos com tais questões — porque ele ou ela já aceita que a verdade é verdade.

O que estou tentando fazer em *The God Who Is There* é mostrar que, quando abordamos aqueles que mantém o conceito de que não há tal coisa como verdade objetiva (ou universal), nós ainda podemos continuar falando. Podemos voltar um pouco mais e continuar falando da forma que eles necessitam. Eu não acredito que haja qualquer sistema de apologética que vá ao encontro das necessidades de todas as pessoas, da mesma forma que não acredito que haja alguma forma de evangelização que vá ao encontro das necessidades de todas as pessoas. Ela deve configurar-se com base no amor pela pessoa enquanto pessoa.

Caso pretendamos lidar com as pessoas no estágio em que elas se encontram (não importa se elas podem expressar a sua posição de forma sofisticada ou não), nós temos que ter amor genuíno e suficiente preocupação para com eles, enquanto seres humanos, a ponto de levar a sério as coisas que os preocupam. Tendemos a fornecer à pessoa uma resposta pré-concebida, ao invés de demonstrar-lhes a compaixão de Cristo, que significa encontrar a pessoa onde ela está e realmente penetrar o seu mundo a fim de falar de forma significativa com elas. E se este mundo for o do carcereiro de Filipos, muito bem; se for de alguém que está perdido na relatividade, podemos igualmente dar-lhe as respostas do Cristianismo.

Se as pessoas não têm questões intelectuais "modernas", não há necessidade de lidar com tais questões; mas temos que reconhecer que, na nossa geração, quase todo mundo as tem. Eu saía do restaurante numa manhã, há algumas semanas, e ali estava uma moça sentada com uma xícara de café, lendo *Beyond Freedom and Dignity* de Skinner. Ela representa milhões. Milhões e milhões estão enfrentando este tipo de questão e, de fato, penso que hoje em dia a maioria das comunidades tem este tipo de questão. E eles não têm que ser graduados da universidade para isso. Eu já falei com estivadores, trabalhadores em moinhos, todo o tipo de pessoas (e também, quando eu era mais jovem, eu mesmo trabalhei numa fazenda, como mascate num trem, em fábricas e assim por diante) e estou convencido de que muitas vezes estas pessoas têm as mesmas questões que os intelectuais; a única coisa é que eles não as articulam, e quando as articulam, isso não acontece sob a mesma terminologia. Eu conheço essa gente, e estou convencido de que as coisas de que estamos falando podem ser ditas a praticamente qualquer um – tudo o que temos a fazer é adaptar a linguagem. Ocorre que isso também é amor.

A família de classe média pergunta-se porque as coisas mudaram – ela percebe o problema do relativismo, embora talvez não use este termo. Ela foi levada a lutar contra o relativismo quando a sua filha passou a noite fora de casa para dormir com alguém, e é claro que ela não vê isto como algo errado ou estranho a se fazer. Ela também observa as mudanças na lei e não consegue entender o porquê, mas está preocupada. Ela também está se fazendo as mesmas perguntas. Ela também se encontram abaixo da "Linha do Desespero" ou, está compreendendo a sua existência de alguma forma, no mínimo, vaga. Amor significa lidar com eles no lugar onde estão.

Para a "pessoa moderna" podemos nos manter falando de uma forma que ajuda, porque, em contraste com conceito de que tudo é relativo, nós sabemos que existem boas, adequadas e suficientes para razões *sabermos* que as respostas cristãs são verdadeiras. Não acredito que haja um salto de fé necessário; existem boas e suficientes razões para saber por que o Cristianismo é verdadeiro – mais do que isso: a própria Bíblia insiste neste ponto. A ênfase bíblica é que existem suficientes e boas razões para *saber* que o Cristianismo é verdadeiro, tanto que somos desobedientes e culpados, se não o acreditamos.

O sistema cristão (o qual é ensinado por toda a Bíblia) é uma unidade de pensamento. O Cristianismo não é apenas um monte de fragmentos e pedaços – há um começo e um fim, todo um sistema de verdade – e este sistema é o único que resistirá a todas as questões que nos serão apresentadas, à medida que somos confrontados com a realidade da existência. Algumas das respostas dadas por outros sistemas até respondem a algumas das questões, mas deixam outras em aberto. Acredito que somente o Cristianismo dá as respostas a todas as questões cruciais.

Quais são estas questões? As questões são aquelas que nos são apresentadas à medida que encaramos a realidade da existência. Deus nos amarra à realidade. Não podemos escapar da realidade daquilo *que é,* não importa o que digamos ou acreditamos ou pensemos.

Esta realidade da qual estou falando divide-se em duas partes: o fato de que o universo realmente existe e tem forma, e depois, o que eu chamaria de "hombridade"* do homem – que é o meu próprio termo para significar que o homem é único. As pessoas têm certas qualidades que devem ser explicadas.

Deus amarrou todas as pessoas a estas coisas, e eu sempre gosto de voltar à afirmação de Jean-Paul Sartre, embora ele não tivesse nenhuma resposta para a sua própria declaração, que a questão filosófica básica é que algo está aí. As coisas realmente existem, e isto demanda uma explicação para a sua existência. Iria mais adiante na declaração de Sartre, até chegar a uma de Einstein. Einstein dizia que a coisa mais impressionante sobre o universo é que podemos saber algo verdadeiramente sobre ele. Em outras palavras, ele tem urna forma inteligível, ainda que nós não sejamos capazes de exauri-la. E então, eu diria além disso – não importa o que as pessoas digam que são, elas são aquilo que elas são; isto é, o homem é único como ser feito à imagem de Deus. Qualquer sistema de pensamento, caso queira ser levado a sério, tem que, ao menos, tentar explicar estes dois grandes fenômenos do universo e do homem. Em outras palavras, estamos falando da verdade objetiva, relacionada à realidade e não simplesmente de algo que se encontra nas nossas próprias cabeças.

Agora, gostaria de adicionar um corolário a isso: Em *Whatever Happened*

to the Human Ruce?, especificamente nas notas extensivas do quinto capítulo, há um terceiro fator: a forma como a Bíblia se encaixa na história. Uma vez pronunciada esta afirmação, é extremamente excitante. É excitante, pois outras religiões não são fundadas na história; elas se situam em algum lugar "lá fora", ou você pode pensar nelas como existentes na sua própria cabeça – não importa o jeito que está olhando para elas. A Bíblia, porém, alega ser radicada na história. Não importa se estamos considerando o Antigo Testamento, ou se consideramos a história de Cristo, incluindo a ressurreição, ou as viagens de Paulo, insiste-se que é história real. Assim, temos agora três partes entrelaçadas. Usualmente, eu lidava com as duas primeiras, porque eu penso que elas sejam as duas que dizem mais respeito ao homem do século 20, mas a terceira parte está aí também. Temos que encarar a realidade do universo e o fato de ele ter existência e forma. Temos que encarar a realidade do caráter único do ser humano. Estamos em condições de discutir o fato de que a Bíblia tem raízes na história.

Gostaria de repetir que Deus amarra todo mundo ao fato de a realidade existir e todos são obrigados a lidar com a realidade *que é*.

Quando nos voltamos para a Bíblia, a Bíblia diz que, com base na criação do mundo por Deus e a partir de quem nós somos, há boas e suficientes razões para sabermos que as respostas bíblicas são verdadeiras. As pessoas chegam ao conhecimento de que isto é adequado, em diferentes níveis, dependendo da sua inteligência, sua educação, sua personalidade, e a forma como a sua mente funciona; mas, em algum ponto, elas chegam ao lugar em que de fato há respostas que deveriam ser boas, suficientes e adequadas.

Portanto, o que você tem é o fluxo da totalidade da realidade – ao invés de estarem focadas somente nas coisas religiosas, as coisas religiosas são uma parte da realidade. E ao invés deste conceito ser contrário à Bíblia, é este o modo em que a Bíblia foi escrita. Não se trata somente de um "livro religioso"; a Bíblia encontra-se radicada na história espaço-temporal e fala da totalidade do realidade.

A glória da Bíblia é que ela é suficiente para cada época e suficiente para cada pessoa. Quando a consideramos desde os primeiros capítulos do Gênesis até Deuteronômio, dado por volta de 1500 a.C. a Moisés, ela deu a verdade àquelas pessoas naqueles dias. Chegamos à nossa era, nós conhecemos muitas coisas que aquelas pessoas não sabiam sobre o cosmos, todo o tipo de coisas, aqueles mesmos capítulos (e todo o resto da Bíblia) bastam para dizer-nos a verdade. Se Cristo não voltar em mais 500 anos, as pessoas saberão mais do que sabemos hoje, e a Bíblia continuará fornecendo-lhes a verdade. Assim, não importa se lidamos com o indivíduo, não importa qual o seu nível de educação, sofisticação etc., ou qual é a época em que vivemos, com qualquer conhecimento que tenhamos: a Bíblia é suficiente para dar respostas às questões levantadas pela realidade.

Quando as pessoas recusam a resposta de Deus, elas estão vivendo em oposição à revelação do universo e contra a revelação que trazem em si mesmas. Estão negando a revelação de Deus sobre *quem* eles mesmos são. Não estou dizendo que não-cristãos não vivam à luz da existência real. Estou dizendo que eles não têm qualquer resposta do porquê vivem nela. Não estou dizendo que eles não têm senso de moral, mas que eles não têm fundamento para isso. Não estou dizendo que a pessoa com um sistema não-cristão (mesmo um sistema radical, como o do Budismo, do Hinduismo ou do pensamento

relativista ocidental moderno) não sabe que o objeto existe – o problema é que eles não têm um sistema para explicar a correlação entre sujeito e objeto. Esta é a sua maldição, esta é a sua tensão, ter de viver à luz da sua existência, à luz da realidade – a realidade total em todas estas áreas – viver ali, por mais que não tenham explicações suficientes para nenhuma dessas áreas. Assim, quanto mais sábios são, quanto mais honestos são, mais se sentem tencionados, e esta é a sua maldição presente.

Não há lugar algum para onde as pessoas possam ir, onde possam escapar das coisas relativas à graça que Deus lhes deu para amarrá-las à realidade que existe. E, se amamos as pessoas o suficiente, e temos compaixão suficiente, podemos normal mente encontrar formas de conversar com elas, não importando o quão profundo elas estejam no poço. É isso que eu estou dizendo. Não se trata de usarmos uma fórmula universal para alcançar as pessoas, por meio da evangelização ou da apologética.

Quando dizemos que uma pessoa está perdida, normalmente pensamos em evangelisticamente perdida, que ele ou ela é um pecador e necessita aceitar a Cristo como seu Salvador. Mas precisamos perceber que estas pessoas não sabem que estão evangelisticamente perdidas. Como poderiam? Elas não acreditam que haja qualquer tipo de bem ou mal, elas não acreditam que haja um Deus, elas não acreditam que haja um absoluto, não há razão para elas considerarem a si mesmos pecadoras. Poucas ainda acreditam em culpa. Tudo o que existe é "mal-estar" ou "sentimentos de culpa" ou "inconformismo sociológico". Não existe esta coisa de culpa verdadeira. Qual o sentido de estarmos falando sobre aceitar a Cristo como Salvador para uma pessoa dessas? Mas toda a nossa geração tem uma segunda sensação de estar perdido, que é válida: ela perdeu o sentido do mundo, ela perdeu qualquer propósito, ela perdeu a moral, ela perdeu toda a base para a lei, ela perdeu os princípios finais e respostas finais para qualquer coisa. Estas pessoas sabem que estão perdidos neste sentido. Quando nos voltamos para a Bíblia, a Bíblia deixa claro que de fato elas estão perdidos em ambos os sentidos – estão evangelisticamente perdidos; mas, sem Deus, eles estão igualmente perdidos no sentido moderno.

Esta perdição é respondida pela existência do Criador. Assim, o Cristianismo não começa com a ordem "aceite a Cristo como o seu salvador". O Cristianismo começa por "No princípio criou Deus os céus (a totalidade do cosmos) e a Terra". Esta é a resposta ao século 20 e à sua perdição. Neste ponto, estamos então prontos para explicar a segunda perdição (a causa original de toda a perdição) e a resposta da morte de Cristo.

Em resumo: Deus, na sua infinita graça, amarrou-nos, pela totalidade da realidade, às respostas bíblicas–isto é, há boas, adequadas e suficientes razões para sabermos que as respostas cristãs são verdadeiras – tanto que se não nos curvarmos a estas respostas, a Bíblia diz que estamos sendo desobedientes e culpados.

Todos aqueles que fazem objeções contra o posicionamento de que há boas, adequadas e suficientes razões para se *saber pela nossa razão* que o Cristianismo é verdadeiro, ficam relegados, em algum ponto, a uma *abordagem probabillstica.* Em algum ponto e em alguma terminologia, eles são relegados a um salto de fé. Isto não quer dizer que eles não sejam cristãos, mas quer dizer que eles estão oferecendo somente *uma probabilidade a mais* às pessoas relativistas do século 20, para as quais tudo são apenas probabilidades. Eles estão oferecendo mais um salto de fé sem razão (ou às severas custas da razão) para a geração que ouviu a proposta de milhares de saltos de fé quanto a coisas cruciais da vida humana. Eu repetiria que o que resta é que o Cristianismo não é mais que uma probabilidade.

É claro, a fé é necessária para tornar-se cristão, mas há dois conceitos concernentes à fé. As duas idéias de fé comportam-se da seguinte forma: uma idéia de fé seria um salto cego no escuro. Um salto cego em que você acredita em algo sem razão (ou sem razão adequada) – você apenas acredita. É isso que eu quero dizer com salto cego no escuro. A outra idéia de fé, que não tem nenhuma relação com esta, nenhuma mesmo, é que lhe pediram para acreditar em algo e curvar-se diante de algo, com base em razões boas e adequadas. Não há nenhuma relação entre estes dois conceitos de fé.

O conceito bíblico de fé é muito mais o segundo e não tanto o primeiro. Ninguém está pedindo para acreditar num salto de fé cega. A Bíblia ensina que há razões boas e suficientes para se saber que estas coisas são verdadeiras. Se você for examinar o ministério de Paulo e também o de Cristo, verá que eles respon diam incansavelmente a perguntas. Não há nenhum conceito aqui do tipo "Fique quieto, apenas acredite" ; isso simplesmente não existe. Paulo respondeu às questões dos judeus, respondeu aos questionamentos dos não-judeus, ele estava sempre respondendo questões; e o livro de Romanos certamente respondeu às questões daqueles sem a Bíblia, bem como daqueles que a tinham.

Há razões boas e suficientes para se saber que todas estas coisas são verdadeiras. Até aqui tratamos do fato de que a realidade existe e que todos têm que lidar com a realidade: (1) a existência do universo e sua forma: (2) o caráter distinto do homem; e (3) é possível relacionar isso a um terceiro elemento, que é o exame da historicidade das Escrituras.

Mas agora podemos fazer outra pergunta. Se é assim, e há razões boas e suficientes para se saber que o Cristianismo é verdadeiro, então por que todos não aceitam estas respostas suficientes?

Temos de reconhecer que o Cristianismo é a religião mais fácil de todo o mundo, pois é a única religião na qual Deus o Pai, Cristo e o Espírito Santo fazem tudo. Deus é o Criador; nós não temos qualquer coisa a fazer com a nossa existência, nem a existência das outras coisas. Podemos até moldar as outras coisas, mas não podemos mudar o fato da existência. Não fazemos qualquer coisa para a nossa salvação porque Cristo já fez tudo. Não temos o que fazer. Em todas as outras religiões temos que fazer algo – tudo, desde queimar incenso para sacrificar nosso filho primogênito até jogar unia moeda na fonte de sorte – todo um espectro de coisas. Mas com o Cristianismo não temos que fazer qualquer coisa; Deus fez tudo isto: ele nos criou e enviou o seu Filho; seu Filho morreu e, porque o Filho é infinito, por esta razão ele carrega toda a nossa culpa. Não precisamos carregar a nossa culpa, nem precisamos merecer o mérito de Cristo. Ele fez tudo isso. Assim, de certa forma, é a religião mais fácil do mundo.

Mas podemos dizer igualmente o contrário, de que é a religião mais difícil do mundo, pela mesma razão. O coração da rebelião de Satanás e do homem estava no desejo de ser autônomo; e aceitar a fé cristã não nos rouba nossa existência, não nos rouba nosso valor (isso nos dá valor), mas isso nos rouba completamente a nossa autonomia. Não nos fizemos a nós mesmos, não somos produto do acaso, não somos nada disso; estamos diante de um Criador e mais nada, estamos diante do Salvador e mais nada — trata-se de uma negação completa de ser autônomo. Não importa se é consciente ou inconsciente (e nas pessoas mais brilhantes isso *é,* por vezes, consciente): quando reconhecem a suficiência das respostas no seu próprio nível, elas repentinamente se levantam contra a sua humanidade mais íntima—não humanidade como foram criados para serem, mas humanidade no mau sentido, pela queda. Esta é a razão pela qual as

pessoas não aceitam as respostas suficientes e porque eles são considerados por Deus desobedientes e culpados quando não se curvam a isso.

As pessoas estão vivendo contra a revelação de si mesmos. Eles estão negando a revelação de Deus que eles mesmos e toda a realidade são. Quando a pessoa chega a reconhecer que há boas e suficientes razões, então ela depara com um problema; ou se curva diante dessas boas e suficientes razões, *e curvam-se diante de Pessoa que há por trás das razões,* ou ela se recusa a curvar-se.

Não se trata de não serem boas, adequadas e suficientes respostas. A menos que se abra mão da autonomia, *não será possível* aceitar estas respostas.

Racionalismo

Algumas vezes disseram que meu jeito de discutir "apologética" é uma forma de racionalismo.

Em primeiro lugar, uma definição de palavras é de grande ajuda: um racionalista *é* alguém que pensa que o homem pode começar consigo mesmo e sua razão mais o que ele observa, sem nenhuma informação de nenhuma outra fonte, e chegar a respostas finais com relação à verdade, ética e realidade. Em contraste com as palavras *racionalista* ou *racionalismo, racionalidade* diz respeito à validade do pensamento, ou à possibilidade de raciocinar.

Alguns dos que tem dito que sou um racionalista também que eu sou aristotélico — isto é, que o meu pensamento foi influenciado por Aristóteles. Os que assim agem, normalmente (quando não sempre) sustentariam a posição de que o pensar em termos de antítese teve sua origem em Aristóteles. O termo *antítese* envolve o conceito de que, se determinada coisa é verdadeira, o oposto é falso; ou se determinada coisa é certa, o oposto é errado. Seria bom para você aqui repensar tudo o que eu disse sobre a antítese neste livro e também em *Escape From Reason.* Em *The God Who Is There,* minha nota 5 do capítulo 3 da parte 111, referente a Heidegger, *é* importante quanto a esta discussão.

Heidegger, e outros que sustentam a visão de que o pensamento racional em termos de antítese começou com Aristóteles, não têm base histórica para isso. O pensamento racional, como antítese, não se encontra radicado em Aristóteles, mas encontra-se radicado na realidade: em primeiro lugar, a realidade da existência objetiva de Deus em antítese à sua não-existência; segundo, a realidade de que Deus é um Deus pessoal infinito para quem nem todas as coisas são iguais, em antítese a um Deus impessoal e/ou limitado, ou um Deus que não faz distinções no campo da verdade ou da moral; terceiro, a realidade da existência objetiva daquilo que Deus criou, em contraste com o que ele não criou; quarto, o que as pessoas fazem ou constroem ou pintam ou pensam etc. em contraste com o que não existe. No campo da moral, a antítese repousa sobre o que se conforma com o caráter de Deus, em contraste ao que se opõe a isso.

Além disso, nossas mentes são criadas por Deus de tal forma que pensamos por

antíteses: isso é tão verdadeiro que a única forma de uma pessoa negar a antítese é com base na antítese. Não é nada surpreendente o fato de que Deus fez nossas mentes para pensar em categorias de antíteses, pois isso se encaixa na realidade da sua existência e na realidade de sua criação.

Quando determinadas pessoas falam daqueles que apostam na racionalidade (com relação ao fato de as respostas cristãs serem adequadas e suficientes) como sendo aristotélicos ou racionalistas, eles mesmos devem voltar atrás e repensar se não estão encurraladas na irracionalidade, não somente nesta discussão, mas igualmente em outras áreas.

Como eu disse acima, um racionalista *é* uma pessoa que acha que o homem e sua razão podem chegar a respostas sem informações de qualquer outra fonte. Ninguém destaca mais do que eu o fato de que as pessoas não têm respostas acabadas quanto à verdade, à moral ou à epistemologia, sem a revelação de Deus na Bíblia. Isso é verdade na filosofia, na ciência e na teologia. O racionalismo pode assumir uma forma secular ou teológica. Em ambas, o racionalista pensa que é possível, com base na razão do homem mais aquilo que ele pode ver sobre si, encontrar respostas finais. Meus livros frisam que o homem não é capaz de gerar respostas finais por si mesmo. Em primeiro lugar, mesmo antes da queda, o homem era finito e necessitava do conhecimento que Deus lhe deu (Revelação). Em segundo lugar, deste lado da queda, isso é ainda mais necessário.

Neste ponto, gostaria de sugerir uma releitura da minha ilustração do livro rasgado em *The God Who There*. Como cristãos, realmente temos as respostas para as questões colocadas pela realidade. Mas não *pensamos* estas respostas, não geramos as respostas, não somos a origem das respostas — nós as conhecemos pela revelação de Deus. Este é precisamente o oposto do racionalismo.

Por outro lado, a Bíblia não diz que o homem é um zero. Esta visão seria que, desde a queda, o homem não pode fazer nada, ele só fica sentado por aí, e, de repente, um raio fulminante corta o céu e ele se toma um cristão. Mas a Bíblia não diz isso. Como eu disse, a Bíblia frisa que o indivíduo é culpado diante de Deus, se ele não se curva à luz da adequação das respostas bíblicas para as questões impostas pela realidade. O indivíduo tem a responsabilidade de curvar-se diante das respostas que a razão indica que são suficientes e *necessárias.2*

O trabalho do Espírito Santo e a responsabilidade que tenho como criatura feita à imagem de Deus não pode ser forçada para dentro de uma fórmula matemática cartesiana. Mas isso é diferente de dizer que o homem seja capaz de encontrar as respostas finais por sua razão finita (e caída) somente, ou que o homem, como ele é atualmente, é um zero. A Bíblia rejeita a ambas posições.

E, por falar no equilíbrio da obra do Espírito Santo e a responsabilidade da pessoa em ser humilde o suficiente para abrir mão da sua autonomia e curvar-se diante das respostas adequadas, assim também, à medida que oferecemos as respostas adequadas e suficientes (que nós não geramos, mas que temos com base na Bíblia), temos conscientemente que orar pela obra do Senhor. Dar respostas não contradiz o fato de sermos cuidados em não minimizar o trabalho do Espírito Santo. Se estiver falando com um só indivíduo ou de um púlpito para cinco mil pessoas, respondendo questões, freqüentemente, mais frequentemente do que a maioria das pessoas pensa, estou orando por elas. Não há absolutamente nenhuma contradição entre uma oração como esta, na expectativa de que o Senhor responderá esta oração, e mostrar que a Bíblia oferece estas boas, adequadas, suficientes e necessárias respostas para as questões levantadas pela realidade de que os ouvintes são verdadeiramente desobedientes e culpados, se eles não se curvarem.

Evangelismo e estilo de vida

As pessoas muitas vezes dizem "O que é você?" e às vezes tenho dito "bem, basicamente, sou um evangelista". Mas às vezes não acredito que as pessoas tenham entendido que isso não significa que penso que um evangelista não possa tratar as questões filosóficas, intelectuais ou culturais com o devido cuidado.

Eu não sou um filósofo profissional ou acadêmico—esta não é a minha vocação, e estou contente com o chamado que tenho, e estou igualmente grato que algumas outras pessoas têm o outro chamado. Mas quando digo que sou um evangelista, isso não significa que penso que a minha filosofia. não seja válida —acho que ela é. Por exemplo, a resposta que dei em *He h There and He Is Not Silent,* penso eu, é a resposta real quanto à epistemologia. Isso não quer dizer que todas as minhas respostas estejam corretas. Nem quer isso dizer que o filósofo mais acadêmico não pudesse lidar com mais dos detalhes necessários. O que estou dizendo é que nenhum material cultural, intelectual ou filosófico deve ser separado da missão de conduzir as pessoas a Cristo. Penso que a minha fala sobre a metafísica, moral e epistemologi a a certos indivíduos faz parte da minha evangelização, da mesma forma que quando chega ao momento de mostrar-lhes que eles são moralmente culpados e lhes conto que Cristo morreu por eles na cruz. Eu não vejo ou sinto qualquer dicotomia: esta é precisamente a minha filosofia e este é *precisamente* o meu estilo de evangelizar. Tudo depende de evangelizar as pessoas que foram pegas pelo segundo tipo de perdição a que estávamos nos referindo — sendo que a segunda perdição nada mais é do que o fato de que eles não têm nenhuma resposta às questões de sentido, propósito etc.

Nós temos sempre que perceber, e nunca será demais repeti-lo, que o Cristianismo é um ensinamento centrado na criação. Não se trata do simples fato de que, de repente, por alguma razão estranha e vinda do nada, se você aceitar a Cristo como salvador, estará dentro. Esta é uma parte da estrutura total. O Cristianismo é um *sistema,* e eu diria que eu não tenho desculpa para usar a palavra *sistema,* embora não seja permissível ser um mero sistema acadêmico ou teológico ou intelectualismo morto. No sentido mais adequado da palavra, Deus é sistemático na sua criação e revelação.

Ele tem de estar com o homem por inteiro vindo a saber que é verdade, agindo de acordo, vivenciando-o em sua vida e servindo a Deus. Mas trata-se de um sistema, que começa pelo fato de que há um Criador, há um Deus, o Deus trino que sempre existiu. Ele criou todas as coisas, de forma que nada é independente dele.

Assim, a apologética, como eu a encaro, não deve ser de forma alguma separada da evangelização. De fato, eu me pergunto se a "apologética" que não leva as pessoas até a Cristo como salvador, e depois para o viver sob o senhorio de Cristo, na verdade pode ser considerada apologética cristã. Certamente, há lugar para um estudo acadêmico de um assunto chamado "apologética", como defesa e credibilidade do Cristianismo mas, se ela não levar os estudantes a usar o material da forma pela qual eu estava falando no parágrafo anterior, o seu valor poderá ser questionado.

Há certamente espaço para o estudo da filosofia como disciplina escolar em maiores detalhes. Este também pode ser um chamado cristão. Mas, se o curso total não der respostas, de forma que os estudantes sejam deixados com nada mais do que probabilidades a respeito do Cristianismo, isto é muito menos do que um curso de filosofia pode e deveria ser. Para mim, existe uma unidade na realidade, e podemos dizer que ou todos os

campos de estudo fazem parte da evangelização (especialmente útil para certas pessoas no mundo); ou então poderemos dizer que não há evangelização verdadeira que não toque toda a realidade e toda a vida.

Há ainda aqueles que aprovariam (ou louvariam) o "estilo de vida", a ênfase na comunidade, em L' Abri, mas que estabeleceriam uma diferença radical em relação ao que está sendo ensinado aqui. A sua desaprovação normalmente recai em algo com o que lidei acima sob os títulos de *Apologética, Racionalismo* e *Evangelização e Estilo de Vida.*

Certamente não há perfeição de comunhão em L' Abri, mas somos gratos pelo que tem havido (e há) de realidade e beleza nele.

Para nós, o que tem havido de realidade de comunhão é *viver verdadeiramente,* a partir do que a verdade é. Sem a certeza desta verdade e o conteúdo desta verdade, o chamado para a comunhão perder-se-ia no ar e não passaria de mais uma utopia. O que tem havido de realidade de comunhão repousa sobre o que é ensinado aqui.

Nosso chamado não *é* em primeira instância para um estilo de vida alternativo. Considerando o que a Bíblia ensina, o mais importante não é a palavra *comunhão,* nem a forma prática que esta comunhão passa a assumir.

Nosso chamado primário é para a verdade como radicada em Deus, em seus atos e revelação; e, se realmente for verdadeira, ela diz respeito à totalidade da realidade e à totalidade da vida, incluindo uma base adequada para e alguma prática da realidade da comunhão.

1981

Apêndice B

O PROBLEMA DA IGREJA DE CLASSE MÉDIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO 20

Minha esperança é que este livro seja útil em ajudar o evangelicalismo ortodoxo a que seja algo capaz de demonstrar força e beleza na segunda metade do século 20.

Para que o evangelicalismo seja assim, ires princípios devem ser observados:

1. A posição doutrinária do Cristianismo histórico deve ser claramente mantida por inteiro.

2. A cada questão honesta deve ser dada uma resposta honesta. Não é bíblico para qualquer um dizer "somente acredite".

Deve haver demonstração individual e coletiva de que Deus existe em nosso século, a fim de mostrar que o Cristianismo histórico é mais do que apenas urna dialética superior ou um ponto de integração psicológica melhor.

Há duas partes da nossa sociedade com as quais nós falhamos, de forma ampla e irrestrita, em nos comunicar — os intelectuais, de um lado, e os trabalhadores, de outro. O problema de grande parcela dos membros das nossas igrejas pertencerem à classe média transforma-se em uma pressão real por este motivo, e também quando percebemos que estamos perdendo filhos de pais cristãos, pois estes já não aceitam o contexto de classe-média nem em casa, nem tampouco na igreja local.

Nas duas áreas de importância crescente, a das idéias e a da aplicação da moral, a maioria das igrejas tem pouco a dizer, para intelectuais ou para trabalhadores ou, muito freqüentemente também, para os jovens dos lares cristãos.

Trabalhando na Suíça, conheci vários filhos de cristãos, provenientes de muitos países diferentes, que estavam honestamente confusos. Eles freqüentemente acham que as respostas que eles têm recebido simplesmente não tocam os problemas que são os *seus* problemas. Mas esta observação não é inferida apenas das muitas pessoas que vêm até nós na Suíça, mas também das viagens por grande parte do mundo ocidental, palestrando em muitos lugares diferentes.

Por isso, minha opinião sincera e refletida é que, se a Igreja de hoje está realmente preocupada em quebrar o formato de classe-média e ir ao encontro dos intelectuais, trabalhadores e pessoas jovens onde estas estiverem, ela precisa empreender uma tentativa honesta e corajosa de implementar todos os três princípios acima. É isso que nós, que estamos trabalhando juntos na Missão L'Abri, temos buscado, pela graça de Deus, muito embora de forma totalmente inadequada, colocar em prática, e temos muitos homens e mulheres do século 20 alcançados pelo Evangelho. A nossa conclusão é que todos os três pontos são imperativos, sempre que a Igreja está buscando seriamente falar a estas pessoas da nossa geração.

Não pensamos que o material e a visão deste livro estejam relegados a algumas poucas obras cristãs exóticas, as quais estão apelando a um grupo intemacional de intelectuais e pessoas criativas. Muitos daqueles que gastaram seu tempo para cultivar este material estão agora o usando com as pessoas com menos anos de estudo, com resultados bastante encorajadores. Somos gratos por isto.

Porém, mais do que isso, estamos convencidos de que um uso completo deste material seria de grande ajuda também nas igrejas de "classe-média" e nas instituições que constituem muito do mundo evangélico e da ortodoxia de hoje. Em primeiro lugar, isto daria uma nova dimensão de valor em Cristo para aquelas igrejas, missões e instituições. Segundo, seria muito mais difícil para aqueles que estão prestes a descartar estas pessoas como uma subcultura, representando amplamente só o passado. Terceiro, eles protegeriam *sua* próxima geração. Os cristãos estiveram no perigo não somente de não entender, mas também de não levar a sério os problemas dos seus filhos.

Devo dizer que estou profundamente preocupado não apenas com o que encontro entre as nossas igrejas ocidentais, mas também com o que confronto no meio dos convertidos cristãos do outro lado do oceano. Em várias ocasiões, quando eu ministrava palestras a grupos internacionais, eu me senti feito em pedaços pela situação daqueles do outro lado do oceano que foram educados em escolas missionárias para depois serem enviados nus para o mundo do século 20.

O trabalho do Espírito Santo jamais deve ser minimizado, mas, em nenhum lugar das Escrituras poderemos encontrar na obra do Espírito Santo desculpas para preguiça ou falta de amor da parte daqueles que têm responsabilidade cristã. Nem poderemos jamais considerar o Espírito Santo fora de moda, no sentido pejorativo desta expressão.

Uma palavra de aviso. Aqui, *captar* e *aplicar* os princípios que estávamos buscando explicar não é somente memorizar uma estrutura ou terminologia estática; isto apenas seria outra coisa morta. Uma das alegrias de nosso trabalho é ver tantas pessoas, jovens e professores mais maduros, transmitindo o seu pensamento às suas próprias disciplinas acadêmicas e às artes, e desenvolvendo-as ao longo das linhas dos seus respectivos campos de interesse.

À medida que buscamos identificar os problemas, há duas coisas que devemos tentar evitar de todas as formas, não importando se estamos engajados no ensino, trabalho missionário ou algum aspecto da vida da igreja local.

A primeira: sentar e aceitar a situação presente, simplesmente por causa da inércia causada por aqueles que falam do problema dos jovens nas igrejas e também acerca de missões, mas que simplesmente não querem questionar o familiar, porque é dolorido fazer isto. O problema é que as igrejas ortodoxas, instituições e programas evangélicos estão hoje muitas vezes sob o controle daqueles que se encontram nesta categoria. Este controle é tanto institucional quanto financeiro. Assim, há uma tendência de não "balançar o barco". Esta responsabilidade não pode ser alcançada pelos jovens por eles mesmos, nem pelos jovens ministros e jovens missionários sozinhos.

Os cristãos maduros, bem como aqueles que estão em postos de responsabilidade, devem ter a coragem de distinguir, sob orientação do Espírito Santo, entre a verdade bíblica imutável e as coisas que meramente se tornaram confortáveis para nós. Muitas vezes ouvimos as pessoas falarem de "o puro e simples Evangelho", quando, na realidade, elas não estão realmente preocupadas o suficiente com aqueles que se encontram fora das igrejas, ou até mesmo com os seus próprios filhos, para estarem dispostos a encarar o que a simples pregação do Evangelho significa em uma situação dinâmica e complexa.

Segunda: o desenvolvimento de um elitismo ou esnobismo cultural. Isto pode facilmente ocorrer, a menos que ajudemos uns aos outros a não cair nele. Uma atitude como esta faz o Espírito Santo sofrer, destrói mais do que constrói e é mais ofensivamente horrível do que qualquer coisa pode ser.

Estaremos sempre cometendo erros, mas, pela graça de Deus, temos que tentar evitar tanto estes dois erros corno uma escolha entre eles.

Após um pensar considerável e da experiência prática de tentar em vários países, eu sugeriria que os dois conceitos seguintes sejam impressos nas mentes, à medida que treinamos nossos jovens para que assumam toda a sua parcela na obra cristã de nossos tempos.

Em primeiro lugar, devemos nos lembrar de que aqueles que constituem o corpo das igrejas e as instituições também são ovelhas de Deus. Eles necessitam de cuidados e de ajuda tanto quanto os intelectuais, as pessoas criativas e as pessoas jovens que estão se tornando as pessoas do século 20. Quando um pastor aceita o chamado de ir a uma igreja particular, o seu chamado é para ministrar a toda a congregação. Aqueles que não se importam nem um pouco com os novos problemas devem ser alimentados e pastoreados. Por isso, a pregação geral e o ensino na igreja evangélica de classe-média não devem ser de natureza tal que os confunda, machuque-os ou deixe-os morrer de fome.

Por outro lado, nada deve ser pregado ou ensinado nos cultos e classes que tenha que ser desaprendido, à medida que as pessoas jovens e outros lêem e discutem os problemas mais profundos ou vão para a universidade. Eu sugeriria que todas as escolas dominicais, classes de estudo bíblico e material educacional devam ser preparados com isto em mente. Devemos fazer a questão: "Será que se trata de um material de tal natureza que possa ser estendido por pessoas com dezenove anos de estudo honesto sem se provar como sendo falso?"

Isso significaria mais atenção à preparação de sermões, material para as lições, notas de estudo bíblico e assim por diante. Nem todo mundo será igualmente adepto disto, mas todos seriam ajudados, se as escolas cristãs, seminários e faculdades teológicas, escolas bíblicas, institutos de treinamento de missionários e editoras fixassem um programa, a fim de evitar que se cometam os velhos erros e omissões, e adicionar algo ao seu pessoal que foi treinado para pensar numa forma de total apologética

cultural. Este programa poderia ser montado para estar operante em uma dada data, digamos, em um prazo de três anos.

Assim, a minha primeira sugestão seria esta: o ensino e a pregação geral devem ser de tal natureza que alimente e cuide daqueles que fazem o corpo da congregação ou instituição, ainda mantendo em mente que nada pode ser ensinado que deva ser desaprendido, pois problemas mais profundos seriam evitados mais tarde.

Em segundo lugar, eu sugiro que sejam reservados momentos especiais, na igreja, instituição ou missão, para que aqueles que nela estão, ou que estão vindo a ela, e que estão enfrentando os problemas do século 20, possam conseguir aquilo que precisam. A ocasião pode ser uma conversa, discussão ou seminário. Seria valioso se aqueles que afirmam não ter nenhuma filiação com a igreja pudessem ser trazidos para a discussão também. Não tem de ser um grande encontro, ou mesmo ser amplamente divulgado, mas, antes, a reunião daqueles de dentro e de fora da igreja que desejam avançar. Nem quer isso dizer uma reunião de puramente intelectual, pois, se formos suficientemente a fundo nas questões intelectuais, atingiremos problemas espirituais e realidades profundas. E, quando alguém vai fundo o suficiente na espiritualidade, acaba tocando os verdadeiros problemas e realidades intelectuais.

Homens e mulheres, desta forma treinados, terão assim a oportunidade, quando forem para o outro lado do oceano ou penetrem territórios desconhecidos em seu lar, de entender quais problemas do século 20 as pessoas estão enfrentando.

Então, parece-me que um curso de homilética ou apologética que não busca conscientemente implementar estas duas sugestões hoje é, na verdade, uma preparação para a falha e o sofrimento.

As conferências e outros eventos cristãos poderiam ser um lugar para o cuidar daquelas considerações em um nível mais profundo e extensivo. É certo também que aqueles que têm res ponsabilidade pelos programas de rádio e televisão cristãos poderiam, ao menos, encontrar pequenas brechas para aqueles que, em muitos lugares, compõem a maior parte da população.

Desta forma, todos poderiam ser alimentados e, se não forem introduzidos muito rapidamente, mas antes com muita ênfase no crescimento espiritual e amor, assim como na compreensão, na maioria dos casos não haveria de existir duas "igrejas" sob um só teto, ou nem mesmo uma explosão.

Ainda sim, eu diria, alguns abalos valem mais a pena do que permitir que aqueles que se encontram fora e nossos próprios jovens que estão buscando respostas reais fiquem abalados com a poeira sempre e muito presente.

Apêndice C

A PRÁTICA DA VERDADE

> Quanto ao primeiro dos princípios dos quais falamos no início do anexo B (A *Doutrina completa do Cristianismo histórico deve ser claramente mantida),* me parece que o problema central da ortodoxia evangélica na segunda metade do século 20 é o problema da *prática* deste princípio. Isso vale, em especial, quando levamos em consideração a mentalidade espiritual e intelectual predominante no nosso século. Qualquer consideração de métodos e programas deve ser secundária em relação a este problema central.

Se uma ênfase clara e inequívoca da verdade, no sentido de antítese, for removida, duas coisas acontecem: em primeiro lugar, o Cristianismo e as próximas gerações são enfraquecidas, enquanto Cristianismo verdadeiro; e em segundo, devemos estar nos comunicando somente com aquela porção minguante da comunidade, que

ainda pensa em termos do conceito mais antigo da verdade. Não estamos minimizando o trabalho do Espírito Santo. Deveríamos lembrar, entretanto, que nossa responsabilidade é de comunicar de forma que aqueles que ouvirem o evan gelho entendam. Se não comunicamos claramente com base na antítese, muitos responderão à sua própria interpretação do evangelho, em suas próprias formas de pensar relativista, incluindo um conceito de sentimentos de culpa psicológicos, ao invés de culpa moral real diante do Deus sagrado e vivo. Se eles respon-derem desta forma, eles não entenderam o Evangelho; eles continuam perdidos, e nós falhamos na nossa tarefa de pregar e comunicar o Evangelho à nossa geração.

A unidade do Cristianismo evangélico deve centrar-se em tomo desta ênfase na *verdade.* Isso sempre é importante, mas dificilmente o será quando estamos rodeados por muitos para os quais o conceito de verdade, no sentido de antítese, é considerado totalmente impensável.

Neste contexto, o problema da comunicação *é* muito sério; ele só pode ser superado pelas declarações negativas que dizem claramente o que *não* estamos dizendo, de modo que o homem do século 20 compreenda a afirmação do que *estamos* dizendo. Além disso, em uma era de sínteses, a humanidade não levará a sério nossos protestos pela verdade, a menos que eles vejam pelas nossas ações que estamos *praticando* a verdade e a antítese, na unidade que tentamos manter e nas nossas atividades. Sem isso, em uma era de relativismo, não podemos esperar que a igreja evangélica ortodoxa signifique muito para a cultura em redor ou mesmo para os próprios filhos da igreja. O que tenta-mos dizer, através dos nossos ensinamentos e evangelização, será entendido na forma de pensamento sintético do século 20. Tanto uma compreensão clara da importância da verdade e uma prática clara da mesma, mesmo se for custoso agir assim, são imperativas, se o nosso testemunho e a nossa evangelização devem ser significativos na nossa geração e no fluxo da história.

Parece-me que alguns evangélicos estão evitando qualquer tentativa mais séria de mostrar verdade e antítese. Tem surgido uma tendência de se passar da falta de seriedade eclesiástica com respeito à verdade para a mesma tendência no que diz respeito a uma cooperação mais ampla. Isso, muitas vezes, acaba levando à morte na prática, se não na teoria, da importância dada à verdade doutrinária enquanto tal.

Assim, é preciso ser dito que, apesar do (ou mesmo por causa do) comprometimento com a evangelização e cooperação entre cristãos, posso visualizar tempos nos quais o único modo de tornar clara a seriedade daquilo que está em jogo, em relação a um serviço ou uma atividade em que o evangelho vai ser pregado, *é não aceitar* uma participação oficial se nomes cuja doutrina é conhecida como sendo inimiga estão vindo a ser convidados oficialmente para participar também. Em uma época de relatividade, a *prática* da verdade quando ela é custosa é o único caminho para provocar o mundo a levar a sério os nossos protestos com relação à verdade. A cooperação e unidade que não leva à pureza de vida e pureza de doutrina são tão falhas e incompletas quanto uma ortodoxia que não leva à preocupação por e ao alcance efetivo daqueles que se encontram perdidos.

Há um perigo oposto a ser evitado. Alguns daqueles que lutaram pela verdade, tiraram o chão desta posição, não apenas por uma perda de beleza e amor, mas, na prática, pela perda da verdade no falar sobre o homem.

Muito freqüentemente, a única antítese que temos demonstrado ao mundo e aos nossos próprios filhos tem sido o nosso *Mar sobre* a santidade e o nosso *falar sobre* amor, muito mais do que o *praticar* a santidade e *praticar* o amor junto com a verdade, em antítese ao que é falso na teologia, na igreja e na cultura circundante.*